



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Psicologia**

**Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde**

**Desenvolvimento humano no contexto do voluntariado:  
interfaces com a ética e a sustentabilidade**

Maria do Amparo de Sousa

**Brasília – DF**

**Novembro de 2011**



**Universidade de Brasília**

**Instituto de Psicologia**

**Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde**

**Desenvolvimento humano no contexto do voluntariado:  
interfaces com a ética e a sustentabilidade**

Maria do Amparo de Sousa

Tese apresentada ao instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em processos de Desenvolvimento Humano e Saúde.

**ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silviane Bonaccorsi Barbato**

Brasília, novembro de 2011

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**  
**Programa de Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde**

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Silviane Bonaccorsi Barbato – Presidente  
Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia

---

Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Sandra Francesca Conte de Almeida - Membro  
Universidade Católica de Brasília – Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu em  
Psicologia e em Educação

---

Dra<sup>a</sup>. Ingrid Lapa de Camillis Gil – Membro  
Rede Sarah de Hospitais – Brasília

---

Prof. Dr. Alexandre Bernardino Costa - Membro  
Universidade de Brasília - Faculdade de Direito

---

Profa. Dra. Eda Maria de Oliveira Henriques – Membro  
Universidade Federal Fluminense - Centro de Estudos Sociais Aplicados  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

---

Profa. Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino – Suplente  
Universidade de Brasília- Instituto de Psicologia

Esta pesquisa recebeu auxílio financeiro da  
CAPES/DGU – Cooperação Internacional  
Brasil/Espanha, processo nº  
23038.004801/2008-88.

Para Alcindo, Anabel e Viner

## **Agradecimentos**

À Prof.<sup>a</sup> Silviane Barbato, pela disponibilidade intelectual, afetiva e de tempo. Agradeço também pela oportunidade de conhecer lugares e pessoas com quem tive a felicidade de experimentar o prazer da ética da acolhida e aprender sobre a vida em fronteira.

Aos participantes da banca, professores Sandra Francesca C. de Almeida (UCB), Ingrid Camillis Gil (Rede Sarah de Hospitais - Brasília), Alexandre Bernardino Costa (UnB), Eda Maria de Oliveira Henriques (UFF e UnB) e Lúcia Helena Pulino (UnB), pela disponibilidade.

À professora Ângela Branco (UnB), coordenadora brasileira do Projeto “Memória, Identidade e Cultura Cívica”, do Programa Hispano-Brasileiro de Cooperação Universitária, por ter aceitado meu ingresso nesse projeto.

Ao Professor Alberto Rosa, coordenador espanhol do projeto. Obrigada pela acolhida não apenas na Universidade Autónoma de Madrid (UAM), mas, na Espanha.

Ao Professor Boaventura de Sousa Santos (CES-UC), pela acolhida em seu seminário “Direito, justiça e cidadania no século XXI” (junho/2009) e à cidade de Coimbra, estendendo os debates e escuta para além da sala do seminário.

Ao Professor José Manoel Mendes (CES-UC), que, em meio às atribuições da coordenação do Colóquio Internacional “Risco e Estado num Mundo Globalizado” (2009), disponibilizou-se a ouvir sobre este estudo. Obrigada pelo estimulante reconhecimento da relevância da pesquisa sobre os processos de subjetivação no contexto do voluntariado.

À Professora Tereza Cristina pela acolhida e contribuições no início deste estudo.

Às professoras participantes da Banca de Qualificação, Larissa Polejack Brambatti (UnB) e Professora Maria Fernanda Gozález (UAM), pelas valiosas sugestões.

Às professoras do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília pelas aprendizagens possíveis, especialmente Denise, Beth, Eliane, Dora, Regina, Diva, Ione e Ana Magnólia. Agradecimento especial à Maria Cláudia pelo apoio também em Madrid.

Ao Professor Neder, do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS-UnB), pela disponibilidade para o debate transdisciplinar da sustentabilidade com a psicologia.

Ao Professor Elioenai, do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (UnB), pela aceitação, como ouvinte, e acolhida como aluna regular, em sua disciplina, Filosofia da Ciência da Saúde.

À Patrícia e à Alícia (UAM), coordenadoras do Voluntariado Universitário Internacional, pelas entrevistas, material bibliográfico e indicação de eventos sobre voluntariado em Madrid, no período do estágio sanduíche.

Ao Pau Vidal, coordenador do Observatorio del Tecer Sector (OTS - Barcelona), pela generosidade da entrevista e material bibliográfico cedido.

Aos colegas espanhóis, Nacho Brescó, Marta, Esther, Fernanda, Jorge e Elena pela acolhida que tornou mais fácil a minha vida pessoal e acadêmica do outro lado do oceano.

Aos colegas da Universidade de Coimbra, especialmente à Maria Betânia pelas sugestões metodológicas ao projeto naquele momento de reelaboração.

Ao grupo de pesquisa Pensamento e Cultura do Instituto de Psicologia da UnB, especialmente, Anaí, Ana Paula, André, Asdrubal, Cristina, Dani, Fabrícia, Fernanda, Gabriela, Ju, Nathalie, Patrícia e Stela pelas contribuições a este trabalho. Agradecimentos à Gabi também pela acolhida em Madrid.

À Juliana Caixeta (UnB), Cynthia Bisinoto (UnB) e Paulo França (Rede Sarah de Hospitais - Ba) pela parceria nas produções científicas e riqueza do processo.

Aos colegas e alunos da Universidade Católica de Brasília (UCB) pelas realizações conjuntas e apoio no período de doutorado. Agradecimentos especiais ao Lisboa pela leitura do item sobre ética.

Às amigas Consuelo, Maria José e Patrícia pelas substituições em sala, revisões, traduções e encontros na “creperia”, dando mais sabor a essa jornada.

À minha mãe, Josefa, por continuar aprendendo e, com isso, ensinando. Aos meus irmãos Joelma e Estêvão pelo apoio incondicional, confiança e carinho que sempre me dedicaram. Aos meus cunhados Célia e Sérgio pela ajuda em questões burocráticas, aliviando sobrecargas. Ao meu sobrinho Guilherme pelas traduções e comentários. A Isadora e Marco Túlio, pelos novos olhares.

Aos voluntários participantes desta pesquisa, pela generosidade que a tornaram possível.

Muito obrigada!

## SUMÁRIO

Sousa, M. A. (2011). <i>Desenvolvimento humano no contexto do voluntariado: interfaces com a ética e a sustentabilidade</i> . Brasília: Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.....	X
RESUMO .....	X
ABSTRACT .....	XII
Apresentação.....	14
Introdução.....	18
1ª PARTE.....	24
Capítulo I - Fundamentação teórica .....	24
1. Contribuições da psicologia .....	24
1.1. <i>Drawinghands</i> : cultura e ser humano.....	25
1.2. Experiência e construção do self.....	27
1.3. Esquemas intencionais.....	30
2. Ética: liberdade e utopia assente na solidariedade, justiça e responsabilidade.....	31
2.1. Caráter moral: imbricado de força de vontade, integridade e vontade moral.....	38
2. Voluntariado.....	41
3.1. Motivações, funções, consequências e ética .....	42
3.2. Contexto de fronteira, local de possibilidades .....	46
4. Sustentabilidade.....	50
4.1. Elementos de base de uma sociedade tendencialmente sustentável.....	52
2ª PARTE .....	56
Capítulo II – A pesquisa empírica.....	56
1. Metodologia: qualitativa, fenomenológica, dialética histórico-materialista .....	56
2. Método.....	60
2.1. O contexto: uma comunidade soropositivo.....	60



2.2.	Experiência da pesquisadora na comunidade: extensão universitária .....	64
2.3.	Participantes: sete voluntários, seis externos e uma moradora da comunidade.....	66
2.4.	Atividades desenvolvidas .....	67
2.5.	As entrevistas .....	68
2.6.	A análise .....	69
<b>Capítulo III.....</b>		<b>73</b>
<b>1- Resultados.....</b>		<b>73</b>
1.1	. <i>Mapa 1: Temas privilegiados nas narrativas sobre voluntariado/ser voluntário...</i>	79
1.2	. <i>Mapa 2: Indicadores relacionados aos conceitos de ética e, portanto, sustentabilidade .....</i>	101
1.3	. <i>Mapa 3: Mudanças a partir da atuação voluntária .....</i>	109
<b>2 – Discussão e conclusões.....</b>		<b>121</b>
<b>Considerações finais .....</b>		<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>		<b>138</b>

Sousa, M. A. (2011). *Desenvolvimento humano no contexto do voluntariado: interfaces com a ética e a sustentabilidade*. Brasília: Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.

## RESUMO

As mudanças paradigmáticas potenciais no contexto do voluntariado apontam em dois sentidos, dentre outros: (a) uma sociedade solidária, tendente à sustentabilidade, entendida como a possibilidade de reduzir desigualdades intrageracionais e, ao mesmo tempo, evitar uma degradação social que provoque desigualdades intergeracionais; e (b) o estabelecimento de relações emancipatórias, entendendo-se emancipação como justiça capacitante, e justiça como a distribuição de bens materiais, processos de decisão, divisão social do trabalho, cultura e reconhecimento. Entendemos que nenhuma mudança paradigmática se dá sem a mudança do *self*, mediador entre conhecimento e prática. A experiência de voluntariado afeta o *self*, ao favorecer a flexibilização de posicionamentos e possibilitar a construção de uma cultura dialógica, implicando uma reflexão ética no processo de desenvolvimento humano. Desenvolvimento é entendido neste estudo, segundo a perspectiva da psicologia sociocultural, como processos de transformações que ocorrem na interação eu-outro, marcadas pelas negociações de significados que se concretizam nessas interações no contexto cultural. O contexto do voluntariado é potencialmente favorável ao desenvolvimento de esquemas intencionais - estruturas que organizam nossos atos internamente - implicando ética, compreendida como a busca da vida boa para si e para o outro, próximo e distante no espaço e no tempo. A pesquisa empírica com sete voluntários de uma comunidade soropositivo enfoca os sentidos das vivências do fenômeno do voluntariado, apontando interseções com os significados de ética e de sustentabilidade. O objetivo geral foi construir um novo marco de conhecimento sobre este potencial humano – o voluntariado - situado na interface com a ética e a sustentabilidade. Para tal, teve como objetivos específicos: (a) analisar os sentidos, posicionamentos e mudanças de posicionamentos na prática voluntária; e (b) identificar esquemas intencionais possíveis de se constituírem no contexto do voluntariado e que são congruentes com uma sociedade tendencialmente sustentável. Quatro perguntas nortearam a pesquisa. (1) O que caracteriza as interações no contexto do voluntariado? (2) Essas características interatuam em outros contextos da vida do voluntário? (3) Que

eventos colocaram os voluntários em situação de crise e em transição? (4) Que mudanças proporcionadas no contexto do voluntariado integram as possibilidades de sustentabilidade? Utilizamos a metodologia qualitativa, nos marcos da fenomenologia, adotando uma postura dialética histórico-materialista. Realizamos entrevistas semi-estruturadas, individuais, com parâmetros da entrevista narrativa, as quais foram submetidas à análise dialógica dos significados e à análise pragmática do discurso. Os resultados indicam que o contexto de voluntariado favorece o estabelecimento de novas formas de sociabilidades, o desenvolvimento de um ser humano mais reflexivo no seu fazer social e profissional, com mais capacidade para propor e realizar intervenções adequadas em seu entorno sociocultural, com conhecimento e habilidade para o exercício da cidadania em contextos diversos, complexos e fluídos. Esquemas intencionais emergentes nesse contexto potencializam a perspicácia ética e a sustentabilidade.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano; Voluntariado; Ética; Sustentabilidade.

Sousa, M. A. (2011). *Human development in the context of volunteerism: interfaces with ethics and Sustainability*. Brasília: Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.

## **ABSTRACT**

Potential paradigm changes in the context of volunteering point in two directions, along with others: (a) A solidary society, aimed at sustainability, understood as the possibility of reducing intra-generational inequality and, at the same time, of avoiding a social degradation that causes intergenerational inequality; and (b) the establishment of emancipatory relationships, understanding emancipation as empowering justice, and justice as the distribution of material goods, decision-making processes, social division of labor, culture and recognition. We understand that no paradigm shift takes place without the change of self, a mediator between knowledge and practice. The experience of volunteering affects the self, by favoring a flexibility of positioning, and enabling the construction of a dialogic culture, implying an ethical reflection upon the process of human development. Development is understood in this study, according to the perspective of socio-cultural psychology, as processes of transformation that occur in the interaction self-other, marked by negotiations of meanings which are realized in those interactions in the cultural context. The context of volunteerism is potentially favorable to the development of intentional schemas - structures that organize our acts internally - implying ethics, understood as the pursuit of good life for the self and the other near and far in space and time. The empirical research with seven volunteers from an HIV- positive community focuses on the sense of the experiences of the volunteerism phenomenon, demonstrating intersections with the meanings of ethics and sustainability. The overall goal was that of building a new milestone of knowledge on this human potential – volunteering - situated in the interface with ethics and sustainability. To do so, the study had as its specific objectives: (a) Analyze the senses, positioning and changes of standing in volunteering practice; and (b) identify intentional schemas possible of being constituted in the context of volunteerism and which are congruent with a society tending to be sustainable. Four questions guided the present research: (1) What characterizes the interactions in the context of volunteerism? (2) Do these characteristics interact in other contexts of a volunteer's life? (3) Which events placed the volunteers in crisis and in transition? (4)

Which changes provided in the context of volunteerism integrate the possibilities of sustainability? We use qualitative methodology in the framework of phenomenology, adopting a dialectic and historical-materialistic posture. We conducted semi-structured interviews with individual parameters of the narrative interview. The interviews were submitted to the dialogic analysis of meanings and to the pragmatic analysis of discourse. The results indicate that the context of volunteering promotes the establishment of new forms of sociability; the development of a human being who is more reflective of his/her social and professional doing, with more capacity to propose and implement appropriate interventions in his/her sociocultural surroundings, with knowledge and skill for the exercise of citizenship in various complex and fluid contexts. The intentional schemas which emerge in this context augment perceptivity in ethics and sustainability.

Keywords: Human development; Volunteerism; Ethics; Sustainability.

## **Apresentação**

O presente estudo se propõe discutir modos e sentidos de articulação da ética com a sustentabilidade, a partir do contexto do voluntariado, compreendendo-se modo como dinâmica; e sentido, como construção de significados e direcionamento do próprio desenvolvimento. Ele foi motivado pela minha experiência no ensino de ética, pesquisa sobre ética e sustentabilidade, e extensão universitária em uma comunidade de soropositivos, que subsiste do voluntariado, situada nas imediações de Brasília, Brasil, chamada, neste estudo, de Girassóis.

Propomos a construção de um marco teórico sobre a experiência humana no contexto do voluntariado em interface com a ética e a sustentabilidade. Para tanto, enfocamos a agencialidade do sujeito em seu processo de mudança nesse contexto, do voluntariado.

O pressuposto central deste estudo é o de que o contexto do voluntariado media (Vigotski, 1989 e 1991) a configuração da “subjetividade emergente” de que fala Sousa Santos (2007, p. 345), apta e disposta a enfrentar competições paradigmáticas e explorar possibilidades emancipatórias por ela abertas.

A observação e o estudo da atuação voluntária na comunidade apontaram para estilos de relações sociais que propiciam condições pessoais requeridas no processo de reflexão, escolha e sua concretização, dentro da perspectiva ética.

Ética é entendida nesta Tese como o engajamento em um processo de reflexão que considera todos os elementos implicados na situação, e todos, próximos e distantes no tempo e no espaço, passíveis de serem afetados pela ação. Ética é compreendida, também, como utopia, isto é, “a exploração, através da imaginação, de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade” (Sousa Santos, 2007a, 332). E, nesse sentido, a liberdade implicada na ética é um instrumento para o futuro, não apenas uma escolha entre alternativas dadas (Day & Goddard, 2010). A noção de ética adotada neste estudo envolve, ainda, o desejo da vida boa para si e para o outro (Ladrière, 2001; Ricoeur, 1995 e 2007), presente e futuro. Portanto, trata-se de uma ética, por definição, comprometida com uma sociedade tendencialmente sustentável. Definindo-se sustentabilidade como possibilidade decorrente de atuações assente na solidariedade, na justiça e na responsabilidade.

O contexto do voluntariado é potencialmente favorável ao desenvolvimento de tais atitudes, particularmente se direcionado teórica e metodologicamente na sua gestão e prática. Daí a dedicação à pesquisa teórica e empírica delimitada nos marcos do voluntariado, com vistas a identificar indicadores de relações sociais que possam também tornar-se referência a projetos de educação emancipatória, e de construção de uma sociedade inclusiva, e, por isso, potencialmente sustentável.

O objetivo geral deste estudo foi a construção de um novo marco de conhecimento, na perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento, sobre este potencial humano – o voluntariado - situado na interface com a ética e a sustentabilidade. Para tal, foram estabelecidos como objetivos específicos: (a) analisar os sentidos, posicionamentos e mudanças de posicionamentos na prática voluntária; e (b) identificar esquemas intencionais – sistemas que organizam nossos atos intencionais internamente (González, 1997) - possíveis de se constituírem no contexto do voluntariado e que são congruentes com uma sociedade tendencialmente sustentável. A pesquisa foi norteada pelas seguintes perguntas: (1) O que caracteriza as interações no contexto do voluntariado? (2) Essas características interatuam em outros contextos da vida do voluntário? (3) Que eventos colocaram os voluntários em situação de crise e em transição? (4) Que mudanças proporcionadas no contexto do voluntariado integram as possibilidades de sustentabilidade?

Essencialmente, o trabalho constitui-se de duas partes. A primeira parte fundamenta teoricamente, a partir da psicologia sociocultural, os modos como a experiência do voluntariado pode afetar o *self* em sua dimensão ética. Definindo-se experiência como algo nos limites da intencionalidade (Rosa, 2007a), como a *performance* em que a pessoa “experimentou sendo ‘estar lá’ e estar lá sendo ‘como é’, com todo conteúdo e forma de ser aquela própria experiência, pelos atributos naquela *performance* acontecendo intencionalmente” (Moran, 2000, p. 6). Assim, fazer uma experiência é deixar-se abordar em si mesmo pelo que o/a interpela, envolvendo-se com, e submetendo-se a isso; e nisso podendo ser transformado/a, por/em tais experiências, de um dia para o outro ou no decorrer do tempo (Heidegger, 1927/1982).

A segunda parte, construída a partir das entrevistas com voluntários que atuam em Girassóis, apresenta: (a) os sentidos que estão regulando suas narrativas; (b) os indicadores dos conceitos centrais desta pesquisa – ética e sustentabilidade; e (c) as mudanças de posicionamentos associada pelos entrevistados à atuação voluntária.

Estruturalmente, o trabalho está organizado em introdução, desenvolvimento em três capítulos, resultados, discussão e conclusões e considerações finais. Na Introdução estão definidos os termos do título, e são apresentados os pressupostos que o direcionaram, a importância do estudo e a tese.

O primeiro capítulo traz a fundamentação teórica. (1) As contribuições da psicologia sociocultural para a construção deste trabalho: *drawinghands*, cultura e ser humano; experiência e construção do *self*; e esquemas intencionais. (2) Ética: liberdade e utopia assente na solidariedade, justiça e responsabilidade; e Moral. (3) Voluntariado: motivação, funções, consequências para quem o pratica e ética; e contexto de fronteira, local de possibilidades. (4) Sustentabilidade: elementos de base de uma sociedade tendencialmente sustentável.

O segundo capítulo apresenta a pesquisa empírica, realizada com sete voluntários de Girassóis, comunidade com uma população flutuante de, aproximadamente, 90 a 240 pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos, dentre estes, vários ex-presidiários, ex-moradores de rua, dependentes químicos, ex-prostitutas e outras vulnerabilidades, cujas histórias são marcadas pela radicalidade da exclusão pela família e pela sociedade. A escolha desse contexto para este estudo se deu em função de a comunidade ser alvo de muitas, constantes e continuadas ações voluntárias e da minha proximidade a estes eventos ao longo de dez anos, como coordenadora de projeto de extensão universitária e de atuações de universitários de diversos cursos na comunidade.

Nesse segundo capítulo apresentamos também: a metodologia, a qual adota parâmetros da pesquisa qualitativa, fenomenológica, dialética histórico-materialista; e o método de produção dos dados: processo para obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP; opção pela comunidade e caracterização da mesma; a experiência da pesquisadora na comunidade; os voluntários participantes do estudo e suas atuações na comunidade; a entrevista como instrumento, o roteiro adotado, local e tempo de realização; e os procedimentos de análise.

No terceiro capítulo, subdividido em dois itens, são apresentados: os Resultados e a Discussão e Conclusão dos dados da pesquisa empírica. Nos Resultados apresentamos: os posicionamentos dos voluntários sobre voluntariado; os indicadores relacionados aos conceitos de ética e sustentabilidade; e as mudanças de posicionamentos narradas pelos entrevistados, associando-as à atuação voluntária. Nas Discussões, consideramos os resultados tecendo conclusões.



Nas Considerações Finais retomamos a reflexão sobre a subjetividade emergente no contexto do voluntariado e os esquemas intencionais a serem superados e os passíveis de serem produzidos na prática do voluntariado, e que favorecem mudanças culturais convergentes com as perspectivas de um mundo tendencialmente sustentável.

## Introdução

Voluntariado, neste trabalho, é definido como uma forma de solidariedade que direciona atuações diferenciadas do indivíduo no coletivo, implicando justiça e responsabilidade com o outro, consigo mesmo, e com a sociedade. E voluntário é definido como aquele que questiona, com uma prática, aquilo que faz com que uma dada linha de ação (que na sua interpretação mudaria a si mesmo, o outro e o mundo para melhor) pareça impossível, impensável, excluída etc. Portanto, são pessoas que se lançam em situações em que têm de exercitar a ética em condições de relativismo moral.

O contexto do voluntariado neste estudo é caracterizado, fundamentalmente, por relações nas quais estão envolvidas pessoas que optam por atuar junto a um grupo que não as contratou para tal. Assim, a princípio, ambas as partes são voluntárias, uma oferecendo, se quiser, e a outra recebendo, também se quiser, mas com uma marcada diferença no grau de liberdade de escolha dependendo da vulnerabilidade do beneficiário. De modo que, o estilo de relações estabelecidas no contexto do voluntariado propicia o exercício de hierarquias fracas, e um enquadramento ético para relações de poder assimétricas.

O contexto do voluntariado é marcado também pelo aspecto de fronteira que o caracteriza. Fronteira definida por Boaventura de Sousa Santos (2007a), como local privilegiado de sociabilidade, fluidez das relações sociais, proximidade de estranhos e íntimos, de experiências marcadas pelo uso seletivo e instrumental das tradições, e invenção. Enfim, o voluntariado tem aspectos de fronteira no que oportuniza conhecer outros, saber sobre outros, ampliar a “própria coleção de outros” (Bauman, 1997, p. 168), em oposição às possibilidades da “arte arcana do mau-encontro”, na qual as interações permanecem desconcertantemente erráticas, casuais, “sem nenhuma segurança de sucesso” (Bauman, 1997, p. 176). A arte do mau-encontro relega o outro para o fundo, “o outro não passa de um borrão no fundo do cenário contra o qual se coloca a ação” (p. 178). Ao contrário, a arte do bom encontro favorecida no contexto do voluntariado implica disponibilidade para esperar quem quer que seja, prestar atenção a todos os que chegam

e aos seus hábitos diferentes, e reconhecer na diferença as oportunidades para o enriquecimento mútuo (Sousa Santos, 2007a).

Com essa caracterização, o contexto do voluntariado favorece o desenvolvimento de esquemas intencionais - estruturas que organizam internamente nossos atos intencionais (González, 1997) - implicando ética e potencializando a configuração do caráter moral. Estruturas estão sendo entendidas como “sedimentações provisórias”, (Sousa Santos, 2007a, p. 262), e que dentro dos seus limites “há um oceano de contingências” (p. 308). E caráter moral está associado ao cuidado com a construção da própria identidade assente na vontade moral, na força de vontade e na integridade (Blasi, 2005).

A ética, conforme definida na apresentação, é colocada, basicamente, em dois campos: o da escolha e o da inventividade, tendo como eixo a ação. A escolha refere-se à liberdade em relação aos determinismos (considerados sempre como sendo provisórios) naturais (físicos) e socioculturais. Nesse sentido, a ética diz respeito à opção por uma das possibilidades dentre outras disponíveis, a partir do engajamento em um processo de reflexão com vistas à melhor decisão (Ladrière, 2001; Ricoeur, 1995) e ação em que o outro é colocado em primeiro plano (Bauman, (1997); Lévinas, 1997). Enfim, ética é uma decisão que leva em conta todos os elementos implicados na situação, e todos, próximos e distantes no tempo e no espaço, passíveis de serem afetados pela ação, adotando critérios de solidariedade, justiça e responsabilidade – elementos de base, também, da sustentabilidade.

A solidariedade, neste estudo, está relacionada ao “reconhecimento obtido no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidades através da construção e do reconhecimento da intersubjetividade” (Sousa Santos, 2007a, p. 81). A justiça é concebida como a distribuição de bens materiais (Young, 1990), divisão social do trabalho, processos de decisão, cultura (Sousa Santos, 2007), e reconhecimento (Fraser, 2001, 2008; Fraser & Honneth, 2006). A responsabilidade é a “necessária resposta à demanda de um outro” (Junqueira, 2006, p. 8), mas, é, também, uma relação especial que a pessoa tem com a própria subjetividade, em que o desejo de bem moral se estende para além de decisões situacionais, quando ela deseja continuar a querer no futuro o que é moralmente bom, e faz a si mesma responsável por comportar-se moralmente, dentro dos limites do seu entendimento (Blasi, 2005).

A moral é colocada no espaço estruturador das ações que possibilitam ao outro a “produção de prazer, de gosto e de atração”; ou o “impedimento de produção de dor, de desgosto e de aversão” (González, 1997, p. 104). Daí a opção por falar de caráter moral, implicando as escolhas da pessoa em ambos os sentidos: possibilitar o bem e prevenir o mal; escolhas expressas pela tendência relativamente geral a comportar-se da maneira que ela considera moral (Blasi, 2005).

No campo da inventividade, a ética se refere à criação do que ainda não existe, de utopias, entendendo-se utopia como a “exploração de novas possibilidades” (Sousa Santos, 2007a, p. 331), concebidas nas interações, em que o valor das experiências é aplicado em novas construções de sentidos, configurando novas interpretações de mundo, e novos mapas de posicionamento. Nesse sentido, a ética implica “uma meditação sobre como burlar o destino” (Marina, 1995, p. 16) e esforço na efetivação do “impulso moral” (Bauman, 1997) para implementar as possibilidades consideradas, no contexto cultural vigente, como sendo “impossíveis”, “impensáveis”, excluídas”.

Entendida assim, a ética é complexa, definindo-se complexidade como resultante do número e variedade dos elementos a serem considerados e da interação entre eles (Morin, 1996; Wiener, 1954). Mais do que isso, a ética é complexa por ser de natureza dialógica, por ter de enfrentar a ambiguidade e a contradição, por estar exposta à incerteza do resultado, e por não impor uma visão maniqueísta do mundo (Morin, 2005). Portanto, a ética é frágil, incerta, inacabada, devendo ser atualizada em cada situação, nos contextos concretos, nos quais o ser humano tem a oportunidade de posicionar-se, de dar respostas, decidir, e inventar o que é o melhor a ser feito.

A noção de sustentabilidade adotada neste trabalho situa-se na tendência a “reduzir desigualdades intrageracionais” e, ao mesmo tempo, evitar uma degradação (ambiental, econômica, social, cultural) que provoque “desigualdades intergeracionais” (Bursztyn, 2001, p. 65). Portanto, a sustentabilidade é problema concernente a toda a humanidade e a cada subjetividade, como “inextricavelmente envolvida no processo de construir a objetividade” (Moran, 2000, p. 15). Sustentabilidade, como definida neste estudo, requer esforço para superar os paradigmas excludentes, que ao longo de séculos têm ordenado a multiplicidade de nossas experiências, em direção a uma cultura inclusiva.

Como nenhuma mudança paradigmática se dá sem a mudança do *self* – mediador entre conhecimento e práticas – a construção de uma cultura sustentável e, nos termos

deste trabalho, necessariamente inclusiva, implica o estabelecimento de relações emancipatórias de cada membro da sociedade humana, entendendo-se emancipação como justiça capacitante, e justiça como distribuição de bens materiais, divisão social do trabalho, processos de decisão, cultura, e reconhecimento.

A reflexão teórica sobre essas questões está centrada na concepção de desenvolvimento humano conforme a perspectiva da psicologia sociocultural, que compreende desenvolvimento como transformações que ocorrem na interação Eu-Outro, marcadas pelas negociações de significados que se entrelaçam nessas interações históricas e sociais (Caixeta & Barbato, 2004; Mieto, 2010; Ribeiro, 2006; Rosa, 2000a e 2000b; Valsiner & Rosa, 2007). Assim, o sujeito humano é visto como um ser com potencialidades e possibilidades de desenvolvimento em uma cultura. Ou seja, a noção de ser humano adotada nesta pesquisa está assente na ideia de desenvolvimento humano no contexto cultural.

Cultura é compreendida como um sistema de atividades sociais, artefatos, conceitos, e fenômeno psicológico - percepção, razão, emoções, motivos, imaginação, resolução de problema (Ratner, 2002; Rosa, 2000b). Ela é a totalidade acumulada, e em transformação, de “sistemas organizados de símbolos significantes” (Geertz, 1978, p. 58). Portanto, ela é uma condição humana, é a base de sua especificidade.

Contexto cultural está sendo definido neste estudo, com base em Ratner (2002), Rosa (2000b) e Sousa Santos (2007a), como resultante de um dialógico e histórico *em-sendo* (Bakhtin, 1995) e tornando-se de uma dada sociedade: fluido, sempre em mudança, habitado por diferentes instrumentos, linguagens e jogos de construção de significados, e diferentes relações de poder na consolidação desses significados. Este conjunto de elementos “tece os significados que guiam as condutas e permitem entender as experiências” (Rosa, 2000a, p. 82).

A cultura fornece sentidos para os encontros com o mundo. A pessoa constrói sua própria compreensão do mundo a partir das vivências nos diferentes contextos culturais. “As culturas pessoais emergem sobre a base da cultura coletiva” (Valsiner, 1998a, p. 25). Porém, a pessoa constrói sentidos de modo que não reflete necessariamente as formas exatas da cultura na qual interage, isto é, a pessoa constrói a sua própria compreensão do mundo. Ela constrói sentidos de maneira que vão além da cultura, em idiosincrasias. Esta compreensão pessoal pode levar a esforços para mudar aspectos da cultura

coletiva, começando por contextos da vida própria imediata (Rosa, 2000b; Valsiner, 1998a).

Essa compreensão de ser humano construído, e que se constrói em intercâmbio com a realidade, em certa medida construída por ele, coloca o *self* na linha de frente. “Ele se torna uma ferramenta ética relevante” (Rosa & González, 2010, p. 21) na medida em que a pessoa, ao participar do processo - atuando, negociando, produzindo e reproduzindo elementos do/para sistemas simbólicos – desenvolve-se e produz significados e sentidos sobre o outro, o mundo e sobre si mesma, produzindo formas particulares de funcionamento psicológico (Bock & Liebesny 2003; Castro, Jimenez, Morgade & Branco, 2001; Madureira & Branco, 2005). *Self* está sendo entendido como estrutura semiótica, criada por meio da ação na esfera dos significados, em relação dialógica com os interlocutores (Hermans, 2001; Josephs, Valsiner & Sugar, 1999).

Este estudo enfoca a agencialidade do sujeito em seu processo de mudança no contexto do voluntariado. Trata do enfrentamento assente na ética do cuidado com o outro, com o mundo e consigo mesmo, em que o sujeito desafia seus próprios esquemas e nega referenciais para mudar aspectos da cultura, começando por contextos da vida própria imediata.

O pressuposto que orientou este estudo foi a percepção de interseções entre ética e uma sociedade tendencialmente sustentável. Nesse sentido, a questão subjacente ao estudo foi a pergunta inspirada por Sousa Santos (2007a): qual é a subjetividade apta e disposta a enfrentar competições paradigmáticas e explorar possibilidades emancipatórias congruentes com a sustentabilidade? E uma segunda, decorrente desta: como a educação pode contribuir para a construção desses sujeitos? Concebendo educação como uma adaptação de nossas atuações às coisas, mas também uma alteração das coisas, adaptando-as às nossas atuações; e, mais importante, entendendo que em educação, não se garante resultados, apenas, e em certa medida, contextos e processos.

A suposição é a de que o contexto do voluntariado propicia a configuração de esquemas intencionais com sentidos específicos. E a tese é a de que esses sentidos passíveis de serem desenvolvidos no contexto do voluntariado se atualizam em ações congruentes com a sustentabilidade, concebida como possibilidade decorrente de atuações éticas, assente na solidariedade, justiça e responsabilidade.

A relevância do trabalho está em tentar ligar o individual ao global, identificando sentidos em que a experiência de voluntariado tende a afetar a configuração do *self*,

implicando esquemas intencionais pertinentes à sustentabilidade. Sua importância está em propor a articulação de um lugar, modos e sentidos da experiência humana no processo de construção de si, do outro e da sociedade atual, acenando para a sociedade que virá.

A expectativa é contribuir para fundamentar as reflexões sobre elementos do contexto do voluntariado que mediam a configuração da subjetividade emergente, congruente com uma sociedade tendente à sustentabilidade; e fornecer indicadores de relações sociais que possam servir de referência a projetos de educação emancipatória, e de construção de uma cultura inclusiva, assente na ética, portanto, tendente à sustentabilidade.

## **1ª PARTE**

### **Capítulo I - Fundamentação teórica**

#### **1. Contribuições da psicologia**

Uma das contribuições da psicologia, particularmente da psicologia sociocultural, para este trabalho é dimensionar o papel da cultura na construção do sujeito; e vice-versa, o espaço de liberdade deste na construção da cultura, com maior ou menor consciência. Entendendo que a liberdade humana consiste em que o ser humano pensa, quer dizer, em que toma consciência da situação criada. Consciência entendida como processo pelo qual as pessoas passam a escolher suas ações, a ensaiar alternativas, a pensar (Vigotski, 1995). Pensamento entendido como uma das formas da atividade humana direcionadas para a transformação da realidade (Leontiev, 2004). Considerando a circularidade em que a atividade pensante é, em maior ou menor medida, regulada pelas experiências no contexto cultural.

O dimensionamento da construção mútua da cultura e do ser humano tem sido tratado pelas teorias da ação em uma longa tradição, na filosofia, na biologia, na cibernética e na psicologia (Aristóteles, 1992; Maturana & Varela, 1995; Wiener, 1954; Piaget, 1992; Leontiev, 1978; Vigotski, 1995, dentre outros). Contemporaneamente, a teoria da ação foi abordada, por exemplo, por Cole, Engeström e Vasquez (1997); González (1997); Ratner (2002); Rosa (2000a, 2000b, 2007a e 2007b); Valsiner (1998a e 1987); e Wertsch (1998). Este estudo está referenciado, particularmente, em González, Rosa e Valsiner, os quais enfatizam a experiência como uma propriedade do funcionamento da psique, cujo trabalho nos leva a imagens da realidade cada vez mais complexas, afetando nosso saber sobre o mundo.

A partir do dimensionamento da construção mútua da cultura e do ser humano, este estudo orienta a busca de onde se depositam as perspectivas de construirmos novas



possibilidades de desenvolvimento individual e coletivo, caracterizando elementos do contexto do voluntariado que potencializam a construção de esquemas intencionais cuja realização torna plausível a sustentabilidade. A tarefa que nos propomos é apresentar critérios éticos das relações eu-outro, nas quais essas concepções ganham materialidade.

### **1.1. *Drawinghands*: cultura e ser humano**

O título acima é uma referência ao quadro de M. C. Escher no qual duas mãos desenham uma a outra. Essa imagem ilustra a concepção adotada neste estudo de cultura e de ser humano: uma e outro se constroem mútua e simultaneamente.

O sujeito é definido neste estudo como um ser que se constrói na relação com o outro, nas dinâmicas específicas dos contextos, e nas práticas socioculturais. Sua capacidade e estilo de ação, estratégias de conhecimento, afetos, valores, e sua personalidade são construídos na interação com o ambiente (Rosa, 1993; Valsiner, 1989; Vigotski, 1989). E, em sendo um ser sempre inacabado, o seu desenvolvimento consiste no processo de transformação estrutural que se realiza mediante as interações do indivíduo nos diferentes contextos culturais.

Assim sendo, o ser humano não está definido por sua carga genética. Não nascemos o que somos, nós nos tornamos na experiência em um ambiente sócio histórico cultural. O psiquismo humano é formado a partir do contexto cultural, no qual o indivíduo se desenvolve. A mente emerge no curso da interação com outros, e a consciência sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo está fundamentada na experiência social (Vigotski, 1989). Nos termos de Wallon, o indivíduo é marcado pela civilização que “regula a sua existência e se impõe à sua atividade: os instrumentos dão forma aos seus movimentos, e a linguagem molda os seus pensamentos e estrutura os seus raciocínios” (Wallon, 1979, p. 54). Os sentidos partilhados no contexto cultural permeiam as categorias de pensamentos e de comportamentos cotidianos (Heller, 1992), de modo tal que “nossas percepções, emoções e desejos estão significativa, simbólica e linguisticamente determinados” (González, 1997, p. 127). Embora, nunca total e definitivamente (Bachelard, 2009).

Considerando o exposto acima, chamamos a atenção para dois aspectos. Primeiro, na concepção de ser humano adotada neste estudo, as determinações sócio-histórico-culturais se dão sempre de forma incompleta e provisória. Segundo, e por outro lado, evidenciamos a dimensão do esforço requerido para mudar aspectos da cultura coletiva, começando por contextos da vida própria imediata, a que nos referimos antes.

Essa incompletude e provisoriedade da condição humana fundamentam o terreno deste estudo: o das possibilidades de criação do novo (utopia) e de um sentido dessa criação (ética); compreensão que nos coloca diante da abertura histórica individual e coletiva à imprevisibilidade. E a pré-visão da possibilidade de vir a existir o que não existe ainda em lugar nenhum, isto é, a u-topia (do grego: u = não, topia = lugar), mas que poderá vir a existir, depende da imprevisibilidade. Isto é, a utopia depende da permanente abertura da história, individual e coletiva, enquanto programa aberto, horizonte que não fecha, campo de incerteza e indeterminação (Segato, 2005).

A liberdade de pré-visão da história, ao lado da liberdade implicada na condição humana de participar na construção de si, do outro e da cultura, coloca a escolha, e com ela a responsabilidade, nas mãos de cada sujeito humano, individual e coletivamente.

O processo de escolha é o processo pelo qual as pessoas passam a pensar suas ações, ensaiar alternativas (Vigotski, 1995). Ou seja, é o processo em que o sujeito, para além de realizar a instrução, escolhendo entre alternativas já estabelecidas, pensa sua própria instrução. Lembrando que o pensamento constitui atividade interna e externa, intimamente inter-relacionadas, produto da relação entre os seres humanos, formado no processo de assimilação do sistema de conhecimentos, das ações e das operações historicamente elaboradas (Leontiev, 2004).

Este estudo articula esta condição humana - de poder participar na construção de si, do outro e do mundo - com a perspectiva de construirmos novas possibilidades de desenvolvimento individual e coletivo, uma utopia, entendida como:

a exploração, através da imaginação, de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, e a oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor por que vale a pena lutar e a que a humanidade tem direito (Sousa Santos, 2007a, p. 331).

A compreensão de ser humano com poder de participar da construção de si, do outro e do mundo, coloca-nos a dimensão ética do dever proporcional ao poder quanto aos significados implicados nessa construção no coletivo. Por isso, considerando o papel mediador da cultura na construção desse mesmo ser humano que a constrói, abordamos, a seguir, a construção do *self* no transcurso da experiência em geral, a qual fundamentou o estudo da experiência no contexto do voluntariado, em particular.

## **1.2. Experiência e construção do self**

O *self*, concebido nesse estudo como uma estrutura semiótica, criada por meio da ação na esfera dos significados, desenvolve-se em uma relação dialógica entre os interlocutores (Josephs, Valsiner & Sugar, 1999). Essas relações dialógicas possibilitam um processo de estruturação de pensamentos, sentimentos e comportamentos sobre si mesmo, os outros e o mundo em geral (Noam, 1993). Assim, o *self* e a cultura constituem uma multiplicidade de posições dentre as quais relações dialógicas podem se desenvolver (Hermans, 2001).

Vale assinalar que o *self*, no sentido específico da palavra “eu”, refere-se a um sujeito, a uma atividade consciente e voluntária, mas, também, inclui uma multiplicidade de tendências das quais ele não tem consciência, assentes em aspectos emocionais, inconscientes, não-verbais, reflexivos e não-reflexivos; inclui momentos de hierarquização entre as posições e momentos de não-hierarquização. Destacamos também que nas determinações do *self*, as relações de poder e dominação ocasionam a existência de hierarquias momentâneas, e que as relações entre as posições podem tornar-se estereotipadas, com exclusão de algumas delas do diálogo, caso o “eu” não consiga circular entre elas. Essa compreensão nos leva a enfatizar a questão do uso do poder, como possibilitador ou limitador, ao tratarmos da justiça como critério ético.

Quanto à experiência, esta se refere a algo nos limites do campo da consciência, resulta de atos levados a cabo por um agente, de forma objetiva, e remete a alguma coisa para além dela mesma (Rosa, 2007a). Ela é constituída, consciente, e aparece como tendo um sentido, como nos apresentando algum significado (Rosa, 2007a). Mas, ela não

é uma janela aberta através da qual o mundo existente anteriormente à experiência “brilha em um quarto de consciência” (Moran, 2000, p. 6). A experiência está sendo entendida como a *performance* em que o experimentador “experimentou sendo ‘estar lá’ e estar lá sendo ‘como é’, com todo conteúdo e forma de ser aquela própria experiência, pelos atributos naquela *performance* acontecendo intencionalmente” (Moran, 2000, p. 6).

Assinalamos, com Heidegger (1927/1982), que fazer uma experiência é deixar-se abordar em si mesmo pelo que o/a interpela, envolvendo-se com, e submetendo-se a isso; e nisso podendo ser transformado/a, por/em tais experiências, de um dia para o outro ou no decorrer do tempo.

A experiência leva à construção de padrões de comportamentos e imagens da realidade cada vez mais complexa, em processos nos quais as semioses - ações realizadas por um agente com propósito (Rosa, 2007a) - são recursivas e podem tornar-se mais e mais intrincadas, e assim ser mais e mais removidas da experiência imediata. Especialmente, quando envolve símbolos, particularmente, símbolos socialmente convencionados, como resultado do uso de linguagem (Rosa, 2007a e 2007b).

Significado é definido por Rosa (2007a), baseado em Peirce (1990), como o resultado de uma semiose, isto é, de uma ação com um propósito. Em suas palavras:

Significado é o resultado do estabelecimento de uma relação entre algo (um signo) e uma outra coisa (seu referente) por um agente com algum propósito; algo que acontece de acordo com algumas regras formais que contam para esses processos. Significado é o resultado de semioses [...] Semiose é uma ação realizada por um agente com um propósito (Rosa, 2007a, p. 218).

Rosa afirma, ainda apoiado em Peirce (1990), que “vida social e cultura produzem novos sistemas de produção de sentido capazes de gerar experiência do mundo, conhecimento e verdade, e eventualmente, uma pessoa moralmente definida pode vir a sê-lo” (2007a, p. 207). E, segundo ele, as estruturas funcionais do organismo - estruturas morfológicas capazes de suportar um conjunto de ações interconectadas - surgem de encontros repetidos com o ambiente.

Essa visão oferecida por Rosa (2007a e 2007b), inscrevendo a interpretação semiótica de Peirce na teoria da ação, enfatiza um caminho evolucionário da experiência

e da construção de padrões de comportamento e imagens da realidade cada vez mais complexa. Assim, a experiência aparece como uma propriedade do funcionamento da psique, em que o trabalho da psique nos leva a saber sobre o mundo. Situando-se aí os rudimentos da emoção e dos desejos. Entendendo-se as emoções como estruturas de afetos ligadas a movimentos, e os desejos como conexão entre sensações, emoções e movimentos (Rosa, 2007a). Ressaltando-se, ainda, que é por meio das emoções que se dá o ingresso das circunstâncias exteriores no circuito interno (Wallon, 1952/1979; Martinet, 1981; Sousa, 1997).

Uma vez que intenções e motivos sejam estabelecidos, que o comportamento atual não siga imediatamente a teleonomia, isto é, a “finalidade” ditada pelas estruturas morfológicas dos objetos no ambiente e organismos, mas seja mediado pelas ações intermediárias aprendidas, estas oferecem recursos e proveem circunscrição à ação. Então, algumas atuações tornam-se instrumentais de algumas outras. Isto é, estruturas construídas em atuações passadas tornam-se capazes de se combinarem diferentemente entre elas em situações novas (Rosa, 2007a), lembrando a concepção de estruturas, neste estudo, como “sedimentações provisórias” (Sousa Santos, 2007a, p. 262), e que dentro dos seus limites “há um oceano de contingências” (p. 308).

De todo modo, no percurso traçado por Rosa (2007a, e 2007b) - da experiência para padrões de comportamento e imagens da realidade cada vez mais complexa - processos sensoriais abrem caminho para tornarem-se processos perceptuais, conscientes. E, de semiose em semiose cada vez mais complexas, galgando classes de signos mais elevados, chega-se aos “esquemas intencionais” e “*scripts*” (González, 1997), sempre, potencialmente, provisórios.

### 1.3. Esquemas intencionais

A ação passada funciona como um “esquema” para entender e orientar as novas ações. É o que González (1997) chama de esquema intencional, e define como “estrutura segundo a qual nossos atos intencionais organizam as atuações” (p. 125). Atos são definidos, por este autor, como impressões, percepções, intelecções, volições, afeições, etc. Segundo ele, os esquemas intencionais organizam não apenas nossas percepções, como também nossas emoções e desejos. O autor observa, ainda, que os esquemas intencionais transmitidos pela sociedade determinam em direções múltiplas os modos de perceber os demais, e lamenta que a história humana mostre repetidamente que “a percepção dos demais não é sempre a percepção de um “tu” pessoal digno de compaixão, amor e respeito” (González, 1997, p. 131)

Os esquemas intencionais dão sentido a nossas ações, fazendo delas atuações, isto é, “ações com sentido” (González, 1997, p. 113). Assinalo aqui a distinção que o autor faz de ação e atuação: atuação é uma ação com sentido. Para ele, o organismo transforma-se, primeiro, em um agente, depois em ator, ou seja, a ação transforma-se em atuação, em uma ação com sentido. Neste estudo, entretanto, em alguns momentos, as duas palavras - ação e atuação - são usadas indistintamente, ambas como tendo um sentido, uma autoria.

O importante é a compreensão subjacente de que os esquemas intencionais organizam internamente nossos atos intencionais, de modo que a orientação das ações consiste em uma estruturação das mesmas, mediante um esquema intencional formado de ações passadas. Isto é, a ação passada constitui um esquema de organização da ação presente, de modo que “o ato intencional não é outra coisa que o ato de estruturação da ação segundo o esquema que a orienta” (González, 1997, p. 113).

Funções psicológicas como as percepções, emoções, atenção, aprendizagem e resolução de problemas se desenvolvem como esquemas intencionais e se transformam em atuações e *scripts*. A transição de agente para ator é uma consequência da construção de *scripts* que evoluem da combinação de esquemas intencionais de situações anteriores. Nesse sentido, o que diferencia a ação da atuação é que a atuação tem um caráter intencional e inovador, na medida em que dá novos sentidos para velhos esquemas e *scripts* (González, 1997).

Os *scripts* também têm uma natureza semiótica. Eles são atuações guiadas por semioses, capazes de aumentar sua complexidade como esquemas intencionais. Junto a isso também está em andamento a construção de algum entendimento do próprio agente como um objeto, com algum tipo de “outridade” (González, 1997). O agente sente as consequências de seus movimentos, mas também suas emoções e desejos. Emoções que têm a função de avaliar as consequências das volições anteriores, de atuar como “sinal”, e, portanto, são requerimentos necessários para a produção de desejos e a realização de atuações (Rosa, 2007a).

Assim, a produção de desejo e a realização de ações são geradas por, e geradoras de esquemas intencionais. Essa compreensão coloca a necessidade de reflexão sobre as distintas possibilidades de atuação apoiadas na moral vigente. Mais do que isso, essa compreensão coloca para a atividade ética o desafio de introduzir esquemas intencionais radicalmente novos, distintos dos que caracterizam certa moral concreta, a qual, em determinadas situações, vai de encontro à possibilidade de construção de um ser humano e uma sociedade solidária, justa, responsável e, *ipso facto*, tendencialmente sustentável.

## **2. Ética: liberdade e utopia assente na solidariedade, justiça e responsabilidade**

Ética diz respeito à liberdade que o ser humano tem de escapar aos determinismos naturais e sociais (neste estudo, considerados como sendo sempre provisórios), e de mudar o curso das coisas (Arendt, 2010; Aristóteles, 1992; Fanon, 2008; Marina, 1995; Pérez, 1989; Ricoeur, 1995; Vaz, 1986). Nessa perspectiva, consideramos, como Fanon (2008), que é indo além da cultura, da história e da história de vida própria, que o sujeito humano inicia sua liberdade.

O sujeito ético em Aristóteles (384 a 322 a.C.) deveria desenvolver uma capacidade prática ou sagacidade que o possibilitasse a agir com retidão. Mas, ele já considerava também as determinações práticas que condicionam o agir humano. A ação humana, segundo ele, não dependia somente das faculdades de que dispõe o sujeito, ela

implicava também as condições dadas pela circunstância na qual ele agia. Segundo o autor, a ação não se dava apenas porque um sujeito se determinava a agir de tal ou tal modo, o sujeito que age o faz em meio a determinações sociais e políticas concretas (Aristóteles, 1992).

Contudo, a questão ética se manifesta na capacidade humana para deliberar diante de alternativas possíveis antes de lançar-se à ação, no momento em que o ser humano tem a possibilidade de posicionar-se, de dar uma resposta, a qual não pode ser, em todo caso, determinada previamente, e não está condicionada, pelo menos não inteiramente, pelo curso das coisas (Ricoeur, 1995). Como diz Fanon (2008), o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção dentro da existência, continuamente recriar-se, pois, é passando além da hipótese histórica e instrumental que iniciamos nosso ciclo de liberdade.

O campo semântico da ética, neste estudo, está delimitado pela liberdade e inventividade exercitadas nos marcos da justiça, da solidariedade e da responsabilidade. A liberdade, conforme definida anteriormente, é concebida como o potencial próprio da condição humana, caracterizado pela possibilidade de escolhas, inclusive dos desejos que se quer ter. Possibilidade de escolher para além do que existe, por meio da deliberação do sujeito autônomo, isto é, um sujeito consciente, inclusive das determinações socioculturais implicadas na sua racionalidade. Um sujeito consciente de que suas percepções, emoções e desejos estão significativa, simbólica e linguisticamente, determinados; mas não em definitivo.

O sujeito ético, neste estudo, é aquele que se empenha na utilização desse espaço de liberdade para mudar o mundo, o outro, e a si para melhor, cujo horizonte é o reconhecimento recíproco. Esse sujeito atua a favor de outro lugar e de outra coisa, ele batalha pela criação do mundo humano – que é um mundo de reconhecimentos recíprocos (Bhabha, 2007; Fanon, 2008).

Nesse sentido, a ética se refere, neste estudo, aos critérios nas relações eu-outro, adotados na construção desse mundo de reconhecimentos recíprocos, entendendo-se esse outro como a outra pessoa, a outra cultura, o diferente, o distante geográfica e temporalmente. Esses critérios são desdobrados a partir de dois: (1) vida boa para si e para o outro, (2) busca com justiça, solidariedade e responsabilidade.

Quanto ao critério de vida boa, só adiantamos que esta se assenta na dignidade humana, referida como nas “comunidades-amiba”, descrita por Sousa Santos (2007):



A comunidade é, neste paradigma, vorazmente inclusiva e permeável, alimentando-se das pontes que lança para outras comunidades e procurando comparações interculturais que confirmam o significado mais profundo à sua concepção própria de dignidade humana, sempre ávida de encontrar formas de estabelecer coligações de dignidade humana com outras comunidades. (p. 339)

Esse tipo de comunidade, descrita acima, é o oposto das comunidades-fortaleza, classificadas por Sousa Santos em dois tipos: (a) as agressivas-exclusivas, constituídas por grupos dominantes que se fecham na sua “superioridade” para não serem corrompidas, perturbadas, apenas servidas, por comunidades “inferiores”, cujo exemplo arquetípico é a sociedade colonial; e (b) as defensivas-exclusivas, reverso das anteriores, mas que seguem o padrão: fecham-se para defender “os poucos resquícios de dignidade que conseguiram escapar à pilhagem colonial, o exemplo arquetípico são as comunidades indígenas (Sousa Santos, 2007a, p. 339).

O significado mais profundo de dignidade humana implicado na vida boa considera com Umaña (2008), que:

entre a dignidade do indivíduo e a dignidade do outro se estabelece uma relação de dependência mútua que resulta indestrutível. Porque quando se viola ou pisoteia a dignidade de uma só pessoa, isso afeta o gênero humano em seu conjunto, uma vez que se está danificando e desrespeitando a idéia mais profunda de dignidade da espécie (pp. 221-222).

Quanto ao segundo critério para construção de um mundo de reconhecimentos recíprocos, a solidariedade, a justiça, e a responsabilidade orientam a liberdade e a utopia implicadas na ética descrita neste estudo, entendendo-se estes três termos como segue.

A solidariedade está relacionada ao modo como os indivíduos se reconhecem reciprocamente. Trata-se do “reconhecimento obtido no processo, sempre inacabado de nos tornarmos capazes de reciprocidades através da construção e do reconhecimento da intersubjetividade” (Sousa Santos, 2007a, p. 81). Um tipo de intersubjetividade

experimentada no sentido oposto ao do colonialismo definido como a “incapacidade de ver o outro a não ser como objeto” (Sousa Santos, 2007a, p. 81). Solidariedade, neste estudo, significa ver o outro como tendo capacidade de reciprocidade, de troca, de produção de conhecimentos e significados, e de realização conjunta. Em consequência, constroem-se novos interlocutores para pensarem numa humanidade emancipada, momento em que a solidariedade pode efetivar-se por meio de um novo pacto social (Dussel, 2000).

A justiça é concebida como a distribuição de bens materiais (Young, 1999), processos de decisão, divisão social de trabalho, cultura (Sousa Santos, 2007a), e reconhecimento (Fraser, 2001, 2008; Fraser & Honneth, 2006). Portanto, justiça tem a ver com os critérios adotados no uso do poder. Entendendo-se poder como “qualquer relação social regulada por uma troca desigual” (Sousa Santos, 2007a, p. 266). Lembrando que as trocas, no que tange às relações de poder, “podem abranger, virtualmente, todas as condições que determinam a ação e a vida, os projetos e as trajetórias pessoais e sociais, tais como, bens, serviços, meios, recursos, símbolos, valores, identidades, capacidades, oportunidades, aptidões e interesses” (p. 267).

Uma característica marcante, em relação ao poder, é o entrelaçamento da desigualdade material com a desigualdade não material, como na “educação, as capacidades representacionais, comunicativas e expressivas, e a desigualdade de oportunidades e de capacidades para organizar interesses e para participar autonomamente em processos de tomada de decisões significativas” (Sousa Santos, 2007a, p. 267).

Vale destacar o entendimento, neste estudo, de que as relações de poder funcionam em dois sentidos: abrindo novos caminhos ou fixando fronteiras, isto é, assumindo características capacitantes ou inibidoras (Sousa Santos, 2007a). E a mesma constelação de poder permite múltiplas situações e contextos em que o exercício capacitante se combina com o exercício inibidor. A invalidação ou afastamento dos constrangimentos ocorrem quando, em uma determinada situação, as diferentes relações de poder são exercidas simultânea e convergentemente no modo “abertura-de-novos-caminhos” (Sousa Santos, 2007a, p. 269). Esse último modo de relação de poder é possibilitador de igualdades e constitui o critério de justiça adotado neste estudo.

Quanto à responsabilidade, consideramos que ela decorre da aptidão inerente à condição humana de poder escolher entre alternativas de ação com saber e vontade. Até

onde sabemos, o ser humano é o único ser que pode ter responsabilidade, e se ele a pode ter ele a tem, admitindo-se o imperativo de que o poder leva consigo o dever (Bartholo Jr. 2001; Jonas, 2006). Lévinas (1997) fala na primeira pessoa que, na medida em que meus atos afetam o outro, ele se torna objeto da minha responsabilidade. Assim sendo, “no âmbito da responsabilidade, da necessária resposta à demanda de um outro encontramos a dimensão ética por excelência” (Junqueira, 2006, p. 8). E a ampliação do meu poder é também a ampliação de seus efeitos no tempo e no espaço, e, na mesma medida a ampliação do meu dever (Jonas, 2006). Entendido assim, poder e dever guardam uma relação de dependência, e nesse sentido, “a dependência e a ética estão juntas e juntas elas caem” (Bauman, 2008, p. 96).

O significado de responsabilidade, referido acima, está orientado para as relações sociais, ou expectativas e demandas externas, relativas à compatibilidade com normas aceitas, ou com as necessidades das outras pessoas, como atitude de cuidado e atenção. Para Lévinas, a humanidade do homem é uma responsabilidade pelo outro, ele concede ao outro uma prioridade inquestionavelmente oposta ao colonialismo. Sua radicalidade nesse sentido é citada por Bauman (1997, p. 101) ao discutir uma ética pós-moderna:

Eu sou responsável pelo Outro sem esperar reciprocidade [...] a reciprocidade é questão dele [...] Eu sou responsável por uma total responsabilidade, que responde por todos os outros e por tudo nos outros, mesmo por sua responsabilidade. O eu sempre tem uma responsabilidade a mais que todos os outros<sup>1</sup>. O nó da subjetividade consiste em ir para o outro sem se importar com seu movimento para mim. Ou, mais precisamente, consiste em se aproximar de tal sorte que, acima e além de todas as relações recíprocas que não deixam de se estabelecer entre mim e o próximo, eu tenha sempre dado um passo a mais rumo a ele<sup>2</sup>.

Mas, além dessa responsabilidade com o outro, a responsabilidade se refere a uma relação especial que a pessoa tem com a própria subjetividade, como tendo normas

---

<sup>1</sup> Lévinas, E. (1981). *Ethics and infinity: conversation with Philippe Nemo*. Duquesne University Press, Pittsburgh.

<sup>2</sup> Lévinas, E. (1985). *Otherwise than being, or beyond essence*. Martinus Nijhoff, Haia.

e relações apropriadas, e os papéis e deveres delas derivados. Quando o desejo de bem moral da pessoa se estende para além de decisões situacionais, quando ela deseja continuar a querer no futuro o que é moralmente bom, e quer estar certa de que o fará, então, a pessoa faz a si mesma responsável por comportar-se moralmente, dentro dos limites do seu entendimento (Blasi, 2005).

Nesse sentido, fazer-se responsável é operar na subjetividade, e não, simplesmente, em um desejo relacionado a uma situação concreta. Significa criar uma espécie de necessidade permanente, para si mesmo, de certas normas e ações. Entendida dessa forma, responsabilidade é, antes de tudo, um desejo acerca de si mesmo que deve ser manifestado em ação (Blasi, 2005), na qual se atualiza a ética.

Pelo exposto acima, a ética é concebida, neste estudo, como um conceito complexo, multifacetado implicado em todas as dimensões da vida. Ela é complexa, nas palavras de Morin, “por ser de natureza dialógica e ter sempre de enfrentar a ambiguidade e a contradição. É complexa por estar exposta à incerteza do resultado e comportar aposta e estratégia. É complexa por não impor uma visão maniqueísta do mundo” (Morin, 2005, p. 195-6).

A ética, portanto, é frágil, incerta, inacabada, devendo ser atualizada em cada situação, nos contextos concretos, nos quais o ser humano tem a oportunidade de posicionar-se, de dar respostas, de decidir e de inventar o que é o melhor a ser feito. Isso significa que no cotidiano, frequentemente, o sujeito concreto terá de produzir por conta própria quaisquer qualidades que deseje possuir, e “nenhuma delas com garantia de perdurar indefinidamente, em um mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez, e de forma imprevisível” (Bauman, 2004, p. 7).

Com essa compreensão, este estudo coloca a ética no campo da liberdade de escolha, mas, acima de tudo, no campo da inventividade. A escolha diz respeito à opção por uma das possibilidades dentre outras disponíveis, a partir da reflexão, individual e no coletivo, adotando critérios de justiça, de solidariedade e de responsabilidade.

A inventividade refere-se à criação de novas possibilidades, de utopias, também concebidas pela reflexão que leva em consideração tudo e todos os implicados na situação. Ela expressa uma atitude criativa (Novaes, 1972) a qual é representada por respostas adequadas a situações novas e respostas mais adequadas e construtivas para situações antigas, em que o sujeito é capaz de modificar sua atuação com base em novas informações, e desenvolver perspectivas a fim de progredir por si mesmo, de modo

consistente, num estilo singular de aprendizagem, “estimulando a mudança, proporcionando oportunidades para transferir e aplicar o conhecimento às situações da realidade” (Novaes, 1972, p. 49).

Consideramos que esses “todos”, a quem nos referimos antes, incluem aqueles que estão do outro lado do mundo e aqueles que ainda vão nascer, e que, sob as novas condições de globalização, tecnologia e conhecimento, o saber se torna objeto de um imperioso dever, comensurável às virtualidades da extensão causal do agir humano coletivo (Jonas, 2006). Assinalamos que, o descompasso entre a previsibilidade e o poder efetivo de ação se coloca como um problema de relevância ética, na medida em que as consequências da ação humana, potencializadas pelas novas tecnologias e informações, desestabilizam a relação entre o que se pode fazer e o que se pode prever das consequências desse fazer (ou abster-se de fazer) a médio e longo prazo. Assim sendo, o desafio é imenso, ainda maior considerando-se que “é preciso solidariedade com as futuras gerações; mas ainda não aprendemos a ser solidários com o ‘outro’ no presente” (Bursztyn, 2001, p. 64).

A noção de ética associada à inventividade e à utopia retoma seu elemento central, a liberdade. A liberdade que têm os indivíduos de escapar ao determinismo (entendido como sendo sempre provisório) sócio-histórico-cultural. Trata-se da capacidade de mudar o curso e o sentido das coisas, de não ceder à pura e simples inércia, de não se (con)formar simplesmente à sociedade e ao *self* “estabelecidos”. Nesse sentido, a ética implica recriação de novos “eus” e de novas culturas. Ela é “inteligência criadora”, a máxima expansão da criatividade humana, e tem a ver com assumir a autoria da própria vida, e da história individual e coletiva (Marina, 1995). Lembrando, com este autor, que:

as circunstâncias, que são um determinismo exterior, e os impulsos que são um determinismo interior deixam pouco espaço para a liberdade criadora, que não é mais do que um breve hiato loquaz abrumado com tanta coação [Contudo], reconhecermo-nos como autores, apesar das tramas do determinismo e do acaso, é uma das principais tarefas da ética (p. 14).

Finalmente, a ética é definida nesta tese como a busca da vida boa para si e para o outro (Ladrière, 2001; Ricoeur, 1995) próximo e distante no tempo e no espaço, expressa em uma disposição para receber “seus novos membros” (Figueiredo, 2009, p. 123), e, também, aptidão para tal. Nesse sentido, ela implica o engajamento em um processo de reflexão com vistas à melhor decisão, considerando todos os elementos implicados na situação, e todos, próximos e distantes no tempo e no espaço, passíveis de serem afetados pela ação. Ética é definida, ainda, como utopia, como a “exploração de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade” (Sousa Santos, 2007a, p. 332). Ela é “uma meditação sobre como burlar o destino, quer dizer, o determinismo da rotina, da maldade e do tédio” (Marina, 1995, p. 16). Deste modo, a liberdade implicada na ética é um instrumento para o futuro, não apenas uma escolha entre alternativas dadas (Day & Goddard, 2010). Portanto, trata-se de uma ética, por definição, comprometida com uma sociedade tendente à sustentabilidade.

## **2.1. Caráter moral: imbricado de força de vontade, integridade e vontade moral**

Enquanto a ética pergunta sobre o que é o melhor a ser feito, questiona o que tradicionalmente é tido como sendo o melhor a ser feito, a moral diz, explícita ou tacitamente, o que é certo/bom/bonito, ou o que é errado/ruim/feio em um determinado contexto cultural. Portanto, a moral diz respeito às normas, às regras sociais que regulam as ações humanas em determinado tempo e espaço historicamente determinado. Nesse sentido, a ética é a condição humana que possibilita questionar a moral vigente (Boff, 2003).

Na área da psicologia, várias teorias de funcionamento moral foram propostas no último século (Bergman, 2004; Blasi, 1983, 1999, 2004a, 2004b2005; Blasi & Oresick, 1986; Branco (1999); Hardy & Carlo, 2005; Hoffman, 2000; Kohlberg, 1981; La Taille, 2006; Piaget, 1932/1992, dentre outros). Neste estudo, adotamos a abordagem de Blasi por sua ênfase em que as bases psicológicas para a integridade repousam na capacidade humana de construir o senso do *self* por meio da apropriação dos próprios desejos e

ações, e refletindo sobre estes processos, relacioná-los e interessar-se não apenas pelos objetos de desejo, mas também pelo *self* desejante e atuante.

A moral, neste estudo, está associada a ações que possibilitam ao outro a produção de prazer, de gosto e de atração; e o impedimento de produção de dor, de desgosto e de aversão (González, 1997). Daí a opção por falar de caráter moral, encarnando a moral no sujeito concreto, implicando sua determinação nos sentidos de possibilitar o bem e impedir o mal. O conceito de caráter moral expressa a tendência relativamente geral do sujeito a comportar-se da maneira que ele considera moral (Blasi, 2005).

A concepção de caráter moral de Blasi está assente em um imbricado de três construtos: força de vontade, integridade e vontade moral. Força de vontade é a capacidade de autocontrole, isto é, a capacidade de resistir a certos impulsos para fazer o “mal”, ou a superar a inércia para realizar o “bem”. Integridade se refere ao cuidado da pessoa com a unidade do seu senso subjetivo de *self*, manifestado na consistência com os comprometimentos escolhidos. Uma preocupação e cuidado intencional para evitar as contradições entre o que pensa, ou diz, e o que faz, e aqueles comprometimentos com o senso em torno do qual construímos o quem somos nós. E vontade moral é a vontade estruturada em torno de desejos voltados para o que é considerado, pelo próprio sujeito, como sendo moralmente bom (Blasi, 2005).

Força de vontade e integridade não são morais por si sós, elas recebem seu significado moral dos desejos morais, indicando que o centro do caráter moral está na vontade moral pessoal (Blasi, 2005). Definimos vontade moral, a partir de Blasi (2005), Marina (2004) e Rosa e González (2010), como a vontade resultante do projeto de construir um ser humano com níveis cada vez mais altos de emancipação, isto é, autonomia e responsabilidade; propenso a tirar proveito da própria experiência e das dos outros, e a participar no desenvolvimento de novas formas de coexistência.

Vale incluir no contexto dessa reflexão a diferença estabelecida por Frankfurt (1988) entre vontade e desejos irrefletidos. Para ele, se os desejos são irrefletidos, eles atuam como impulsos: eles serão respostas espontâneas, nas quais o agente está totalmente submerso, sem autonomia, sem um mínimo de distância que a reflexão introduz. Ele observa que, embora, o impulso seja “claramente meu” e imediatamente experimentado como sendo meu, sem esse distanciamento, ele é sentido como passivamente surgido de mim. A vontade é o oposto do impulso: ela requer, e é

construída por uma intervenção por meio da qual o impulso é isolado, transformado em um objeto, e então é rejeitado ou acatado, dando suporte e energia para ação do agente (Frankfurt, 1988).

A vontade é organizada hierarquicamente, de acordo com o nível cada vez maior de motivação. Um caso especial de estruturamento da vontade, particularmente importante para o funcionamento moral, é quando certos desejos não são simplesmente ordenados em uma escala quantitativa de praticidade, são totalmente rejeitados por não valerem a pena. Nestes casos, eles não permanecem por muito tempo abertos à volição (Blasi, 2005; Frankfurt, 1988).

Um exemplo mais radical de estruturamento da vontade ocorre quando a pessoa se importa tão profundamente com certos desejos, e sobre uma especial ordem do seu desejo, que quer ser guiada por eles também no futuro. Esse comprometimento pode ser tão decisivo que eles modelam a integridade da pessoa, de modo que se torna impensável para ela o engajamento intencional em ações e projetos que contradigam sua vontade (Blasi, 2005; Frankfurt, 1988), ou o afastamento de ações e projetos que configurem omissão.

Segundo Blasi, quando a pessoa se apropria dos valores e ideais nutridos, em torno dos quais ela constrói um senso central de *self*, quando ela determina o que realmente conta, ela estabelece certa hierarquia entre seus objetivos e preocupações, criando um senso de unidade subjetiva e direcionamento ao longo da vida. Sob essas condições subjetivas, atuar de modo a contradizer e negar os valores centrais não é percebido como uma opção; e comprometer essa identificação é sentido como sendo impensável, e seria experimentado como autotraição e perda do *self* ou da alma.

Bauman (2008), refletindo sobre uma ética pós-moderna, cita que, para Lévinas, a resposta malcriada de Caim quando Deus lhe pergunta onde estava Abel - “sou por acaso o guardião do meu irmão?” - deu origem a toda imoralidade. Para Lévinas (1997), somos todos guardiões uns dos outros; e cada um é e permanece uma pessoa moral enquanto não pergunta por uma razão especial para sê-lo. Do mesmo modo, para Bauman (2008, p. 96), “quer admitamos ou não, somos guardiões de nossos irmãos, porque o bem-estar do meu irmão depende do que eu faço ou me abstenho de fazer”.

Posicionar-se como tendo essa responsabilidade pelo outro, e posicionar o outro no primeiro plano da ação constitui uma identificação da subjetividade que caracteriza o voluntário do modo como será definido neste estudo.



## 2. Voluntariado

Segundo a Organização das Nações Unidas, voluntário é o jovem ou adulto que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar social ou outros campos (ONU, 2011).

No Brasil, a Lei nº 9.608, de 1998, que dispõe sobre voluntariado, em seu Art. 1, considera o serviço voluntário como uma “atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade”.

Selli (2002) denomina de “voluntariado orgânico” fundamentado na “solidariedade crítica” o estilo de atuação voluntária que se constitui numa possibilidade de intervenção societária; em contraposição a formas de solidariedade marcadas pelo assistencialismo, que dificilmente tiram as sociedades do confinamento ao qual estão submetidas. A prática solidária capaz disso, para a autora, é aquela assumida de forma crítica, em que o agente é capaz de discernir as dimensões sociais e políticas que estão presentes na relação solidária.

Assim, o que caracteriza essa dimensão crítica do voluntariado orgânico é a percepção da possibilidade de intervir de forma ativa na definição de políticas públicas, de forma individual e coletiva, uma vez que está comprometido tanto em suprir as necessidades materiais imediatas quanto em tornar as pessoas autônomas.

A noção de voluntariado adotada neste estudo dispensa a adjetivação “orgânico”, mas incorpora o comprometimento conceitual e prático do voluntariado em promover a participação e autonomia das pessoas em outras dimensões da vida: educação, trabalho, processos de decisão, construção de significados, cultura; além de suprir necessidades materiais imediatas.

A seguir, fazemos uma revisão da literatura, no campo da Psicologia, sobre voluntariado, em torno das questões: motivações, funções, consequências para quem o pratica, fatores de personalidade, e dimensão ética. Sobre essa base, e complementando-

a, propomos uma nova reflexão sobre os processos de subjetivação no contexto do voluntariado, situando-o como local de experiência humana de fronteira, de superação de limites pessoais, e de possibilidades de novas formas de sociabilidade.

### **3.1. Motivações, funções, consequências e ética**

No campo acadêmico e científico, muitas iniciativas têm se voltado para a compreensão do voluntariado, abrangendo desde projetos de pesquisa e extensão, teses e dissertações, até a organização de encontros específicos sobre o tema. Na área da Psicologia, as pesquisas realizadas têm focado, dentre outros aspectos: motivações do comportamento de ajuda (Clary e cols., 1998; Cnaan & Goldberg-Glen, 2002; Greenslade & White, 2005; Roca, 1994; Selli, 2002), saúde do voluntário (Midlarsky, 1991), avaliação de estresse e *burnout* (Nesbitt, Ross, Sunderland & Shelp, 1996), relação entre fatores de personalidade e voluntariado (Bakker, Van Der Zee, Lewig. & Dollard, 2006; Elshaug & Metzger, 2001), identificação do perfil (Ajzen, 1991; Greenslade & White, 2005), investigação da sua autopercepção e da percepção de outros profissionais sobre ações voluntárias (Moniz & Araujo, 2006), mecanismos que geram disposição ao engajamento (Ríos, 2004); dimensão ética do cuidado e do voluntariado (Birman, 2006, 2007; Ferrari, 2010; Figueiredo, 2009; Junqueira, 2006). Para os interesses deste estudo destacamos o que segue.

Quanto à motivação e decisão para a atuação voluntária, assinalamos a teoria do comportamento planejado (Greenslade & White, 2005), cuja premissa central é que as pessoas tomam decisões racionalmente usando as informações acessíveis. O modelo teórico propõe que antecedentes causais de comportamento são uma sequência lógica de cognições.

O antecedente imediato de comportamento é a intenção da pessoa para realizá-lo. Intenções, por sua vez, é uma função de três determinantes. A primeira determinante é a

atitude da pessoa, conceituada como a avaliação geral, tanto positiva quanto negativa, de realizar o comportamento de interesse. A segunda é norma subjetiva, a qual reflete uma pressão social percebida para realizar ou não tal comportamento. E a terceira é o controle comportamental percebido, que reflete em que extensão a pessoa percebe o comportamento como estando sob controle volitivo (Ajzen, 1991; Greenslade & White, 2005).

Uma segunda abordagem teórica para entender o voluntariado é a abordagem funcional. Similarmente aos teóricos do comportamento planejado, os teóricos desta abordagem assumem que a decisão para praticar o voluntariado é um processo racional. Eles discutem que o comportamento de atuar voluntariamente é precedido por uma avaliação cognitiva de benefícios derivados do voluntariado (Cnaan & Goldberg-Glen, 2002; Greenslade e White, 2005).

Os indivíduos vão atuar voluntariamente se sentirem que o voluntariado preenche uma ou mais das seis motivações funcionais: (1) valores: expressar valores altruístas; (2) entendimento: entender a população ajudada; (3) carreira: ganhar benefícios relacionados a carreira; (4) social: influência de amigos, família ou um grupo social; (5) proteção: facilitar a redução de culpa por ter mais sorte que outros; (6) estima: crescimento e desenvolvimento do ego (Clary e cols., 1998). Esses autores também propuseram uma posição interacionista a qual sublinhamos: motivações individuais associam-se a oportunidades proporcionadas pelo ambiente.

As razões para a atividade voluntária são descritas também em torno de três tipos de motivações básicas: (1) motivações pessoais relacionadas à vida do voluntário que quer dar sentido à própria vida, ocupar o próprio tempo, ter a possibilidade de comunicar-se, superar o vazio da existência, sentir-se melhor como pessoa, enfim, conquistar o próprio bem-estar; (2) motivações decorrentes da crença professada, quando o sujeito é voluntário para conquistar a perfeição, exercitar a caridade, o amor ao próximo etc.; e (3) motivações despertadas pelo sentimento de solidariedade crítica, quando o centro do interesse é o outro, quando a motivação é contribuir na construção da justiça, reduzir as disparidades sociais, cumprir com sua parte como membro da sociedade (Selli, 2002).

Para Roca (1994), a ação voluntária tem em sua essência dois tipos de motivações: a convicção de que a solidariedade é fator básico para o amadurecimento pessoal; e a crescente percepção de que a humanidade só poderá subsistir se converter a solidariedade em um princípio essencial do desenvolvimento humano.

Em relação à saúde do voluntário, a ajuda prestada traz consequências positivas para quem a oferece. A atividade de ajuda alivia o estresse, por cinco razões: (1) a ajuda serve como distração para os próprios problemas, pois leva o indivíduo a abandonar a perspectiva egocêntrica e a adotar uma orientação allocêntrica, o que pode ser efetivo no estabelecimento de equanimidade durante períodos de estresse; (2) desenvolve a capacidade de aumentar o senso de valor em torno da própria vida (espiritualidade e humanidade); (3) tem um impacto positivo na evolução pessoal (percepção de competência, controle e orientação pessoal, aumento da autoestima, sentimento de mérito pessoal e autoeficácia); (4) melhora o humor, pois o altruísmo tem um efeito reforçador que funciona como uma recompensa, principalmente quando é congruente com altos níveis de valores morais; e (5) promove a integração social por estar ligado à solidariedade e ao desenvolvimento de habilidades sociais a partir das interações de ajuda e senso de comunidade entre pessoas que eram inicialmente estranhas umas às outras (Midlarsky, 1991; Moniz, 2002).

Estudos relacionando o estresse e o *burnout* à atividade voluntária (Nesbitt, Ross, Sunderland & Shelp, 1996) identificaram baixa incidência de estressores severos e baixos escores para *burnout*. Ao contrário, segundo esses autores, a ajuda quando prestada por pessoas que estão sob estresse leva à sua reavaliação como um desafio ao invés de ameaça ou perda, favorecendo a superação da condição de vítima e promovendo a percepção de si como pessoa capaz de agir tão bem quanto reagir, gerando sensações de bem-estar e competência. Contudo, condições inadequadas – quando, por exemplo, o voluntário conta apenas com a disponibilidade pessoal, sem capacitação adequada - expõem o voluntário ao estresse e inaptações (Moniz & Araujo, 2006).

No que tange às relações entre fatores de personalidade e voluntariado, estudos (Bakker, Van Der Zee, Lewig. & Dollard, 2006; Elshaug & Metzger, 2001) associam características de personalidade à disposição para o voluntariado: (1) pessoas extrovertidas tendem mais ao voluntariado do que as introvertidas; (2) voluntários são mais ousados, arrojados e intrépidos do que os não voluntários; (3) comportamento pró-social tem sido associado a baixos níveis de ansiedade e depressão; (4) pessoas que ajudam outras podem ser mais estáveis emocionalmente e experimentar muitos estados de humor positivo. Enfim, estes estudos indicam que certas características de personalidade podem predispor alguns indivíduos a se envolverem em relações de ajuda

e que os atributos empatia, cuidado e responsabilidade social caracterizam a disposição para ajudar.

Ainda no estudo de Elshaug e Metzger (2001) temos que os participantes com mais anos de voluntariado tendem a dedicar mais tempo/horas semanais ao voluntariado. Tendência que pode indicar: (1) o voluntariado, com o tempo, é incorporado ao estilo de vida; (2) para as pessoas que praticam o voluntariado regularmente, a atividade torna-se uma parte importante de sua rotina e eles dedicam mais de seu tempo ao trabalho voluntário. Para os autores, é possível que quanto mais tempo o voluntário se dedique a uma organização, mais demandas e expectativas sejam colocadas para ele, que, conseqüentemente, sente-se obrigado a ajudar mais frequentemente.

Quanto à dimensão ética do voluntariado, estudos no campo da psicanálise (Birman, 2006, 2007; Ferrari, 2010; Figueiredo, 2009; Junqueira, 2006), voltados para as interações que ocorrem na prática do cuidado e do voluntariado, levando em conta o funcionamento do mundo psíquico, enfocam a diversidade de objetivos, valores e expectativas dos atores envolvidos. Uma dimensão ética ressaltada nesses estudos refere-se à consideração pelo outro, seus desejos e escolhas. No caso do voluntariado, Ferrari afirma que projetos melhor sustentados implicam ações que auxiliam o outro a partir do seu desejo, isto é, do desejo próprio do beneficiário; o que requer olhar e ouvir o outro em sua singularidade, seus desejos e interesses, histórias e diferenças que trazem novas perspectivas e convocam a novas criações na construção de uma trajetória de respeito e realização em parceria (Ferrari, 2010). Nessa dinâmica, a ética é a “dimensão da disposição do mundo humano em receber seus novos membros” (Figueiredo, 2009, p. 133).

### **3.2. Contexto de fronteira, local de possibilidades**

O contexto do voluntariado é entendido, neste estudo, como contexto de fronteira na medida em que se constitui em local de encontro com o diferente, portanto de novas possibilidades. O aspecto da fronteira ressaltado é aquele descrito por Sousa Santos (2007a, p. 347-356), o qual consiste em uma forma privilegiada de sociabilidade.

O aspecto de fronteira adotado neste estudo é o oposto ao que Bauman classifica como “a arte arcana do mau encontro” (Bauman, 1997, p. 176), em que os estrangeiros são próximos estranhos, isto é, socialmente distantes, embora fisicamente próximos. Os sujeitos desses encontros são agentes e objetos de uma interação condenada a “permanecer errática, casual, sem nenhuma promessa de sucesso, pois o outro está fora da relevância tópica”, ou “a sua presença é irrelevante, o seu ser é ser não reconhecido, a sua existência é existência não-admitida” (Bauman, 1997, p. 177).

Dentre as técnicas da arte do mau-encontro a mais saliente, segundo Bauman, é o evitar o contato ocular, o desafio é ver fingindo que não está olhando: “o que se requer é exame disfarçado com indiferença. Um olhar que se assegura e se informa de que nada seguirá ao olhar descuidado e não se presume nenhum direito ou dever” (Bauman, 1997, p. 178), nenhuma “promessa”, isto, é, nenhum “compromisso voluntário para decidir o futuro” (Marina, 2004, p. 29).

Por outro lado, conforme anunciado anteriormente, a fronteira pode ser uma forma privilegiada de sociabilidade, considerando as características apontadas por Sousa Santos (2007a), dentre outras: uso seletivo e instrumental das tradições trazidas para a fronteira, invenção de novas formas de sociabilidade, hierarquias fracas, fluidez das

relações sociais, proximidade entre estranhos e íntimos, e misturas de heranças e invenções.

O contexto do voluntariado é marcado pelos aspectos de fronteira referidos acima no que oportuniza conhecer outros, saber sobre outros, ampliar a “própria coleção de outros” (Bauman, 1997, p. 168), em oposição às possibilidades do mau-encontro, descrito anteriormente.

Sousa Santos recorre aos historiadores, especialmente, Cronon, Miles e Gitlin (1992), para “construir o tipo-ideal da sociabilidade da fronteira” (Sousa Santos, 2007a, p. 349), cujas características analisamos a seguir, considerando a pertinência para este estudo do contexto do voluntariado como local de encontro com o diferente, de vivências dos próprios limites e de possibilidades de transgredi-los.

A novidade da situação na fronteira faz com que lancemos mão de todos os nossos recursos, aproveitemos oportunidades, e nos lancemos à criação. Quando se chega à fronteira escolhe-se do passado o que se quer manter, abandonar ou modificar. Muitas vezes, viver na fronteira significa ter de inventar tudo, inclusive o próprio ato de inventar, o que resulta em converter o mundo em uma questão pessoal, e na sensação de estar participando da criação de um novo mundo. Na fronteira, a criação de obrigações horizontais se sobrepõe à criação de obrigações verticais, de modo que a participação é orientada pelo princípio da comunidade, subjacente à criação de um novo senso comum político, um senso comum participativo concebido como “parte da tópica para a emancipação” (Sousa Santos, 2007a, p. 351).

Vale assinalar que as reservas de experiência e de memória levadas por cada um para a situação de fronteira transformam-se quando aplicadas em um contexto novo, havendo, inicialmente, uma grande liberdade de futuras transformações. Contudo, a partir das primeiras escolhas sobre o tipo de comunidade em que o grupo pretende viver, vai sendo reduzido o âmbito da liberdade de escolha possível posteriormente. A “liberdade com que são transformadas pela primeira vez condiciona a liberdade de futuras transformações” (Sousa Santos, 2007a, p. 348).

A sociabilidade de fronteira está assente em limites, bem como na transgressão dos limites. O poder que cada um tem, ou a que está submetido, tende a ser exercido no modo abertura-de-novos-caminhos, mais do que no modo fixação-de-fronteiras. Até porque a raridade, precariedade, e utilidade vital das relações sociais na fronteira, tornam

preciosos os laços possíveis de estabelecer. Daí que, uma das principais características da sociabilidade de fronteira é uma disponibilidade para esperar quem quer que seja, o que para Sousa Santos significa:

prestar atenção a todos os que chegam e a seus hábitos diferentes, e reconhecer na diferença as oportunidades para o enriquecimento mútuo. Essas oportunidades facilitam novos relacionamentos, novas invenções de sociabilidade que, devido ao seu valor paradigmático, se convertem, instantaneamente em herança (2007a, p. 350).

No processo de transição paradigmática, favorecida no contexto de fronteira, o *self*, guia-se ora pelo paradigma dominante, isto é, o paradigma trazido para a fronteira, ora pelo paradigma emergente, em *surgimento* das interações na fronteira. Sendo que, mesmo quando o desejo é aproximar-se tanto quanto possível do paradigma emergente, ele, o *self* sabe que só ziguezagueando entre o paradigma tradicional e o emergente poderá chegar neste último; e sabe também que, mais de uma vez, será o paradigma dominante a continuar a guiá-lo.

Ao longo da transição paradigmática, a subjetividade - a qual ordena a multiplicidade de nossas experiências, forjando os sentidos (González, 1997) - segue num vazio de significados, o qual é preenchido pelos limites que vão sendo vislumbrados, ora próximos, ora longínquos. De modo que, os limites avistados pela subjetividade de fronteira vão sendo, eles mesmos, transformados de maneira significativa. Assim sendo, do mesmo modo que a subjetividade de fronteira vive dos limites, os limites vivem da subjetividade de fronteira (Sousa Santos, 2007a).

Assim, na transição paradigmática, os paradigmas em competição perdem a fixidez para se tornarem o produto das ações individuais e coletivas que dependem deles. Os centros ficam dependentes do que acontece nos limites exteriores, e tornam-se, eles próprios, consideravelmente acêntricos. Esse acentrismo favorece a desierarquização e a horizontalização das práticas de conhecimento típicas da transição paradigmática: uma forma de conhecimento baseada numa retórica dialógica - uma hermenêutica diatópica - constituída como tópica de novos sentidos comuns emancipatórios. Esse acentrismo, também, põe em causa a ampliação do mundo através da ampliação do presente,



recuperando experiências desperdiçadas, e propondo uma vigilância ética constante sobre o desenrolar das possibilidades (Sousa Santos, 2004; 2007a).

Por fim, é importante assinalar que a experiência dos limites é uma experiência existencial intensa, e que na fronteira ela é vivida de modo comunitário. E, nesse sentido, remetemos às palavras de Sousa Santos, com grifo nosso, ao final:

O que é mais saliente na subjetividade de fronteira é conseguir combinar a participação comunitária com a autoria, ultrapassando, assim, a distinção entre sujeito e objeto. Na fronteira, esta combinação de comunidade e autoria é possível porque um outro princípio, além, do Estado e do mercado, um elemento do princípio estético-expressivo - a artefactualidade - também está presente. *E construir um mundo novo, inventar novas formas de sociabilidade, atravessar terras-de-ninguém entre limites variáveis são as formas de artefactualidade mais fortes que podemos imaginar.* ( 2007a, p. 356)

Para os objetivos deste estudo, é importante captar a fenomenologia geral da vida em fronteira, a fluidez dos seus processos sociais e criação constante, evidenciando de forma caricata a instabilidade, a transitoriedade, e precariedade da vida.

Nesse contexto, a subjetividade emergente tem sua gênese no futuro, portanto, intrinsecamente problemática e prudente, autorreflexiva particularmente a respeito daquilo que “está sendo”, mas que ainda não “é”. Atitude que implica colocar o futuro como uma questão pessoal, seguir muito de perto as consequências dos atos, refletir sobre o passado que nunca foi, e sobre as condições que o impediram de ser (Sousa Santos, 2007a).

Assim, embora não mencione a palavra sustentabilidade, é dela, em última instância, que Sousa Santos está falando. O seu mapa de transições paradigmáticas e a subjetividade emergente disposta a percorrê-lo vão ao encontro de um mundo tendencialmente sustentável, conforme a noção de sustentabilidade apresentada a seguir.

## 4. Sustentabilidade

Segundo a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - CIMMAD (1988), sustentabilidade é a perenização de níveis adequados de qualidade de vida para as gerações atuais e futuras. Refere-se ao processo de melhoria das condições de vida das comunidades humanas e, ao mesmo tempo, de respeito aos limites dos ecossistemas. Deste modo, desenvolvimento sustentável pode ser compreendido como um processo de mudança no qual a exploração dos recursos e a orientação das inovações tecnológicas e institucionais são feitas de forma consistente com as necessidades de todos, das gerações atuais e futuras.

De acordo com Sachs (1993), a sustentabilidade constitui um conceito dinâmico, que leva em consideração as necessidades crescentes das populações, e que deve ser analisada por meio de oito dimensões: sustentabilidade social, sustentabilidade econômica, sustentabilidade ecológica, sustentabilidade cultural, sustentabilidade geográfica, sustentabilidade política nacional e sustentabilidade política internacional. A compreensão de sustentabilidade adotada nesta tese dispensa as adjetivações, considerando que sustentabilidade é um conceito global: ou existe em todas essas dimensões, ou não existe em nenhuma.

Na operacionalização do desenvolvimento sustentável, é necessário garantir qualidade de vida para as populações locais, removendo obstáculos políticos e institucionais à sua inserção social, garantindo sua participação nas estratégias de desenvolvimento. Por meio de uma distribuição mais equitativa da renda e dos ativos (incluindo-se, neste estudo, processo de decisão, trabalho, cultura e reconhecimento) pode-se atingir o estabelecimento de um processo de desenvolvimento que conduza a um padrão estável de crescimento, assegurando uma melhoria substancial dos direitos das grandes massas da população e uma redução das atuais diferenças entre os níveis de vida daqueles que têm e daqueles que não têm (Bartholo Jr., 2001; Bursztyn, 2001; Leff, 2007; Sachs, 1993). Também nesse sentido, sustentabilidade é um conceito global, ou existe para todos, ou não existe para ninguém.

A sustentabilidade, neste estudo, constitui um campo do conhecimento em que tanto o controle de fronteiras quanto a generalização são difíceis, e não existe um ponto de vista privilegiado (Bartholo Jr., 2001; Bursztyn, 2001; Carson, 1964/1994; Guimarães, 2001; Jacobi, 1997; Jonas, 2006; Leff, 2007; Sachs, 1993; Stanfield, 2002; Taylor, 2004; Veiga, 2010, dentre muitos). Consideramos, também, que se trata de uma construção que nunca estará terminada, por isso, optamos por falar em “tendência” e “potencial” para a sustentabilidade. E a relação completa de participantes para sua implementação inclui, na concepção adotada neste estudo, cada membro da sociedade humana.

Neste estudo, sustentabilidade é compreendida, em seu sentido amplo, como a possibilidade de reduzir desigualdades intrageracionais e, ao mesmo tempo, evitar uma degradação que provoque desigualdades intergeracionais (Bursztyn, 2001). Ela é entendida como um conceito global em dois sentidos: (a) só é viável se for para todos, e (b) em todas as dimensões da vida - ambiental, social, econômica, cultural etc. Assim sendo, uma condição para a sustentabilidade é o estabelecimento de relações emancipatórias de cada membro da sociedade humana.

Entendida assim, a sustentabilidade pressupõe solidariedade, justiça e responsabilidade, conforme definidas neste estudo, e a ideia de um desenvolvimento sustentável abre “um novo horizonte utópico”, sumarizado na proposição de que a lógica do desenvolvimento necessita ser subordinada à ética (Bartholo Jr., 2001). O cerne da questão é “fornecer um enquadramento ético para relações de poder assimétricas, e, no limite, unilaterais e não-recíprocas”, levando em consideração a irreversibilidade de processos, quer dizer, “situações em que não será possível adotar amanhã ações corretivas de efeitos indesejáveis de cursos de ações desencadeadas hoje” (Bartholo Jr., 2001, p. 19).

Desse modo, a sustentabilidade requer a mudança dos paradigmas excludentes - que ao longo de séculos têm ordenado a multiplicidade das experiências humanas - em direção de uma cultura inclusiva, cosmopolita, na qual tendem a desaparecer as diferenças (de oportunidades, diferenças econômicas abissais, diferenças entre países desenvolvidos e em via de desenvolvimento, diferenças entre cidadão e não-cidadão, deficientes e não-deficientes, estrangeiros e nacionais etc.), pela criação de mecanismos que garantam a promoção do desigual. Tarefa que inclui a transformação da subjetividade, considerando-se que nenhuma transformação paradigmática será possível sem a transformação da subjetividade (Sousa Santos, 2007a).

Com base no exposto, afirmamos que o caminho para uma sociedade sustentável se fortalece na medida em que se desenvolvem práticas educativas pautadas pelo paradigma da complexidade, adotando uma atitude reflexiva, com vistas à construção de novas mentalidades, conhecimentos e atuações (Leff, 1994).

#### **4.1. Elementos de base de uma sociedade tendencialmente sustentável**

Cada grande período da história intelectual é caracterizado por uma relação íntima e específica entre subjetividade e conhecimento, ou entre psicologia e epistemologia. O nosso período histórico é o de crise do paradigma moderno - marcado pela regulação pelo Estado, pela Ciência e pelo Direito - e de construção dos novos paradigmas que o substituirão na pós-modernidade (Sousa Santos, 2007a). Nesse sentido, a transição paradigmática proposta neste estudo é da regulação para a emancipação, dando vantagem para a emancipação na tensão com a regulação.

Somos uma sociedade pós-histórica com relação a representações que mediaram a sociedade moderna, e somos também, dialeticamente, uma sociedade pré-histórica com relação a outras representações emergentes, as quais começam a materializar-se historicamente. Se somos pré-históricos com relação a um próximo período da história, somos também pré-revolucionários. E, sendo assim, cabe aos cientistas pós-modernos dimensionar esta condição e buscar onde se depositam as perspectivas históricas e ganham materialidade as práticas pré-revolucionárias (Sousa Santos, 2006; Simonato, 2003).

Consideramos como os autores acima, que o ponto de partida para tal é a reconversão histórica da exclusão. E não há como processar-se a inclusão social no interior de uma história que se construiu e se regulou para ser excludente. Portanto, cabe a uma nova ciência integrar um projeto estratégico para colaborar com a construção de um *corpus* lógico que supere a modernidade (Sousa Santos, 2006).

A modernidade é caracterizada por esse autor pelo pensamento abissal, o qual produz e radicaliza distinções, separando o que tem direito à existência, em termos

científicos, políticos, sociais, culturais, filosóficos, teológicos etc., do resto. Ela é marcada pela não admissão da existência do outro lado da linha abissal: para “além dela há apenas inexistência, invisibilidade, e ausência não-dialética” (Sousa Santos, 2007b, p. 4). Nas palavras de Bauman, “a modernidade refere-se essencialmente à *solução* de conflito, à admissão de nenhuma contradição exceto de conflitos acessíveis à solução e à sua espera” (Bauman, 1997, p. 13). A pós-modernidade, implicada nessa lógica, caracteriza-se pela mudança da fixidez para o fluxo, exigindo, por isso, uma permanente vigilância sobre si própria. Essa auto-reflexividade distingue a emancipação pós-moderna da emancipação moderna (Bauman, 1997 e 1999).

O projeto estratégico para a construção de um *corpus* lógico que supere a modernidade é um projeto utópico, entendendo a utopia conforme definida anteriormente. E para concretizar-se, esse projeto deverá caminhar em direção a algumas frentes, dentre as quais destacamos duas: a construção de uma democracia radical, global, das relações sociais, reconstruindo os conceitos de solidariedade, justiça e responsabilidade; e o desenvolvimento de uma nova subjetividade, apta e desejosa de realizar essa construção.

Reconhecemos com Sousa Santos (2007a) que este projeto é tão urgente quanto inverossímil, considerando-se as condições sociais, políticas e culturais da atualidade. Primeiro, existe uma restrita consciência na sociedade a respeito das implicações do modelo de desenvolvimento em curso. Segundo, estamos em uma fase de transição paradigmática em que o paradigma emergente ainda é pouco nítido e pouco motivador, pois tem de enfrentar a oposição de um amplo leque de forças sociais, políticas e culturais interessadas em reproduzir o paradigma dominante. Por outro lado, sabemos pouco do futuro que queremos, sabemos muito melhor o que não queremos.

Outra dificuldade é que, embora assente na contradição e na competição entre o dominante e o emergente, o velho e o novo, os opressores não estão necessária e exclusivamente do lado do dominante e do velho; nem as vítimas se encontram necessária e exclusivamente do lado do emergente e do novo. Além disso, a maior parte dos opressores e das vítimas estará no lado do paradigma dominante nas relações sociais concentradas em torno de múltiplos espaços estruturais – “doméstico, produção, mercado, comunidade, cidadania, espaço mundial” (Sousa Santos, 2007a, p. 273), etc. Portanto, a experimentação social com formas alternativas de sociabilidade pode ser recusada inclusive pelos grupos sociais que, em teoria, mais se beneficiariam dela, mas, o direito de recusa é um dos direitos incondicionais nessa transição paradigmática.

As dificuldades referidas acima são agravadas na medida em que a transição paradigmática é uma luta de longo prazo enquanto as lutas sociais, políticas e culturais para serem credíveis e “eficazes”, têm de ser travadas no curto prazo. Por isso, as lutas paradigmáticas tendem a ser travadas como se fossem sub-paradigmáticas, isto é, como se ainda se admitisse que o paradigma dominante pudesse dar resposta adequada aos problemas para os quais chamam atenção. A sucessão das lutas e a acumulação das frustrações vão aprofundando a crise do paradigma dominante, mas, pouco contribuem para a emergência de novos paradigmas (Sousa Santos, 2007a).

Contudo, observamos que o paradigma emergente manifesta-se como a inquietude, que é ponto de partida, não apenas dos nossos desejos e anseios, mas também do nosso pensar e julgar, do nosso querer e agir. Nesse contexto, o problema central de uma sociedade tendencialmente sustentável é o de imaginar uma subjetividade suficientemente apta para transformar a inquietude em energia emancipatória. Uma subjetividade que queira empenhar-se nas competições paradigmáticas, tanto em nível epistemológico, quanto em nível societal, fazendo emergir formas alternativas de conhecimento que gerem práticas sociais alternativas, e vice-versa.

Os caminhos emancipatórios, e a construção das subjetividades emergentes, capazes e desejosas de percorrê-los, teriam como princípios orientadores: (a) um conhecimento baseado numa retórica dialógica; e (b) tolerância com o caos, por sua potencialidade para criar uma ordem emancipatória capaz de facilitar uma resolução progressista de transição paradigmática (Sousa Santos, 2007a).

Os pontos de partida para essa transição, de acordo com o autor, seriam: o princípio da comunidade e o princípio estético-expressivo. O princípio da comunidade, marcado pela participação assente na solidariedade, justiça e responsabilidade. O princípio estético-expressivo, assente nas ideias de prazer, de autoria e de artefactualidade, na vivência das novas formas de sociabilidade, na superação de limites diversos, na construção de si, do outro e da sociedade.

Com o exposto acima, pretendemos situar os elementos de base de uma sociedade tendencialmente sustentável na construção de uma subjetividade apta e disposta a enfrentar competições paradigmáticas implicando uma ética assente na solidariedade, justiça e responsabilidade, imbricadas no prazer da autoria da própria construção, do outro e da sociedade. Uma subjetividade, também, que reconheça a

fluidez e infinitude desta tarefa, o que faz dela uma tarefa exclusiva e verdadeiramente humana.

## **2ª PARTE**

### **Capítulo II – A pesquisa empírica**

#### **1. Metodologia: qualitativa, fenomenológica, dialética histórico-materialista**

A complexidade das relações abarcadas por esta pesquisa requereu a aplicação de metodologia qualitativa (Cresswell, 1998; Denzin & Lincoln, 1998), e foi realizada dentro dos marcos da fenomenologia (Cresswell, 1998; Moran, 2000), adotando-se uma postura dialética histórico-materialista (Fracchia, 1991).

Qualitativa porque está interessada na maneira como as pessoas se expressam e falam sobre o que é importante para elas, como pensam sobre suas ações e as dos outros; sua finalidade é explorar o espectro de opiniões, as diferentes narrações sobre o assunto em questão, não é contar opiniões ou pessoas (Bauer & Gaskell, 2002).

A fenomenologia, conforme análise de Moran (2000), é extraordinariamente diversa. Ela varia dependendo do filósofo que de alguma forma se identificou com sua prática, no que tange a interesse, interpretações do que seja sua questão central, aplicação do que entendem ser o método fenomenológico, e desenvolvimento do que consideram ser o programa fenomenológico para o futuro da filosofia.

Este estudo está situado no campo da fenomenologia no sentido em que o interesse é a experiência concreta dos participantes, buscando entender o fenômeno social em estudo a partir da perspectiva do ator, examinando o modo como este



experimenta tal fenômeno (Cresswell, 1998). É um estudo caracterizado como fenomenológico, também, porque não trata de um conjunto de dogmas e sedimentações de um sistema, mas de uma prática, é uma tentativa de descrever o fenômeno do modo como aparece para o experimentador (Moran, 2000). Encampamos elementos do método fenomenológico observando o modo como o Outro habita o contexto da experiência do voluntário e se apresenta a este como demanda para ele (voluntário), quer dizer, como o chama para a esfera fora dele mesmo, da própria satisfação, das próprias preocupações, conforme a fenomenologia de Lévinas (Lévinas, 1997; Moran, 2000).

O estudo se enquadra na perspectiva dialética porque compreende a relação entre sujeito e objeto no que diz respeito a ambos os movimentos: (a) da realidade, isto é, o processo histórico, o processo de sujeitos agindo sobre, e transformando o mundo; e (b) do conhecimento, isto é, o processo pelo qual os sujeitos produzem conhecimento (Fracchia, 1991).

A perspectiva dialética, mais que um método com um curso estabelecido em definitivo, indica uma estrada em aberto quanto ao modo de olhar para as relações entre sujeitos e objetos, atitude que implica uma seleção de itinerários muito flexíveis, os quais devem ser estabelecidos no curso de cada viagem ao estudo de uma dada sociedade em sua especificidade histórica (Fracchia, 1991).

No caso deste estudo, o que se buscou fazer foi, adotando-se um pensamento dialético em uma estrutura histórica materialista, expor particularidades de pessoas em experiência de voluntariado (as primeiras experiências e as atuais, os sentidos e as mudanças, episódios de transição, os projetos de construção de si, do outro e do mundo, e os processos interacionais estabelecidos).

O instrumento adotado para a pesquisa de campo foi a entrevista individual enriquecida pela narrativa. Consideramos que a entrevista dá espaço para que, da fala dos sujeitos, surja o que constitui a experiência subjetiva no tipo de atividade específica. As entrevistas individuais permitem saber a maneira como os sujeitos se expressam sobre o que é importante para eles, o que pensam sobre suas atuações; elas dão acesso às suas opiniões, atitudes, sentidos, sentimentos, intenções e motivos. A adoção de parâmetros da entrevista narrativa mostrou-se adequada ao estudo porque a narração constrói ações e contexto de maneira mais adequada, mostrando lugar, tempo, motivação e orientações do sistema simbólico da pessoa (Cresswell, 1998; Bruner, 1990).

Na narrativa individual sobre a experiência em comum, as enunciações explicitam eventos constituídos por ações do narrador em que ele se posiciona e é posicionado, posiciona a outros interlocutores e interpreta como estes o posicionam (Davies & Harré, 2001), desdobrando seu discurso com o uso de argumentações, descrições, qualificações, definições e ensinamentos (Brockmeier & Harré 2003; Bruner, 1986), que possibilitam identificar mudanças e permanências dos significados e fazeres ao longo de um período de tempo, expressas pelo próprio sujeito.

Em sua realização, a entrevista narrativa é uma forma não estruturada, de profundidade, que visa conseguir uma visão menos imposta, em que a influência do entrevistador deve ser mínima (Flick, 1998; Riesman, 1993). Ela emprega o tipo de comunicação cotidiana de contar e escutar história, preservando a espontaneidade, considerando que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias em que ele usa sua própria linguagem na narração dos acontecimentos (Cresswell, 1998).

Quanto à análise das entrevistas, ela está baseada na vertente dialogista da Psicologia Cultural, pressupondo que as experiências no contexto do voluntariado implicam um processo de apropriação de fazeres e significados por todos os envolvidos, voluntários e beneficiários, resultando em processos de convencionalização - modelamento que a situação evocada sofre no contexto de idéias e valores dos que a evocam - (Bartlett, 1997), que se dá no jogo polifônico entre história pessoal e história coletiva.

A polifonia pressupõe dinâmicas interacionais do tipo contrapontística em que as vozes pessoais são formadas a partir das dinâmicas de mudanças e permanências de traços de significados que compõem conceitos e posicionamentos nas atividades ao longo da história dos diferentes grupos culturais e de cada pessoa, em contextos específicos de atividades e interlocução, permeados pelos valores e história da sociedade e comunidade onde está localizado (Barbato, 2011).

Nessas atividades estão incluídas as resoluções de problemas, seus elementos característicos e estratégias mobilizadas em mediadores instrumentais e simbólicos coletivos enfocados em atos reflexivos individuais. Os encontros dessas vozes nas interlocuções implicam quebras de comunicação que desencadeiam diferentes níveis de processos de negociação (Matusov, Smith, Candela & Lilo, 2007) e que possibilitam a construção de identificação de interlocutores entre si e em relação às atividades correntes

que, por sua vez, canalizam (Valsiner, 1998b) a construção de micro-culturas (Alexander, 2005).

Com vistas a compreender os processos de transição e explicação de si, do outro e do mundo neste contexto específico, utilizamos a análise temática dialógica (Caixeta, 2006; Carluch, 2008; Linell, 1995; Mieto, 2010) das narrativas de voluntários sobre o que cada um privilegia a partir dos temas comuns. Através da análise da narrativa de antes-agora-depois buscamos compreender as negociações de significados dos interlocutores em experiências comuns e individuais, enfocando as primeiras experiências e as atuais, os sentidos e as mudanças, episódios de transição, os projetos de construção de si e do mundo, e os processos interacionais estabelecidos.

A descrição e definição do contexto de significação foram organizadas a partir da análise dialógica dos significados das narrativas do voluntário relacionados à experiência comum, suas crenças e valores sobre a atuação voluntária. A análise dialógica, tendo a enunciação como unidade de análise, permite a construção das relações de sentido, significado e simbolização, configuradas no encadeamento dos fatos e das palavras que se combinam na relação significante, sintagmática, e de composição (Todorov, 1973); tendo um segundo nível de análise pragmática do discurso para verificarmos as dinâmicas de mudanças ao longo de cada narrativa.

Os níveis de análise nos possibilitaram construir um corpo de conhecimento que relaciona sentidos, motivações, mudanças e permanências, observadas no contexto do voluntariado, a uma perspectiva ética e moral tendendo para a sustentabilidade, que apresentamos nos resultados deste estudo.

## **2. Método**

O projeto de pesquisa, conforme exigência da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) para todos os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil, foi submetido ao conselho de ética em Ciências Humanas da UnB (Projeto UNB/FS/CEP: 034/2008; RG/SISNEP: FR- 186712) e constou, dentre outros documentos, de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLC), o qual foi assinado pelos participantes do estudo; e de Termo de Ciência da Instituição, assinado por sua responsável legal.

A pesquisa que será detalhada a seguir foi realizada com sete voluntários que atuam em uma comunidade de pessoas soropositivas, denominada, neste estudo, de Girassóis, a qual é oficialmente considerada como entidade de utilidade pública, registrada como sociedade civil com fins filantrópicos dedicada à assistência emocional, educacional e material aos portadores de HIV/Aids e seus familiares. Os entrevistados referem-se a ela como comunidade e, também, como “instituição”.

Visando a preservar a identidade dos participantes (quatro homens e três mulheres), eles são chamados pelos seguintes nomes fictícios, na ordem da realização das entrevistas: Luisa, Bruno, Zafir, Paulo, Heitor, Hortênsia e Safira. Todos os demais nomes citados nas entrevistas também são fictícios.

### **2.1. O contexto: uma comunidade soropositivo**

A escolha do contexto deste estudo se deu em função de a comunidade de Girassóis ser alvo de muitas, constantes e continuadas ações voluntárias; de ela constituir-se por pessoas radicalmente excluídas pela família e pela sociedade; e da minha proximidade a estes eventos ao longo de dez anos, como coordenadora de projeto de extensão universitária. (Sobre extensão universitária, ver: Rodrigues da Silva, 2011; Sampaio & Freitas, 2010; Silva, 2003; Síveres, 2001).

A comunidade Girassóis do Distrito Federal é extensão de uma primeira, instituída no início da década de 80 na periferia de uma cidade do estado de Minas Gerais, Brasil. Na época, a Aids causava pânico e exclusão radical do portador, conforme exemplificamos com trechos de uma entrevista: “a família não deixava nem ele usar o banheiro da casa, ele tinha que usar o banheiro da rua, que era o banheiro do boteco que não sabiam que ele tinha Aids (...) as louças eram todas marcadas (...). Outro (...) a mãe isolou o quarto dele da casa, ficou só um tipo uma janelinha onde ela passava a comida pra ele (...) No começo, eram pessoas tão boas! Um era cozinheiro internacional, outro ...” (Hortênsia).

Em Brasília, a comunidade funciona há 20 anos e continua abrigando “a nata da exclusão social: ex-presidiários, ex-moradores de rua, dependentes químicos e portadores de HIV/Aids” (Hortênsia). Além da persistência das demais vulnerabilidades, em relação à Aids, a nomenclatura mudou, já não se fala em “aidético”, mas, na prática, o preconceito continua.

A alta rotatividade dos moradores dificulta o desenvolvimento de projetos com a comunidade: a população flutua de 90 a 240 pessoas, entre crianças, adolescentes, jovens e adultos. Ela ocupa um terreno cedido pelo governo, uma espécie de chácara de cem mil metros quadrados, situada em uma Região Administrativa do Distrito Federal, Brasil. Além do terreno, e dos coquetéis, que também recebem do governo, a comunidade subsiste de ações voluntárias, tanto de pessoas externas à comunidade quanto de seus moradores.

A implantação da comunidade é constituída por 37 casas, a maioria, bem precária, as quais abrigam as famílias ou grupos de homens, ou de mulheres sem família, ou “enfermos”. Algumas casas são geminadas, estruturadas a partir de um antigo curral, formando uma pequena rua, ou melhor, um pequeno beco. As outras são separadas, incluindo um refeitório comunitário, formando uma pequena praça, com uma casa quase no centro. Este fato merece nota pelo jogo de mostra-esconde que essa arquitetura estabelece, aspecto também marcante da trajetória de vida dos moradores da comunidade, habituados à busca de camuflagem pela condição de drogados, criminosos, aidéticos, prostitutas, homossexuais e outras categorias de vulnerabilidades. Essa tendência a esconder-se, dentre outros fatores, também, dificultava o desenvolvimento de projetos com a comunidade.

As demais instalações constam de: um refeitório, já mencionado, onde são preparadas e servidas todas as refeições coletivamente; uma “casa da criança”, onde permanecem crianças e adolescentes, em caso de internação ou falecimento dos pais. Um salão, onde se realizam: encontros religiosos duas vezes por semana; atividades semanais de evangelização, na prática, aulas sobre cuidados com a saúde e meio ambiente, questões morais, e questões emergências do grupo de crianças, adolescentes e jovens; encontros quinzenais de alcoólatras anônimos, dentre outras atividades, todas coordenadas por voluntários. Seis salas de aula, construídas e utilizadas por um grupo de, em torno de, 15 voluntários que trabalha de forma articulada, planejada, continuada, ao longo de mais de dez anos, com atividades semanais, exceto durante as férias. Três salas, também construídas por esse grupo (com inúmeras colaborações e algumas parcerias com empresas privadas), estão, minimamente, equipadas como um centro de atendimento à saúde e um “cantinho da leitura”, com livros de literatura infantil e infanto-juvenil.

Fora as instalações, no espaço aberto, há uma área que pode ser usada como campo de futebol e outras atividades esportivas e de lazer, uma horta (implementada pela persistência, ao longo de anos, por diferentes grupos de voluntários), uma pequena plantação de banana, e alguns pés de manga. O restante é mato.

A comunidade funciona com base no voluntariado tanto de pessoas externas à comunidade, quanto de moradores, os quais realizam todo o serviço de manutenção, e cuidado dos mais debilitados, e de seus filhos, quando é o caso.

Quanto à caracterização etnográfica dos moradores, vale notar que poucos adultos trabalham fora, e alguns poucos são aposentados. Oriundos de famílias pobres, eles têm baixa escolaridade, sendo que alguns são analfabetos. A maioria das crianças e adolescentes não são portadores do HIV, vivem lá com seus pais ou continuaram a viver lá após o falecimento dos familiares. Eles frequentam as escolas públicas mais próximas à comunidade, quase todos em séries defasadas em relação à idade.

No que se refere à forma como eles percebem que a sociedade os posiciona, a palavra que melhor define é preconceito. Em seções de terapia comunitária com grupos de adultos da comunidade, a principal queixa de sofrimento e dificuldades referia-se aos preconceitos de que eram vítimas. E em atividades com adolescentes uma expressou-se assim: “se eles pudessem, colocariam chocalhos em nós, para perceberem de longe nossa aproximação e ter tempo de correr”.

De fato a comunidade de Girassóis é um lugar do qual, em geral, “ninguém quer ficar perto (...) local de muito sofrimento, de muita dificuldade, local de grande dificuldade” (Zafir). De acordo com Safira, referindo-se aos voluntários, “se não tiver amor, não fica, porque aqui é muito difícil”. E justifica dizendo que “Girassóis é uma instituição que abrange todo tipo de pessoa, todo: famílias que estão tentando se reestruturar, ex-viciados, ex-prostitutas, ex- drogados, pessoas que viviam lá fora que roubavam”. As palavras de Hortência ajudam a compor o retrato da comunidade: “a gente brinca que são a sucata da sociedade, são pessoas que ninguém quer: são homossexuais, são presidiários, prostitutas (...) quem quer ter um drogado em casa? Um ex-presidiário? Uma filha prostituta? (...) aí vem a Aids, aí fica pior ainda”.

Nas escolas, as crianças, os adolescentes e os jovens sofrem discriminação pelos colegas, pelos professores e pela sociedade em geral. Segundo relato de uma criança de 10 anos de idade, a professora “olhou os deveres de todo mundo, menos o meu, só não olhou o meu só pra não pegar no meu caderno”. Em reunião, na Universidade, relativa a projeto que atende também a outras crianças daquela região administrativa, convocada justamente porque as mães não queriam que as crianças de Girassóis ocupassem assentos da frente no ônibus, para que seus filhos “não respirassem o ar que passou pelos aidéticos”, ouvi dessas próprias pessoas que uma criança, de nove anos, moradora de Girassóis, vítima de atropelamento à saída da escola, permaneceu estendida no asfalto sob forte sol do meio dia sem nenhuma cobertura porque ninguém queria se aproximar para cobri-la enquanto aguardava socorro médico. Uma jovem portadora do HIV ouviu de sua melhor amiga no colégio, para a qual “já estava até pensando contar (...): “já pensou, se tem algum aidético nessa escola e já sentou onde a gente tá sentada agora!?”

Os inúmeros episódios de discriminação sofridos pelos moradores da comunidade os tornaram extremamente sensíveis em relação a preconceitos, aos quais reagem, às vezes, também, com violência. Uma adolescente de 13 anos quebrou o braço de uma colega na escola porque “ela xingou minha mãe de aidética”. Seis anos mais tarde, essa jovem “preferiu” morrer, depois que ficou paraplégica em consequência de um tiro que recebeu no pescoço, a submeter-se a tratamentos discriminatórios em hospitais públicos.

Assim, os voluntários que atuam junto à comunidade de Girassóis são representativos da experiência humana voluntária, pela disposição para estabelecer relações intersubjetivas nos marcos da solidariedade, justiça e responsabilidade com

peças excluídas por suas famílias pela sociedade e por elas mesmas, quando declaram a si, ao outro e à comunidade como inviáveis, impossíveis, conforme ouvi nas minhas primeiras experiências com a comunidade.

## **2.2. Experiência da pesquisadora na comunidade: extensão universitária**

A minha aproximação da comunidade teve início em 2000, acompanhando alunos do Curso de Comunicação Social da Universidade onde trabalho, com vistas a, nesse contexto, gerarmos reflexões sobre três aspectos da ética no jornalismo: dar voz aos menos favorecidos, ir a campo para dar notícias de primeira mão, e ética na entrevista. De agosto de 2002 a 2005, atuei junto à comunidade coordenando projetos de extensão universitária, oficialmente apoiados pela universidade. A atuação consistia na coordenação de diversos subprojetos voltados para práticas de cuidados com a saúde e o meio-ambiente, atividades sócioeducativas, e ações para promoção do desenvolvimento comunitário. De 2006 até o presente, segui sem esse vínculo oficializado, buscando articular atuações dos meus alunos, e de colegas, na comunidade.

O primeiro semestre de trabalho na comunidade com o aval da universidade foi muito difícil, lento e extremamente cauteloso: as primeiras tentativas de aproximação das pessoas e da comunidade, em geral, foram marcadas pelas resistências, internas e externas à comunidade. No primeiro contato com uma das coordenadoras da comunidade, ao me apresentar como sendo da universidade, ela me interrompeu: “esses doutores chegam aqui, não ajudam em nada e depois só sabem sair falando mal. É assim que eu sei fazer, se alguém souber fazer melhor que venha me ensinar”.

Os moradores ofereciam muitas resistências. Primeiro, havia uma descrença muito grande com relação às possibilidades de um trabalho coletivo que pudesse promover



cidadania e autonomia da comunidade. Muitos moradores, geralmente tratados por apelidos, e com “dívida com a Justiça”, resistiam, inclusive, a revelar seus verdadeiros nomes e de seus filhos, dificultando, até mesmo, o registro documental das atividades, conforme exigência da universidade. Quanto às respostas aos convites à participação na proposição e comprometimento nas ações, estas foram as falas ouvidas quase com unanimidade: “não adianta”; “o pessoal não se interessa”; “muda muito as pessoas aqui, começa fazer o trabalho com um, aquele vai embora, chega outros”; “não aprende”; “é preguiçoso”; “vão vender para comprar droga”; “se tá aqui, santo é que não é”; “vários voluntários já tentaram, mas desistiram”.

Com os adolescentes, a dificuldade estava em que vários mentiam o tempo todo. Com as crianças as dificuldades nesse início eram as tensões e agressividades entre elas. Era frequente pegar uma criança com um pedaço de pau na mão levantado para bater em outra. A primeira universitária a desenvolver trabalho com as crianças - leitura de livro infantil - voltou da comunidade com uma mancha de sangue no sapato, resultante de um soco dado por uma criança no nariz da outra na disputa por ficar ao lado dela.

Uma das primeiras atividades que desenvolvi, pessoalmente, em Girassóis, foi a Terapia Comunitária (Barreto, 1997), procedimento utilizado como método de abordagem da comunidade, e que se mostrou uma tecnologia social (Cruvinel, 2001) pertinente. Os encontros de terapia comunitária ocorreram quinzenal ou mensalmente durante um ano e meio, com a presença de três terapeutas comunitários. Neles conheci os moradores e suas demandas, o funcionamento da comunidade interna e como os moradores interpretavam as atitudes da sociedade em geral em relação a eles.

O exposto acima justifica a opção por esta comunidade como contexto para a construção das informações empíricas deste estudo, considerando: (a) a complexidade da comunidade, em função da superposição de vulnerabilidades dos moradores e rotatividade, cujas dificuldades decorrentes requerem especial força de vontade para continuidade da atuação voluntária; (b) a representatividade dos voluntários, considerando o tempo e variedade de atuação dentro do quadro da vida dos indivíduos e da comunidade; e (c) a minha proximidade a esses eventos.

### **2.3. Participantes: sete voluntários, seis externos e uma moradora da comunidade**

Participaram dessa pesquisa sete voluntários, quatro homens e três mulheres, seis externos à comunidade, e uma moradora. Ou seja, uma entrevistada é voluntária e, também, beneficiária de atuações voluntárias realizadas na comunidade.

A escolha dos participantes se deu em função do tempo e diversidade de suas atuações na comunidade. Eles são representantes de uma escala de até cinco, dez e 20 anos de atuações desenvolvidas em Girassóis. Quando suas entrevistas foram realizadas, dois dos entrevistados desenvolviam atividade voluntária na comunidade há quatro anos; três há mais de 10 anos; e duas desenvolviam atividades na comunidade há 20 anos.

As características sócio-demográficas dos participantes, apresentadas a seguir, foram fornecidas por eles ao longo das entrevistas, e/ou observadas a partir do local de residência, órgão onde trabalham e função ocupada pelo próprio e/ou pelo cônjuge. Em relação às condições sócio-econômicas, quatro têm pós-graduação (especialização e/ou mestrado, e um é doutorando), um é graduado, uma tem o segundo grau, e uma estudou até a quinta série do ensino fundamental. Seis dos entrevistados pertencem à classe média, ou à classe média alta; e uma pertence à classe baixa. Quatro ocupam funções relevantes em importantes órgãos do governo ou empresa de economia mista do Distrito Federal; duas são donas de casa; e um é professor universitário. Suas idades variam entre 26 e 55 anos; cinco dos entrevistados têm filhos.

Quanto às atividades desenvolvidas, os voluntários participantes deste estudo desenvolvem, e/ou coordenam, uma ampla variedade de atividades junto aos moradores da comunidade. Apresentamos, a seguir, uma relação, incompleta, dessas atividades, para que o leitor tenha uma ideia das atividades em torno das quais se desenvolvem tantas outras.

## 2.4. Atividades desenvolvidas

As atividades desenvolvidas ou coordenadas pelos voluntários participantes deste estudo na comunidade incluem: reforço escolar, aulas de informática, teatro, projeção de filmes, encontros de alcoólatras anônimos, terapia comunitária, assistência odontológica, assistência jurídica, acompanhamento psicológico, atividades esportivas, coordenação geral da comunidade, coordenação das atuações voluntárias na comunidade, coordenação interna dos grupos de moradores, cuidados dos enfermos, escuta e aconselhamentos e. “evangelização”, que consiste em aulas sobre cuidados com a saúde e meio ambiente, questões morais, e questões emergenciais do grupo de crianças, adolescentes e jovens. Nas palavras deles: “O foco (...) é falar sobre a importância de não mentir, a importância de respeitar a família, né, a importância do amor (...) não roubar, trabalhar os dez mandamentos (...) algo assim do dia-a-dia deles, não mexer com drogas (...). As turmas mais novas, elas já tem um sistematizado melhor, né, são apostilas (...) trabalhando mais a questão do lado moral. (...). Com a juventude, o nosso foco sempre foi realmente trabalhar as questões mais emergentes do grupo (Zafir).

Além dessas atividades, em decorrência da presença constante na comunidade, outras demandas são percebidas, e outras providências são tomadas por esses voluntários, como: construir e equipar salas para usos específicos de educação, lazer e cuidados da saúde (entendida em seus aspectos biopsicosociais), realização de passeios, patrocínio de cursos, passagens, materiais didáticos etc.

Vale destacar que muitas dessas atividades são realizadas de forma intermitente, dependendo da disponibilidade de especialistas e de apoio das universidades locais.

Destaco, ainda, que, na minha avaliação, tão importante quanto as atividades desenvolvidas são as relações humanas estabelecidas com as crianças, adolescentes, jovens e adultos na realização destas atividades. A construção de mapas afetivos dá um significado mais estável à vida em comum na comunidade e abre espaço para a recuperação das histórias passadas e para a emergência de possibilidades de novas histórias.

## 2.5. As entrevistas

Foram realizadas sete entrevistas, uma com cada um dos participantes, nos anos I, II, III, e IV do estudo, distribuídas assim: duas em cada um dos três primeiros anos, e uma no quarto ano do estudo. O convite para participar da pesquisa, antecipando esclarecimentos sobre seus objetivos e método, foi feito por mim, pessoalmente ou por telefone, e imediatamente aceito pelos voluntários. Mas, as entrevistas só foram realizadas alguns meses após o convite a cada entrevistado, quando observei o interesse expresso na prontidão para agendar a entrevista. No momento da entrevista, esclareci, mais uma vez, quanto aos objetivos e métodos, e os participantes leram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. O Termo de Ciência da Instituição foi assinado anteriormente pela sua presidente fundadora.

Adotando parâmetros da entrevista narrativa, evitei o esquema de pergunta-resposta. Em vez de realizar um conjunto de perguntas padronizadas, fiz um convite ao entrevistado para falar, evitando interrompê-lo. Os esclarecimentos sobre pontos importantes foram solicitados seguindo as pausas do entrevistado, ancorados às suas falas e usando sua própria linguagem.

Os tópicos abordados nas entrevistas giraram em torno dos sete itens seguintes, com alguma variação na ordem de proposição ao entrevistado:

- 1) Experiências voluntárias anteriores à atual;
- 2) Como se deu o ingresso na comunidade;
- 3) Atividades que desenvolve na comunidade;
- 4) O que motivou o início e a continuidade do trabalho voluntário;
- 5) Episódios significativos da atuação voluntária;
- 6) Compreensão do que seja voluntariado/ser voluntário;
- 7) Sentido do voluntariado na vida pessoal e para a sociedade.

Ao final de cada entrevista, perguntei ao entrevistado se gostaria de acrescentar alguma coisa ao que tinha sido narrado. Ainda assim, após desligar o aparelho de gravação, seguiu-se sempre uma conversa sobre o tema, o que me levou, algumas vezes, a pedir para religar o gravador, compondo entrevistas de duas partes.

Quanto ao local, duração e período de realização, as entrevistas tiveram, em média, uma hora e meia de duração. Três entrevistas foram realizadas nas residências dos respectivos entrevistados, três foram realizadas em “cafés”, de acordo com a conveniência dos entrevistados, e uma foi realizada no local de trabalho do entrevistado.

As duas primeiras entrevistas, feitas como estudo piloto, no ano I da pesquisa, foram integradas ao trabalho pela relevância do conteúdo. As demais entrevistas foram feitas com base nestas duas primeiras, considerando a adequação das mesmas, lançando mão do padrão que marcou as interações anteriores, buscando estabelecer um clima de segurança e espontaneidade.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, preservando as características possíveis da fala, mantendo a forma coloquial das narrações, sem “limpar” ou corrigir. No total, foram cerca de 9h30m de gravação. A análise envolveu cerca de 60 horas de transcrição e cerca de 60 horas para o tratamento dos dados em cada nível de análise, totalizando cerca de 130 horas de trabalho, sem computar as reuniões de discussão sobre o tratamento e condução da análise, a descrição e sistematização dos resultados.

## **2.6. A análise**

O procedimento de análise envolveu a realização de inúmeras leituras, intercaladas repetidas vezes, em três modalidades: (1) leitura vertical das entrevistas, em que cada entrevista foi lida do início ao fim, marcando-se as diferentes temáticas em cada uma delas; (2) leituras horizontais, seguindo a ordem de realização das entrevistas; (3) leituras transversais, mesclando a leitura das entrevistas de todos os participantes, seguindo a construção de significados encontrados em cada uma.

A interação entre leituras verticais e leituras transversais constituiu o eixo do procedimento de análise: a leitura vertical das entrevistas individuais permitiu observar a dinâmica individual e as idiosincrasias; as leituras transversais das categorias permitiram observar os sentidos, as diferenças, semelhanças e relações entre os conteúdos.

Nessa primeira etapa, como resultados iniciais, foram construídos dois quadros de categorização diretamente relacionados aos eixos temáticos que constituíram os tópicos das entrevistas. O primeiro quadro contendo temas privilegiados nas narrativas sobre voluntariado/ser voluntário: concepções, primeiras experiências, benefícios e riscos para quem o pratica, e perspectivas para o futuro. O segundo quadro apresentava indicadores relacionados aos conceitos de ética e sustentabilidade: solidariedade, justiça, responsabilidade, experiência estética/emoção, valores morais cultivados, e humanização.

A partir dessa primeira categorização, os temas de conteúdos comuns foram reunidos em um mesmo arquivo, para evidenciar as concordâncias e variações sobre os temas. Em seguida foram realizadas repetidas leituras em zigue-zague entre os quadros de categorias e as referências nas entrevistas, resultando em ajuste de categorias e reclassificação de temas.

Ao final desse processo de leitura e organização do material, construímos três mapas semânticos dos temas centrais do estudo. O primeiro, destacando temas privilegiados nas narrativas sobre voluntariado; o segundo, apresentando os indicadores relacionados aos conceitos de ética e sustentabilidade; e o terceiro apontando mudanças de posicionamentos narradas pelos entrevistados, associando-as à atuação voluntária, evidenciando os movimentos do antes, durante e depois, e a interação desses movimentos com outros contextos da vida do voluntário. Os resultados foram apresentados seguindo a trilha desses mapas, privilegiando, nas citações, os trechos das entrevistas que constituem o material discursivo que fundamentam as conclusões deste estudo.

Ressaltamos que o material discursivo, o qual dá origem às interpretações levadas a cabo nas discussões para tecer conclusões, é apresentado o mais integralmente possível nos “Resultados”, entendendo que as interpretações não são exclusivas, havendo outras possibilidades de leituras do mesmo material, dependendo do pesquisador, dos objetivos e da fundamentação teórica. A opção por essa forma de apresentação foi considerada importante porque provê o acesso ao dado original, a fim de

que o resultado da interpretação possa ser avaliado, e para possibilitar concordâncias e discordâncias, considerando os objetivos e as teorias norteadoras deste trabalho.

Os cortes nas falas são assinalados por reticências entre parênteses, e foram feitos: ou para preservar a identidade do entrevistado, ou instituição, ou a de alguém a quem ele/a se refere; ou para reduzir as falas, excluindo incursões descritivas julgadas como podendo ficar de fora sem comprometer a fidelidade dos sentidos indicados nas narrativas.

Os colchetes, raramente utilizados no meio das citações, introduzem fala da pesquisadora, para esclarecer relações com narrativas anteriores, ou substituir nomes de pessoas, empresas ou órgãos citados.

Os entrevistados são apresentados antes dos mapas de resultados, por meio das suas narrativas sobre suas primeiras aproximações do fenômeno do voluntariado. Por esse meio, cada participante é apresentado, preservando-se sua identidade, ao mesmo tempo em que são situados os marcos significativos nas suas experiências relacionadas ao voluntariado.





## Capítulo III

### 1- Resultados

Antes de iniciar a apresentação dos resultados, lembramos os objetivos e perguntas que nortearam este estudo. O objetivo geral foi construir um novo marco de conhecimento sobre o voluntariado, situado na interface com a ética e a sustentabilidade. Os objetivos específicos foram: (a) analisar os sentidos, posicionamentos e mudanças de posicionamentos na prática voluntária; e (b) identificar esquemas intencionais possíveis de se constituírem no contexto do voluntariado e que são congruentes com uma sociedade tendencialmente sustentável. As perguntas que nortearam a pesquisa foram: (1) o que caracteriza as interações no contexto do voluntariado? (2) Essas características interatuam em outros contextos da vida do voluntário? (3) Que eventos colocaram os voluntários em situação de crise e em transição? (4) Que mudanças proporcionadas no contexto do voluntariado integram as possibilidades de sustentabilidade?

Os tópicos abordados nas entrevistas giraram em torno dos sete itens seguintes, com alguma variação na ordem de proposição ao entrevistado: experiências voluntárias anteriores à atual; como se deu o ingresso na comunidade; atividades desenvolvidas; motivação para início e a continuidade do trabalho voluntário; episódios significativos da atuação voluntária; compreensão do que seja voluntariado/ser voluntário; sentido do voluntariado na vida pessoal e para a sociedade.

Conforme anunciado, os resultados serão apresentados a partir de três mapas semânticos dos temas centrais do estudo: voluntariado, ética e sustentabilidade. Estes mapas pretendem indicar locais onde se situam formulações sobre o fenômeno do voluntariado, constituintes de um sistema aberto, *em sendo* uma inextrincável estrutura de relações entre valores, afetos, interpretações, crenças e vontades expressas pelos voluntários no momento das entrevistas. Portanto, eles não representam estradas de um ponto a outro, isto é, relações pontuais de uma categoria com a outra, razão pela qual não

utilizamos setas indicando direcionamento ou hierarquia, mas simplesmente linhas representando a teia que as torna inextrincáveis.

O primeiro mapa, “Temas privilegiados nas narrativas sobre voluntariado”, destaca posicionamentos evidenciados nas narrativas dos entrevistados a partir de quatro temas principais, e seus subtemas: **Concepções** (Assistencialismo, Atuação sistemática, Postura, Oportunidades, e Riscos); **Benefícios** (Crescimento pessoal, Reconhecimento, Multiplicação da postura voluntária); **Voluntário ideal** (Democracia, Ênfase no processo, Comprometimento duradouro); e **Experiência estética**.

O segundo mapa, “Indicadores dos conceitos de ética e, portanto, sustentabilidade”, relaciona ética a quatro temas, e seus subtemas: **Solidariedade** (Troca intersubjetiva cuidadosa); **Responsabilidade** (Poder é dever e Esforço na implementação do compromisso); **Justiça** (Inclusão radical, Autonomia e Incerteza); e **Valores morais cultivados** (Complexificação na avaliação, Cautela nos pontos de tensão, e Superação dos próprios limites).

No terceiro mapa, “Mudanças a partir da atuação voluntária”, as mudanças de posicionamentos narradas pelos entrevistados, associando-as à atuação voluntária, são apresentadas a partir de quatro temas e subtemas: **Mudanças na prática** (Adequação a pessoas e contextos, e Informação); **Mudanças de motivação** (Da heteronomia para a autonomia, ou da regulação para a emancipação); **Mudanças e permanências no decorrer da interação** (Experiência e superação dos próprios limites); e **Humanização** (Reflexividade, Flexibilização, Superação de preconceitos, e Interatuação em outros contextos da vida).

Antes de passarmos aos mapas, apresentaremos os participantes do estudo a partir das suas narrativas associadas às suas primeiras aproximações do fenômeno do “voluntariado”. Optamos por este expediente por dois motivos: apresentá-los por meio de suas histórias relacionadas à experiência de voluntariado, preservando suas identidades; e por considerar que as narrativas dessas primeiras experiências expressam pontos de inflexão importantes nas suas construções de sentidos sobre voluntariado.

A polifonia dos relatos a seguir inclui pais, mães, irmãos, avós, amigos, e outra voluntária. A matriz de significados inclui princípios religiosos, os quais podem ser percebidos pelos leitores em seus próprios termos, ou do credo que professam. Mas, que podem ser sintetizados, por exemplo, no imperativo: faça aos outros o que gostaria que

fizessem contigo; e na ideia de que cada um deve fazer sua parte, pequenas coisas que somadas mudam o mundo.

Dito isso, apresentamos os participantes deste estudo, na ordem em que foram entrevistados - Luisa, Bruno, Zafir, Paulo, Heitor, Hortênsia, e Safira -, por meio de suas falas sobre suas primeiras experiências com o voluntariado, as quais, como dito antes, estão referenciadas a família, a amigos, a outra voluntária, e a religião. À frente dos nomes, indicamos o tempo de atuação voluntária junto à comunidade de Girassóis.

- Luisa – (quatro anos de atuação na comunidade)

*A primeira coisa que eu fiz foi quando eu era criança, quando meu pai ia em algum lugar que distribuía sopa aos domingos, eu tomei a iniciativa de levar bolo (...) Quando não dava para todo mundo, eu dava para as crianças (...) Todos os domingos eu levava um tabuleiro grande de bolo (...) Depois eu fui (...) não sei qual que veio antes (...) depois eu participei de outros, que eu era religiosa (...) eu acabava me envolvendo (...)E tinha um que distribuía chocolate quente na rodoferroviária. Eles levavam sanduíche com chocolate quente (...) uma vez por mês (...) e novamente (...) bolo (...) E uma vez me chamaram para fazer um reforço de alfabetização num orfanato, acho que até tava em greve. Então, durante aquele período da greve, nós íamos lá no orfanato (...)Eu lembro que uma vez que a gente levou um bolo (...) eu fiz um bolo com confeite e a gente levou, eles ficaram muito impressionados com o confeite, eles nem sabiam o que era, eles ficaram deslumbrados com o confete colorido (...) Quando eu entrei lá [para a doutrina espírita] eu já tinha isso forte, porque meus pais faziam várias coisa, né, mas lá ficou mais certo.*

- Bruno - (quatro anos de atuação na comunidade)

*Desde que eu me entendo por gente eu faço trabalho voluntário (...) antes mesmo como adolescente, por conta de, sem uma implicação religiosa, a gente levava atenção e carinho a velinhos num, num asilo (...) era um grupo de pessoas que não tinham, na verdade, nenhuma implicação com nenhuma religião, não estava vinculada a nenhuma igreja, mas tinha um caráter de evolução espiritual, de dedicação por essa orientação moral, ética enfim, que é muito dada por essa relação espiritual (...) A gente começa a sair um pouco desse lugar de quem tem e passa a compartilhar experiências de quem é, de*

*quem somos. Isso ajuda a construir novas identidades, novos pertencimentos, novos vínculos, que, para mim, isso é muito caro, muito precioso, dá sentido à existência.*

- Zafir – (mais de 10 anos de atuação na comunidade)

*Meus pais (...) a família (...) nunca deixou de ajudar alguém que precisasse, batesse na porta (...) num sinal (...). Meus irmãos (...) na igreja (...), na adolescência eu tive um pouco desse exemplo, mas foi um exemplo distante, porque no momento que eles estavam envolvidos eu não estava, só via e não sabia nem o quê que eles faziam exatamente, e no momento que eu comecei a me engajar na igreja, com um amigo meu e tal, eles saíram, deram uma distanciada (...). A minha necessidade inicial de trabalhar em comunidade (...) partiu (...) de uma reflexão que veio por meio da religião. (...) Hoje, se eu largasse tudo, que isso é possível, é, eu acho que eu ia criar um vazio muito grande em mim (...) Anterior à doutrina, o outro sempre foi o brilho do meu olhar, o outro sempre foi, sabe. Eu tô na dificuldade, mas o outro precisou, tô aberto: quer? Vamos!*

-Paulo – (mais de 10 anos de atuação na comunidade)

*Pais e, principalmente, do lado da minha mãe, a minha avó era vicentina, e, um pouco calcada na religião (...) Às vezes, são heranças dos pais, dos avós, a gente vai manifestando de uma forma própria de atuar (...) No início (...) por questão religiosa (...). Com o passar do tempo, eu não sei, fui verificando outras coisas no mundo, fui me socializando um pouco mais, fui me tornando uma pessoa mais humanitária, mais no sentido de algo que me moveu, eu não fui catequizado pra isso (...) Nas relações cotidianas, sociais, o voluntário é aquele cara que fala assim “sem problema”, - você pode me ajudar? “sem problema”!*

- Heitor – (mais de 10 anos de atuação na comunidade)

*Lembro da minha mãe sempre juntando roupa pra doar (...) Você aprende com seus pais os valores que lá na frente você tem que exercitar. Seu pai tá na rua e vê um menino pedindo, aí tem várias opções. Mas, uma delas é, de repente, “meu filho você quer um prato de comida?” Aí ele tá te ensinando alguma coisa com essa atitude. Muita gente*

*acha errado: “você tem que ensinar o cara a comprar o prato de comida” (...) Meu pai falava: “tudo bem, eu não estou ensinando as pessoas a pescar, mas, tudo bem, e quem vai dar o peixe de hoje?” entendeu? É uma opção. Outra: você vira o rosto e segue. (...) A reflexão sobre o que é o espiritismo me incentivou a trabalhar voluntariamente, muito mais do que qualquer outra coisa (...) Mas, com certeza, hoje, eu consigo, é, me completar como homem que eu imagino que seja quando estou voluntariando.*

- Hortênsia – (em torno de 20 anos de atuação na comunidade)

*Eu acho que o voluntário ele nasce, né, com essa tendência de voluntário, de querer fazer alguma coisa (...). Desde que eu me conheço por gente (...) meus pais, meus irmãos (...). Batia na porta: “manda entrar”, e dava um prato de comida (...) Uma época (...) uma dificuldade muito grande, a minha mãe tinha feito um mexidinho e dividiu o mexido entre eu e meu irmão e ela. Na hora que ela sentou pra comer o dela, bateram na porta, era uma pessoa pedindo um prato de comida. Minha mãe pegou e deu o dela, e ela ficou sem comer. Aquilo ali me marcou muito (...). Eu me lembro que minha mãe, tava com uma blusa de frio, chegasse uma pessoa, ela tirava a blusa e dava. (...) Parece que você acaba criando, levando isso. Faz parte da sua vida. (...) Eu sou cardecista (...) eu tive um sonho há muitos anos atrás, há muito tempo, eu tive um sonho (...) eu tava olhando, olhando procurando alguém (...) nisso eu vi uma pessoa ele me viu, nossa! fez aquela festa pra mim. Mas ele tava muito triste. Ai eu falei: o quê que houve? (...) “ah eu tô indo pra reencarnar”. Aí eu falei: que bom! você vai lá, dá continuidade na tua vida! Ele virou e falou assim: “mas eu tô muito triste porque eu vou sofrer muito”, e eu falei: não te preocupa, eu tô lá, eu te ajudo (...) Nisso eu desci e tava meu esposo me esperando, tudo isso só num sonho, eu falei pra ele: Mateus, vem fulano, só que eu não me lembrava o nome dele, fulano tá vindo pra cá e agora eu não consigo me lembrar do nome dele, como é que eu faço? Como é que eu vou encontrar ele? Eu não me lembro o nome dele. Ele virou pra mim e disse: “bem, se você disse que vai ajudar, ele vai encontrar você”. Então, Girassóis pra mim é esse sonho, alguém, eu prometi pra alguém, pode ser um deles. E, naquele momento, eu fiquei tão feliz que eu ajudaria, que cada vez que eu ajudo alguém ali eu penso que é aquele rapaz do sonho que eu prometi que ajudaria. Então a religião me ajudou, acreditar na reencarnação me ajudou a fazer esse trabalho, que se não acreditasse: ah, isso não existe! Mas eu acreditei no sonho.*

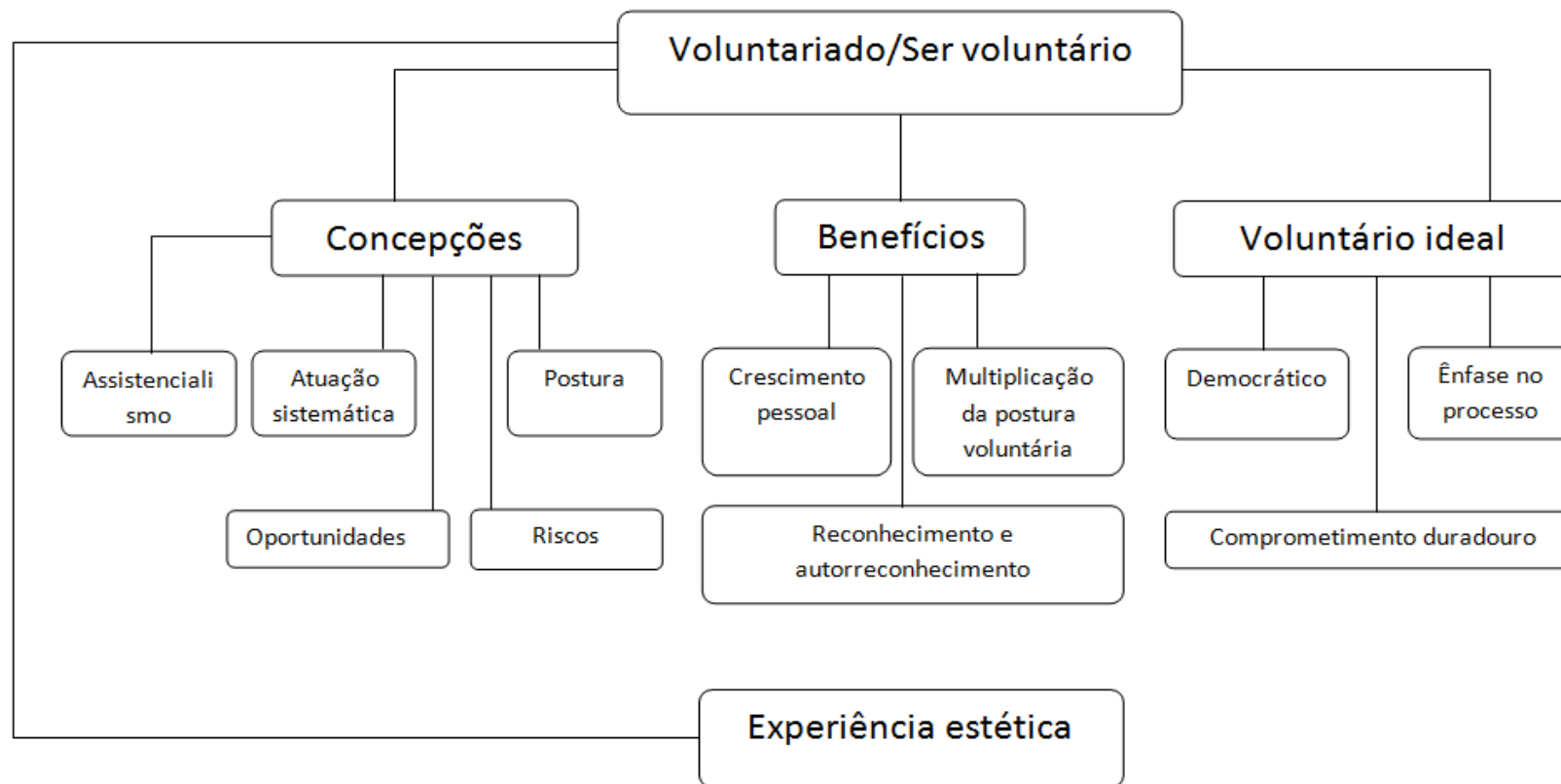
- Safira – (em torno de 20 anos de atuação na comunidade)

*Eu vi uma pessoa tão boa, tão bonita nela que, pra mim mesma, eu fiz o juramento de conquistar ela. E pra conquistar ela eu tive que fazer o quê? Eu tive que ser útil pra Girassóis, eu tinha que amar Girassóis, eu tinha que ta sempre ali. E, com o tempo, eu fui conquistando, eu ganhei, não só materialmente, como amigos (...) o carinho que eles têm por mim (...). A preocupação, se eu adoço, eles estão ali, não ficam em cima, mas eles estão sempre preocupados, e isso pra mim foi e é muito importante. É tanto que (...) eu não consigo ficar muito tempo longe de Girassóis, já não é mais, é de mim, sabe, é bem mais forte do que eu, o fato de estar aqui, ta envolvida com todo mundo, de estar ali prestando ajuda, sendo útil a alguém, se tornou parte de mim. Então, assim, quando eu estou longe, distante, quando não tenho ninguém ao meu redor, quando eu não tenho como fazer nada por ninguém, parece que eu me sinto vazia, eu me sinto uma pessoa sem direção.*

Vale assinalar, considerando a ênfase dada pelos entrevistados, que, embora confirmam aos princípios religiosos um potencial favorecedor de iniciativas e continuidade da atuação voluntária, a religião não é condição “*sine qua non*” para a atuação, ou para a qualidade da atuação, conforme as duas citações a seguir. “Não é porque eu sou mais ou menos católico, ou budista, ou ateu, ou espírita que eu vou fazer atos melhores nesse sentido” (Paulo). “Não interessa qual seja a religião, e nem interessa que seja numa religião (...) a pessoa pode ser, é, pode ser ateu e ser um excelente voluntário” (Heitor)

Apresentaremos, a seguir, o primeiro mapa semântico: “Temas privilegiados nas narrativas sobre voluntariado”.

**1.1. Mapa 1: Temas privilegiados nas narrativas sobre voluntariado/ser voluntário**



## Voluntariado

Os posicionamentos dos entrevistados relacionados a “Voluntariado”, conforme representados neste primeiro mapa, foram configurados em quatro temas principais e seus subtemas, os quais serão apresentados, a seguir, na ordem em que aparecem no mapa: Concepções, Benefícios, Voluntário ideal, e Experiência estética.

### Concepções

As concepções dos entrevistados sobre ser voluntário estão expressas a partir dos cinco subtemas indicados no primeiro mapa: Assistencialismo, Atuação sistemática, Postura, Oportunidades e Riscos.

- **Assistencialismo.** O assistencialismo consiste em “doar coisas” (Heitor), sem compromisso com a promoção dos beneficiários.

“Eu não tenho, assim, uma noção fechada sobre isso [ser voluntário], só sinto que não é aquela condição simplista de fazer benesses” (Paulo).

Este estilo de voluntariado também é definido como

“ajuda singela”, (Zafir),

“sem compromisso” (Bruno, Luisa),

“aquele do ajudar por ajudar só, e não tem nenhum propósito, né, maior” (Zafir),

“doa e vai embora” (Safira).

- **Atuação sistemática.** A atuação sistemática é caracterizada por um comprometimento maior, com continuidade, planejamento, objetivos e expectativas com relação à promoção do outro (inclusive da construção da sua identidade) e da sociedade. Esse tipo de atuação voluntária demanda superação de desafios para o início e para a continuidade da prática,



tem uma dinâmica diferente das dinâmicas do mundo tradicional do trabalho, e não se define pela gratuidade ou tipo de beneficiário.

O voluntariado como atuação sistemática implica “trabalho em si” (Luisa), com propósito de promoção do beneficiário, com “continuidade” (Bruno, Luisa, Safira), com vistas à “promoção” (Zafir) do outro, a qual

“envolve outros aspectos, ela [a promoção] vai além da ajuda por si só (...) “um comprometimento maior” (Zafir)

“É uma coisa de comprometimento, de elo, de estar lá, de já fazer parte de sua vida” (Luisa).

A atuação sistemática implica estar junto, interagir, apoiar as pessoas, construir novas identidades e pertencimentos, fazer elos com quem está disponível, com vistas a mudar algo:

“o sonho, acho que de todo voluntário, é fazer algo, mesmo, que amanhã você possa falar: pôxa, consegui fazer a diferença ali!”, Zafir).

Você tem de estar junto e tentar apoiar as pessoas a descobrir quem elas são, e aonde elas pretendem chegar, e onde elas pretendem estar dentro da sociedade (...). Você tem de propiciar, assim, a pessoa a saber quem ela é, aonde ela pode chegar, e despertar, naquele que precisa, a capacidade de saber usar, saber poder (...). Despertar isso na pessoa: a capacidade que ela tem de mudar algo (...).

E fomentar este tipo de ação:

E fomentar esse tipo de coisa, e propiciar essas interconexões (...) network (...) fazer elos entre pessoas que estão predispostas. (Paulo).

É dessa mudança da pessoa, e ela fazendo um pouquinho, e o outro ali fazendo um pouquinho, e outro, e outro, e assim, vários fazendo um pouquinho vai dar uma coisa maior (Zafir)

A gente começa a sair um pouco desse lugar de quem tem e passa a compartilhar experiências de quem é, de quem somos. Isso ajuda a construir novas identidades, novos pertencimentos, novos vínculos. (Bruno)

Ser voluntário nessa perspectiva implica um movimento para fora, com a expectativa de levar conhecimento, gerar coisas e criar oportunidades.

“Sair do seu eu pra ir pro outro” (Zafir).

“Ele sai do muro da casa dele, das paredes da casa dele, das paredes de uma faculdade, ou da parede do trabalho, de qualquer lugar e vai a campo levar um conhecimento, gerar coisas, criar oportunidades”. (Paulo)

A dinâmica das relações de trabalho no contexto do voluntariado é diferente das dinâmicas do mundo tradicional, pois mesmo quando se trata de um trabalho sistemático, de um grupo que se dispõe para tal, não existe obrigatoriedade:

“a pessoa pode e faz o que pode” (Heitor).

Isso implica que a relação de trabalho dos voluntários entre si requer flexibilidade:

Eu tive que me tornar mais flexível (...) Um serviço não remunerado, que é um serviço que as pessoas estão, seja por uma obrigação interna, seja por um amor que vem de dentro, alguma coisa que não é o dinheiro, capital, né, monetário, as faz estarem lá; e não sendo o dinheiro que as

move para estar lá, (...) é uma dinâmica diferente das dinâmicas do mundo tradicional, é uma dinâmica diferente, a pessoa pode e faz o que pode. (Heitor)

A gratuidade ou não, e o tipo de beneficiário são irrelevantes para a caracterização de uma prática de voluntariado. O relevante é que tenha “um fim maior, um fim social”. Se há gratuidade ou não, se o beneficiário é uma pessoa ou uma empresa, ou se é carente ou não, não importa. Nesse sentido, voluntariado e pessoa voluntária são definidos como segue:

Voluntariado (...) é uma tomada de iniciativa que é independente de qualquer implicação institucional (...). Um compromisso com as pessoas (...) com a instituição (...) independente de estar recebendo, de não estar recebendo, de ter implicação com tal ou qual instituição. (Bruno)

Voluntária (...) é a pessoa que se disponha a ajudar algum local que se precisa, e eu não diria nem que voluntário tem que obrigatoriamente não receber, não precisa obrigatoriamente não receber (...) só que é alguém que se disponibiliza (...) seu tempo, disponibiliza um talento em prol de alguma coisa, e eu não diria nem que essa alguma coisa seria uma instituição, pode ser algo que trabalha, eu não sei, uma empresa. Não precisa ser carente, mas tem um fim, a empresa tem um fim maior, talvez um fim social. (Zafir)

O desafio para o início da atuação voluntária está no deslocamento na direção do outro. O desafio para a continuidade está na resistência a incompreensões e demandas da sociedade.

A barreira inicial é ele começar qualquer coisa, falo por mim, assim, você sair do seu eu pra ir pro outro, o olhar do eu pro outro é algo, assim, que vai exigir um movimento, de alguns, pouco; talvez porque já tem um talento ali, alguma coisa nata. Agora pra outros é algo assim, às vezes de muita dificuldade né, como eu vi a colega lá fazendo várias críticas e colocando, depois eu trouxe algumas reflexões assim, pincelei algumas ideias que elas

ficaram caladas, começaram realmente a concordar. (...) Então tem esse desafio inicial. E, pra mim, o mais difícil é a continuidade, é a manutenção desse trabalho, pra mim é o mais difícil. A gente tá acostumado lá com pessoas que chegam (...) diminuiu um pouco, mas entrava num dia assim sorrindo pras paredes, eu to dentro, faço tudo, com duas semanas sumia, ia embora, tal. Então esse não conseguiu vencer a primeira barreira, e muitos começam, mantêm aí seis meses, um ano, com um tempo aí vai. É o que eu digo, sai a paixão e fica o dia-a-dia. Eu acho que é mais difícil o dia-a-dia, você conseguir se manter firme no trabalho, com todas as respostas, porque, pelo menos no Brasil, ainda, o voluntariado, ainda, é algo que não é validado né. Na verdade, é bastante criticado, ainda, né, pelas autoridades que se acham, muitas vezes, conhecedoras do assunto. E eu acredito muito que a construção de um mundo melhor parta do individual, é lógico que as autoridades, ela tem um comprometimento, as autoridades do país né, os políticos. Mas ela tem que partir do individual, até a própria instituição família, a melhora da família, ela vai partir do individual, pra mim, né. (...) E eu, o sonho, acho que de todo voluntário, é fazer algo mesmo que amanhã você possa falar: pôxa, consegui fazer a diferença ali. Mas, nem sempre é possível, né, eu acho que você tem milhões de razões pra desistir do trabalho, milhões mesmo de razões, o seu dia-a-dia, o próprio mundo, as cobranças do mundo, as exigências de tantas coisas desnecessárias, elas te cobram coisas que, às vezes, faz com que você fique sufocado e termine abandonando. (Zafir)

- **Postura.** A postura voluntária é a de olhar mais atentamente para o outro como uma filosofia de vida.

“Voluntário, eu penso que são pessoas realmente que têm esse perfil de olhar pro outro mais, mais aguçado” (Zafir).

“Uma filosofia forte (...) um direcionamento da vida toda, em questão daquela filosofia de vida” (Luisa).

Além disso, a postura voluntária implica colocar-se à disposição do outro, estar lá;

“disponibilizar seu tempo, disponibiliza um talento em prol de alguma coisa (...) que desperta nele, e ele acha que resolve” (Zafir).

Ser voluntário, nessa perspectiva, significa estar lá, e estar lá integralmente.

“Estar lá, você estando num lugar, você muda o lugar. Evidente que você pode mudar pra bem e pra ruim, mas o estar lá já basta” (Paulo),

“estar lá integralmente” (Zafir),

“se despojar de tudo, sem preconceitos, não tem medo” (Hortênsia).

“Uma ligação bastante estreita com a pessoa, e que não necessariamente envolve a quantidade de horas que você fica com ela. Envolve o quão você é sincero, ou quanto você consegue ser sincero, que é muito difícil né, com os sentimentos” (Heitor).

Voluntariado como postura pode ser praticado por todos, e em qualquer lugar.

“Até a pessoa que tá lá acamada no hospital, no leito do vizinho, ela, no próprio trato com o médico, um enfermeiro, ele pode fazer a diferença ali, dar uma lição, deixar uma lição, e, assim, vários fazendo um pouquinho vai dar uma coisa maior” (Zafir).

“Voluntários são essas pequenas pessoas que fazem pequenas coisas que somadas mudam o mundo (...), é o cara que tá sempre disposto a ajudar (...) o cara que tá sempre disposto a trabalhar e a ajudar” (Paulo).

- **Oportunidades.** As oportunidades, na linha do tempo da atuação voluntária, são localizadas em três momentos: (1) oferta de oportunidade, (2) busca de oportunidade, e (3) o voluntariado, em si, como oportunidade. O primeiro momento refere-se aos contextos nos quais conviviam com pessoas envolvidas em atividades voluntárias, e aos convites para participar de atuações voluntárias.

“Eu não sei o que acontecia não. Onde eu tava, que sempre tava no meio de alguma coisa” (Luisa).

“Na comunhão tem várias, oferecem várias, várias oportunidades (...) eu encontrei um amigo (...) e aí fez esse convite (...). Aí tô lá, né, ano passado fiz dez anos” (Zafir).

“(...) Universidade que já faz, já fazia, um trabalho de extensão (...) a gente começou então uma intervenção” (Bruno).

O segundo momento refere-se à tomada de iniciativa, à busca da oportunidade para atuar, caracterizada pela prontificação para participar de tais atividades. Uma busca que pode ser simbolizada no sonho, como na segunda citação abaixo.

“eu encontrei com Diana, por acaso, e eu comentei com ela: - Olha, mudou meu turno e eu gostaria de fazer o trabalho” (Luisa).

“eu tive um sonho (...) procurando alguém (...). Eu te ajudo (...). Eu fiquei tão feliz que eu ajudaria, que cada vez que eu ajudo alguém ali eu penso que é aquele rapaz” (Hortência).

O terceiro momento refere-se ao voluntariado, em si, como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e de satisfação.

“Eu agradeço a oportunidade (...) eu que tenho de agradecer a oportunidade de manifestar esse hábito” (Paulo).

“Eu, com o contato que eu tive com os internos da instituição ao longo desses anos, eu tive uma opção, não, eu tive uma oportunidade de me tornar mais humano, de conseguir enxergar as diferenças, é, pura e simplesmente por serem diferenças, não por serem afrontas” (Heitor).

“Oportunidade de conhecer só pessoas boas, você não conhece pessoas ruins, as pessoas que vão num trabalho pra doar são pessoas boas. Então, você tem este privilégio: você conhece pessoas boa” (Hortênsia).

“Oportunidade, também, de ver minhas limitações, conseguir percebê-las e, o principal, tentar combater” (Zafir).

“(…) Ser, não uma boa, a perfeição, mas, pelo menos, assim, a cada dia conquistar um pouco” (Safira).

- **Riscos.** Os entrevistados percebem riscos na atuação voluntária tanto para eles quanto para os beneficiários. Estes riscos dizem respeito a consequências indesejáveis a que se expõem em decorrência da prática do voluntariado, ou a que expõem os beneficiários. Os riscos a que eles se referem estão relacionados nos oito itens a seguir: os quatro primeiros relacionados ao voluntário, os três seguintes ao beneficiário e o último, a ambos.

1) Risco relacionado à família e ao lado profissional:

“Essa carga que, às vezes, atinge a família, atinge o profissional” (Zafir).

“(…) você passar menos tempo com seus familiares (...) No trabalho (...) eu já avisei pro pessoal, olha, é, eventualmente, eu vou chegar tarde, mas, aí eu fico além, pra compensar (Heitor).

2) Risco relacionado ao “ônus” de trabalhar com os problemas dos outros, e o sofrimento pela proximidade ao sofrimento do outro, e pela constatação da distância para o ser humano “nessa acepção maior da palavra”.

Tem um ônus por trás muito pesado, quando a gente trabalha com problemas dos outros (...) formamos um grupo com uma amiga psicóloga para nos apoiar. (Zafir)

Às vezes, traz uma perspectiva muito negativa, você começa a olhar o mundo como um lugar ruim, onde a maior parte das pessoas sofre mesmo. (Luisa)

Algumas coisas são sofridas (...) a gente vê o quanto que a gente está distante do ser humano nessa acepção maior da palavra. (Paulo)

3) Risco de frustrações com o trabalho, rejeição daqueles que, a princípio, seriam beneficiados, e até de conquistar inimigos.

“A gente tem muitas frustrações, né, muitas angústias” (Bruno).

“Resposta é negativa ao meu trabalho (...) porque, às vezes, eu aperto o calo dele, né, eu chamo a atenção, coisa que ele nunca gostou” (Zafir).

“A gente também acaba conquistando os inimigos, né, que às vezes você tem que tomar atitudes que não bate, que eles não aceitam” (Safira).

“Porque (...) alguém precisa tomar essa iniciativa (...). Alguém tem que tomar uma atitude, alguém direciona a situação” (Hortênsia).

4) Risco de denúncias anônimas

“risco de denúncias anônimas, e pode gerar consequências na mídia (...) e que não podem mais ser consertadas” (Zafir).

5) Risco decorrente do modo como se dá a interação

“pode manter uma relação de dominação (...) oprime quem precisa disso que o voluntário tem” (Bruno).



6) Risco pela falta de qualificação da pessoa voluntária

“de repente, ela não seria a mais qualificada pra fazer isso, mas ela faz por não ter [quem faça]” (Zafir).

7) Risco de avaliação precipitada

“nós já tivemos casos, assim, em Girassóis, teve um grupinho ali, aquele grupinho de jovens tava fumando um cigarro e já deduziu que aquilo era droga, que a instituição era lugar de pessoas que usavam droga fácil, aí o voluntário nunca mais voltou” (Safira).

8) Risco de descontinuidade da atuação, tanto para o beneficiário quanto para o voluntário

“Abandonar a comunidade (...) abandona, né, sem pensar nas consequências éticas desse abandono, né, do trabalho” (Bruno).

“Os voluntários vão por muito tempo e depois param de ir, eles ficam com esse impacto muito forte (Luisa).

“Desistir é a mesma coisa dele não ter começado” (Safira).

“O mundo (...), ele te oferece algumas coisas, a sociedade te exige alguma coisa que, às vezes, fazem com que você tenha risco de perder o foco da tua necessidade maior. A necessidade maior minha, hoje, (...) era realmente fazer com que acontecesse os trabalhos em Girassóis (...). Se eu largasse tudo, que isso é possível, é, eu acho que eu ia criar um vazio muito grande em mim”.  
(Zafir)

## Benefícios

Segundo os entrevistados, os maiores beneficiados da atuação voluntária são eles mesmos, pelo prazer de ajudar e pela oportunidade de crescimento pessoal.

“O maior beneficiado tá sendo o Zafir, não só pelo prazer de ajudar né, mas pelo prazer de, prazer não, mas oportunidade, também, de ver as minhas limitações, conseguir percebê-las e, o principal, tentar combater, né”. (Zafir)

Os benefícios da prática voluntária dizem respeito a “ganhos”, de diversas ordens, cujos relatos estão associados aos três subtemas: Crescimento pessoal; Reconhecimento e autorreconhecimento; e Multiplicação da postura voluntária.

- **Crescimento pessoal.** Crescimento pessoal está associado, pelos entrevistados, com “ganhos” de todas as ordens, relacionados a todas as dimensões da vida. Esses ganhos são trabalhados de “maneira mais real” no contexto do voluntariado pelo fato de a pessoa estar ali por querer, por uma necessidade dela:

“no trabalho voluntário, como você tá ali porque você quer, por uma necessidade sua, você consegue trabalhar esses ganhos de uma maneira mais real, mais tranquila e, e eles são de todas as ordens, não dá pra perceber, nem quantificar nem dizer, né, onde se atinge esse ganho”. (Zafir).

Os relatos de crescimento pessoal, abaixo, são narrados como ganhos pessoais associados à vivência do voluntariado.

ele [o ganho] vai desde uma ordem interna de sentimentos (...) à facilidade de falar em público, a aumentar a paciência, né, no dia-a-dia, com o outro, nas relações (...). Eu acredito que o Zafir, há dez anos atrás, era uma outra pessoa (...). Eu sinto um ganho né, uma modificação em questão da família (...) o próprio ambiente de trabalho (...) no próprio dia-a-dia também, no âmbito do trânsito, em qualquer canto (...) Eu já consigo enxergar situações hoje na minha vida onde surgiram eventos que há dez anos atrás eu teria uma outra forma, e eu já dou um destino diferente pra ele, pro evento. (...) Precisa melhorar muito (...) mas eu tinha mais complicações, e as limitações eram maiores. (Zafir)

Eu consegui quebrar alguns paradigmas que existiam dentro de mim (...) Uma sensibilidade maior pras coisas da vida (...) mais, é, mais humano (...) Eu não digo que eu não tenha preconceitos, (...) mas, com certeza, eles são bem menores do que enquanto não tinha o contato com as pessoas dessa ou de outras instituições dentro da minha vida. Então, isso afeta todos os lados, o familiar, o profissional, o afetivo né. Porque, porque a gente se torna mais flexível, é, tem que se tornar mais flexível, a gente tem que aceitar as diferenças (...) Então, isso é uma das coisas que eu tenho como ganho pessoal pelo serviço de voluntariado. (...) Eu fui sentindo que a minha vida foi se enriquecendo a partir do momento em que eu passei a não só olhar pro meu umbigo, que eu consegui despertar, acordar mesmo pra despender uma parte do meu tempo para alguém de fora que não fosse o eu, fosse o outro, isso me fez (...) muito bem pro meu eu. (Heitor)

A questão do convívio com uma outra realidade, né, porque eu acho que na nossa cultura, no nosso meio social, a gente vive bastante alienado (...). Uma consciência mais ampla, né, de você, até de você ter um julgamento diferente das coisas, que você pára pra pensar de outras formas (...) Começa ver as coisas dentro de outra perspectiva, você começa avaliar (...) Traz um novo olhar pro mundo, traz, às vezes, pra sua própria vida, também (...) você vai dar um outro julgamento (...) Você tem uma diferença, assim, de julgamento, de colocação sua no mundo, também, e de olhar (...)

Eu vou tentar colocar outros pesos, outras medidas, e olhar as coisas com mais calma. (Luisa)

Manter uma certa coerência ética (...) coerência profissional (...) manter a certeza de alguns valores que fizeram parte da minha formação como pessoa e minha formação profissional (...). Possibilidades de crescimento (...) compreensão mais profunda da experiência humana (...). A partir deles eu me veja crescer (...) eu me veja melhor como profissional e como pessoa (...) ganho, obviamente, subjetivo (...) construir novas identidades, novos pertencimentos, novos vínculos (Bruno).

Você conseguir amar sem se preocupar com que tipo de pessoa você tá amando, sentir igual, somos iguais, o que eu gostaria, se eu tivesse naquela situação, eu gostaria de encontrar alguém que me amasse com todas as minhas limitações. (Hortênsia)

Eu tenho aprendido coisas (...) respeitar (...) amar (...) cuidar (...) ter paciência. Eu aprendi muito. Eu me fiz, eu me cresci, eu me, eu amadureci, eu aprendi a ser, não uma boa, a perfeição, mas, pelo menos, assim, a cada dia conquistar um pouco (...) tudo sendo voluntária (...) me ajudou a lidar em todos os setores. (Safira)

- **Reconhecimento e autorreconhecimento.** O reconhecimento por parte da instituição, e, particularmente, por parte da pessoa beneficiária, manifestada por agradecimento e afetividade, constitui-se um benefício na medida da satisfação que proporciona. Também o auto-reconhecimento da própria capacidade de mudança de entendimento e de atitude proporciona satisfação, e é narrado como ganho da atuação voluntária.

O reconhecimento como benefício para o voluntário é enfatizado nas duas seleções a seguir.

Reconhecimento pelo trabalho (...) reconhecimento da instituição. Mas, o que mais importa é o reconhecimento dos meninos (...): “tio, eu gosto de você, muito obrigado por você estar aqui” (...). Dentro dos jovens que a

gente acompanhou o crescimento, ouvi, mais de uma vez, que eu era parte da família deles (...). Eu ganho é abraçar o menino no final do encontro e ele tá chorando e agradecendo a você por dar a ele uma oportunidade. (Heitor)

Vieram agradecer (...). Tem algumas crianças que até hoje vêm atrás, o Hércules é uma dessas que a gente conviveu muito pouco e ele muito, assim, eu falo até que ele gostou de mim de graça, por todos aqueles que eu me dediquei muito mais tempo, ele ficou comigo uns três meses só, entendeu, e até hoje não tem um sábado que eu vá lá e ele não venha me dar um beijo. (Luisa)

O autorreconhecimento refere-se à interpretação de superação dos próprios limites, das próprias ideias, constituindo-se, também, como fonte de satisfação, conforme os dois relatos seguintes.

O que mais me emociona, às vezes, é vencer os meus próprios limites (...) foi muito bom vencer isso. (Zafir)

No início, a gente vai também, um pouco, assim achando que vai mudar o mundo, e a gente acha que tudo é simples, fácil, só a vontade, o querer, né, e as coisas se processam. (...) Na hora eu não entendi isso, fiquei meio chocado (...) Na sabedoria daquela mulher, uma sabedoria simples que talvez com a minha racionalidade não tivesse intuído (...). Essa dicotomia, isso pra mim foi muito interessante (...). Eu tava com a ideia infantilizada. (Paulo).

- **Multiplicação da postura voluntária.** A multiplicação da postura voluntária refere-se aos resultados da atuação voluntária junto ao beneficiário. Trata-se das mudanças no sentido desejado por ambos, voluntário e beneficiário, e que dão continuidade à postura voluntária pelo beneficiário, conforme as citações que seguem.

“É quando você resgata (...) essa capacidade da pessoa transitar na face da Terra de uma maneira diferente” (Paulo).

Outro dia eu vi a Jordana em sala de aula e eu fiquei emocionada, porque a gente fez uma brincadeira e ela quis, que geralmente era conduzida por uma de nós, né? Mas aí eles queriam conduzir e a gente deixou, que era pra chamar os amiguinhos e tal, né? Só que ela manteve uma postura assim tão de não fazer diferença com ninguém, de não chamar primeiro os amigos dela, de não chamar Lívia, Sigmund, que têm dificuldade, por último, e também não chamar primeiro para não mostrar a diferença, de não chamar o que tinha acabado de chegar nem muito primeiro, nem muito por último. Assim, tivesse sido qualquer um de nós, não tinha feito melhor, entendeu? (Luisa)

Acreditar que você pode ter sido parte desse sucesso (...) acreditar que ali faz alguma diferença o trabalho (...) cria predisposições diferentes, para uma outra realidade, um outro ambiente, outros valores. (Luiza)

Ver, de fato, né, de fato, algo sendo mudado na vida deles (...) vê-los construir uma vida diferente, né, uma vida não que eu desejo, né, mas uma vida melhor pra eles, né, porque a gente deseja sempre muita coisa, mas e o que eles desejam realmente? (Zafir).

Se você analisar o paradigma do que era antes desses meninos serem auxiliados por essa instituição e depois, anos depois, você vê que houve uma mudança de referencial (...) alguma coisa aconteceu que eles viram uma possibilidade (...). Primeiro é você ‘enxergar’ uma coisa boa, segundo é você achar ‘eu posso’, e terceiro é falar ‘eu quero’. (Heitor)

Um menino falou assim “tia, eu não consigo roubar mais” (...) “Eu tenho impressão que quando eu vou roubar eu to roubando você, se eu não te conhecesse eu teria te roubado” (...) Então o trabalho de voluntário serviu para alguma coisa, né, pelo menos ele nasceu, o amor que ele sente por

... você não deixa que ele faça com outros (...). Você vê o Eugênio, né, o Eugênio era um presidiário, um menino que vivia fugindo da justiça, roubava, vendia droga, e hoje ele tem sua casa, tem seu emprego, a esposa tem um emprego, quer dizer, eles estão tendo uma vida totalmente diferente, você vê que foi um trabalho de voluntariado, não só meu, mas de vários voluntários que trabalharam juntos comigo. (Hortênsia)

### **Voluntário ideal**

Neste item são apresentadas as falas que indicam a compreensão dos entrevistados quanto a características que pretendem mudar, manter ou desenvolver, isto é, o que eles consideram relevante em um bom voluntário e na prática do voluntariado. Os sentidos de voluntário ideal estão relacionados a três subtemas: Democrático, Ênfase no processo e Comprometimento duradouro.

- **Democrático.** O voluntário ideal é democrático, isto é, não impõe, não é autoritário.

“... é melhor do que eu como voluntária (...) eu imponho (...) eu sou muito autoritária” (Hortênsia).

- **Ênfase no processo.** Ênfase no processo diz respeito ao fazer no agora, à atuação sem contar com garantia de resultado, enfatizando a busca destes (Zafir, Heitor, Paulo, Safira, Hortênsia), conforme as seleções abaixo.

Ainda espero muito dos outros (...). Mas tenho uma consciência maior que o melhor é não esperar. (Zafir)

O importante é que eu plantei a semente, o solo fértil, ou não, é uma circunstância que, às vezes, eu não posso ter ação sobre ela (...). O

mais gostoso é a busca (...) o processo, né, então, é a busca. Eu tô fazendo a minha parte, eu sou um buscador. (Paulo)

- **Comprometimento duradouro.** O comprometimento duradouro como referência de voluntário ideal refere-se a um comprometimento “mais maduro”, com continuidade, relacionado, pelos entrevistados, ao amor significando: forma de ajuda, romper a inércia e esperar quem quer que seja.

Leis (...) as cadeias tão cheias (...) não tá resolvendo. Então, não é por aí, é pelo amor, então eu acho que a forma que nós temos de ajudar, da sociedade ajudar é através do amor. (Hortênsia)

O amor (...) um comprometimento mais maduro (...) é o que me movimenta, faz com que eu levante: não, tem que ir porque lá tem pessoas que me aguardam. (Zafir)

O voluntário (...) tem que chegar numa instituição e esperar de tudo (...) Lidar com cada um da forma deles (...) Ele tem que entrar na instituição com amor, porque se ele não tiver amor, ele vai se decepcionar, aí, por causa de um, dez vão pagar, por causa de, por exemplo, ele chega aqui uma pessoa fala, um dos meninos fala alguma coisa que não agrada, ou xinga, ou sai de alguma coisa que eles estão fazendo, ou briga, ou uma criança fica nervosa, xinga o voluntário. Então, assim, se ele não tiver amor e olhar aquilo como, assim, uma pessoa que tá precisando ser amada, ele vai embora e não volta mais (...). Não começa um trabalho e deixa ele pela metade. (Safira)

O comprometimento duradouro relacionado à compreensão de voluntário ideal envolve, também: carinho, sinceridade, estar lá integralmente, e fazer-se instrumento de paz, conforme as citações abaixo.

“O trabalho como voluntário, para mim, se não envolver o carinho ele é incompleto” (Heitor).



“Os que mais marcam, os que mais ficam do lado bom, é esse tipo de carinho que as pessoas têm por nós”. (Safira)

Não necessariamente envolve a quantidade de horas que você fica com ela, envolve o quão você é sincero, ou quanto você consegue ser sincero, que é muito difícil, né, com os sentimentos. (Heitor)

O meu plano, e eu acho que a gente vai chegando devagar, né, é realmente tá ali integralmente, tá ali de coração. (Zafir)

O voluntário perfeito pra mim, né, seria aquela parte da oração de São Francisco que fala: ‘Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz ...’ (Zafir).

### **Experiência estética**

Experiência estética refere-se ao prazer da autoria e da artefactualidade na atuação voluntária. Neste item são apresentadas narrativas que são expressas com ênfase na emoção, indicada pelas gradações, repetições e extensão dos relatos. As experiências estéticas narradas pelos voluntários estão relacionadas a: (a) “arte de viver”: modo de viver a interação como arte, a arte de viver posicionando o outro no foco da atenção; (b) estado meditativo resultante da concentração no outro; (c) satisfação de dizer “eu fiz”, “eu fiz a diferença ali”; (d) superação dos próprios limites nesse processo; e (e) experiência da espiritualidade, em que a providência divina se manifesta prontamente. Em todos os casos, envolvendo uma felicidade “difícil de descrever com palavras”.

a) “Arte de viver”

“(...) A arte de viver, ela é traduzida pelos voluntários (...) quando você resgata alguém (...) essa capacidade da pessoa transitar na face da Terra de uma maneira diferente. Voluntário faz isso, que é arte, né? (Paulo)

b) Estado meditativo

“É como se você entrasse num estado meditativo (...) você se concentra tanto no outro que você sai de si mesmo. (...) sensações de prazer, de paz, (...) no teatro com os meninos, tudo que houver pra fora dali da minha vida fica ali pra fora da minha vida (...) você não lembra nem dos problemas que você teve há 10 minutos (...). Te dá uma sensação de paz depois, te dá uma tranquilidade...”  
(Luiza)

c) Satisfação de dizer “eu fiz!”

É uma felicidade que as palavras não vão conseguir descrever (...) A satisfação como a que eu tive hoje, de estar dirigindo com esta mesma roupa que eu estou desde as oito da manhã, tendo passado lá (...) tido mexido com obras e tendo posto cimento dentro meu carro, tal e tal, correndo pra cá e pra lá, deixado a obra na mão do empreiteiro, e vim voltando correndo pro meu trabalho, pensando que eu já tava atrasado, mas internamente tinha uma coisa que tinha pago todo aquele cansaço que era uma satisfação de saber que eu tava produzindo alguma coisa pra alguém, e alguém que poderia ou não me dar o retorno (...), mas era alguém que estava precisando. Isso que eu acho que é o pagamento, assim, que é uma felicidade que as palavras não vão conseguir descrever. Então, é, são formas de preencher nosso ser que eu não sei se as palavras conseguem definir, eu só sei que é uma satisfação interna, sabe, um, é alguma coisa que, às vezes, vem por um agradecimento, e às vezes não vem por agradecimento, vem por eu falar assim: eu fiz, que bom, eu consegui fazer. (...) Não existe nada mais pobre do que você passar por

essa vida e não fazer nada de diferente. Existe pessoa mais pobre do que aquela que só fez as mesmas coisas que os outros fizeram, sabe? E o voluntariado, ele abre pra você, ou pra quem opta, essa oportunidade. (Heitor)

d) Prazer na superação dos próprios limites nesse processo

Veza ou outra, eu volto em êxtase (...) veza ou outra, a gente sente mesmo o bem estar (...). O que mais me emociona, às vezes, é vencer os meus próprios limites (...) Eu tô em processo de mudanças, devagar eu tô quebrando isso, os próprios preconceitos em relação a contatos, a aceitar uma alimentação, uma comida, um abraço nem tanto (...) E, pra mim, isso é importante né, assim, o se doar integralmente, né, o se entregar mesmo, confiar também. A gente confia muito que existe uma proteção né, logicamente que nós temos que ter todos os, fazer a nossa parte né, os cuidados quando a gente trabalha com uma doença ou uma coisa mais séria, contagiosa (...). Um exemplo (...): uma casa que a gente está sempre sendo convidado, eles sempre fazem o almoço, faziam um almoço lá pra nós, e eu nunca comia, nunca comia, e aquela coisa toda: não, hoje não dá, sempre aquela coisa. E era puro preconceito (...). E aí, uns dois anos atrás, um ano e meio mais ou menos, eu fui, tava com muita fome nesse dia, e fui convidado, ai falei: rapaz, tá na hora de quebrar isso, e sempre me incomodando, né, tá na hora de quebrar isso né, eu não tava ainda integralmente, ai eu comecei, aceitei a comida. E estou lá todo, a cada dois meses, eu sempre almoço com eles lá, e foi muito bom vencer isso. (Zafir)

e) Vivência da espiritualidade

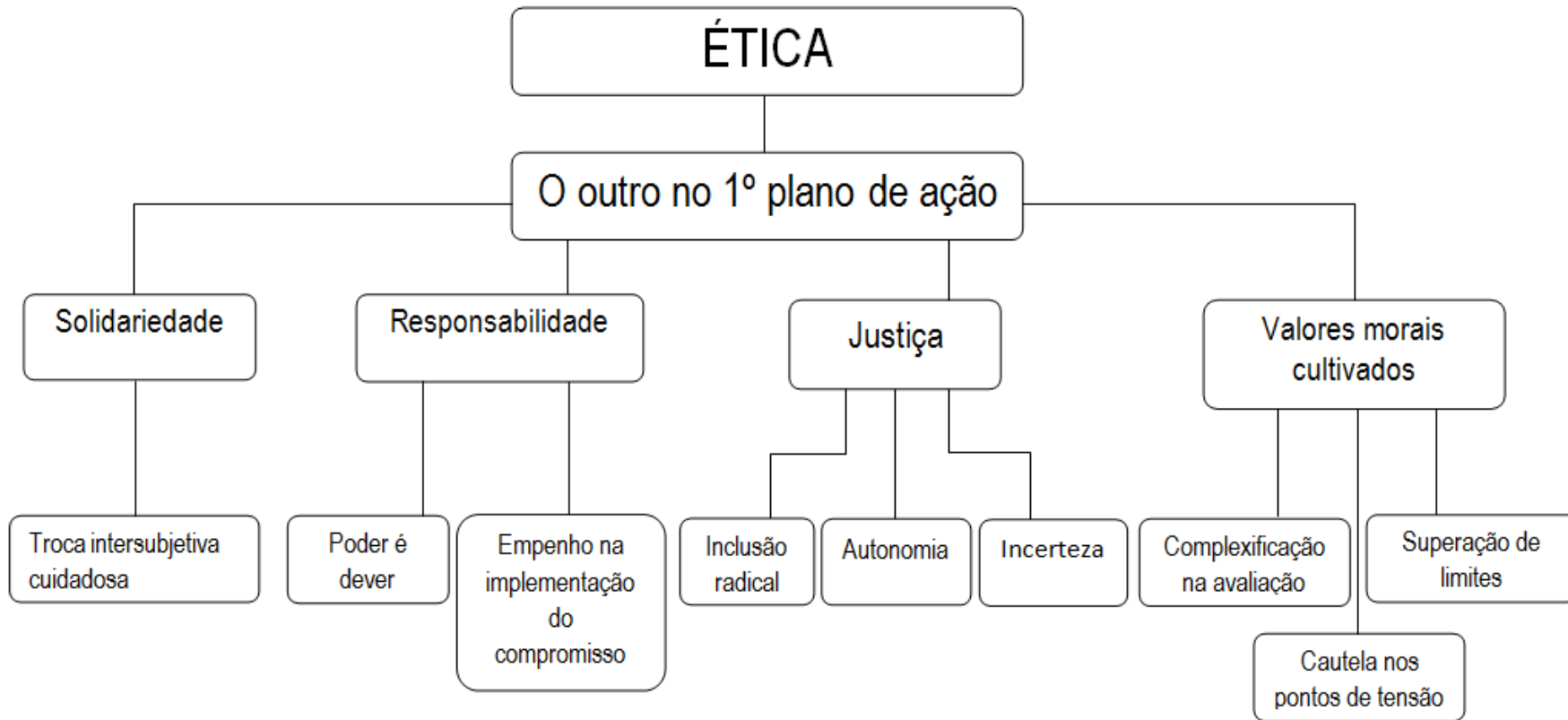
Você tem experiências com a espiritualidade (...) o menino ligar pra você e dizer assim “tia só tem cinco quilos de arroz e não tem mais pra comer”. Aí você diz assim: ah, eu vou ligar pro dono de Girassóis. Você fala assim:

Deus, você é o dono, Deus, eu não tenho condição de comprar pra tanta gente, tanto arroz. Aí, daqui a meia hora o menino: “tia, pra quem que você ligou?” Eu falei por quê? “Nós não temos mais onde botar tanto arroz”. Aí você vai pro quarto e fala: Deus, você me ouviu! Então eu acho que só você sendo voluntario pra Ele te ouvir dessa forma tão rápida e tão marcante dentro de você, sabe?! (...) E eu tenho outra experiência com Ele também: a gente tava com, a dispensa tava meio devagar, e eu já tinha ligado pra muita gente, aí chega uma senhora e pede uma cesta (...) O quê que eu vou fazer meu Deus? Ah, vou dar uma cesta pra ela, (...) Nós temos mais condição de conseguir uma cesta do que ela. Daqui a pouco, alguém, eu já liguei prum monte de gente, daqui a pouco alguém vai mandar uma cesta. E ela não tem condições, como é que ela vai sair pedindo uma cesta? Se for pro governo, ela vai ter que preencher uma ficha, vai ter que fazer cadastro, vai ser tão complicado ela conseguir essa cesta, dá a cesta pra ela. (...) Realmente baixou muito mais a nossa dispensa, e eu mandei fazer uma cesta bem recheada pra ela, porque ela tinha muitos filhos, e dá uma coisa boa pra ela. Aí, daqui a pouco, para um caminhão eu não imagino a quantidade de cestas, porque encheu um quarto de cesta, cesta básica. Então, você vê Deus mostrando, testando a tua fé, você não tem mais nada, pra ver o quê que vai acontecer, então eu acho que você acaba aumentando tua fé (...) Eu acredito e Ele mostra pra mim que eu posso acreditar. (Hortênsia)

Existem casos dela impressionantes (...) chegar no meio duma confusão, de pessoas assim que já cometeram crimes pesados, ela se envolver no meio de uma briga e, separar né, colocar cada marmanjo no seu canto, caladinho né, então são coisas assim que, às vezes, a gente não consegue explicar de onde vem essa força (...) nós acreditamos que tenha essa força maior, essa proteção. (Zafir)

A seguir, apresentamos o segundo mapa, “Indicadores relacionados aos conceitos de ética e sustentabilidade”, do modo como definidas neste estudo.

1.2. Mapa 2: Indicadores relacionados aos conceitos de ética e, portanto, sustentabilidade



## Ética

Neste segundo mapa apresentamos os indicadores relacionados aos conceitos de ética e, portanto, de sustentabilidade, conforme concepção adotada neste estudo, a partir de quatro temas, e seus subtemas, na ordem em que aparecem no mapa: Solidariedade, Responsabilidade, Justiça e Valores morais cultivados.

### Solidariedade

A solidariedade está relacionada à troca intersubjetiva marcada pelo cuidado com o outro, pelo respeito ao outro, ao diferente, ao que acabou de chegar, no momento mesmo da interação.

Ela manteve uma postura, assim, **tão** de não fazer diferença com ninguém, de não chamar primeiro os amigos dela, de não chamar Lívia, Sigmund, que têm dificuldade, por último, e também não chamar primeiro para não mostrar a diferença; de não chamar o que tinha acabado de chegar nem muito primeiro, nem muito por último. (Luisa)

Eu ampliei muito o meu olhar pro outro (...) procuro agir com mais paciência (...) procuro sempre colocar numa maneira que não quebre as relações (...) numa maneira que construa. (Zafir)

Conviver com as diferenças (...). É muito fácil (...) abraçar, beijar, estar junto com quem é “normal”, assim, entre aspas. O difícil é a gente abraçar, beijar e estar junto com quem “não é normal” (...) O futuro a gente nunca sabe se o menino vai estar ou não conosco, não é!? A gente tem que aproveitar enquanto ele está. (Heitor)

## Responsabilidade

A responsabilidade diz respeito ao compromisso consigo mesmo, de tornar-se a si mesmo cada vez melhor, bem como ao outro e à sociedade, na medida do seu poder, do seu compromisso, especialmente, do empenho na implementação do compromisso. Os indicadores de responsabilidade estão formulados a partir dos subtemas: Poder é dever, e Empenho na implementação do compromisso.

- **Poder é dever.** Poder está relacionado ao dever em três dimensões.

1) Poder é interpretado como dever pela falta de sentido em não usá-lo:

“Se eu tenho condições de mudar (...) por que não mudar?” (Paulo).

2) O que cada um pode é definido por ele mesmo, e a delimitação desse poder já implica, em si, um compromisso com o dever fazer:

“[No voluntariado] a pessoa pode e faz o que pode” (Heitor).

3) A terceira relação do poder ao dever refere-se à colocação do outro e de si mesmo como faces de exigência de dever:

“Levantar todo dia de manhã e saber que eu tenho uma responsabilidade com as pessoas que estão aí fora” (Safira).

“Onde é que a gente pode se melhorar? Trabalhar o meu orgulho, trabalhar a vaidade (...) preconceito... (Heitor).

- **Empenho na implementação do compromisso.** Empenho na implementação do compromisso refere-se ao esforço em efetivar o compromisso assumido consigo mesmo e com o outro ao delimitar seu poder, a despeito de eventuais cansaços e falta de vontade.

Nesse sábado passado eu não queria ir, tava cansada, tive uma semana super pesada, com preguiça. Fui. (...) Te dá uma sensação de paz depois, te dá uma tranquilidade. (Luisa)

Tem dia que eu tô cansado, tem dia que eu não tô com tanta vontade de ir no sábado (...) tem que ir porque lá tem pessoas que me aguardam. (...) Tem hora que eu me sinto assim indo pela raça, pela raça. (Zafir)

O empenho na implementação do compromisso inclui, também, procurar entender os papéis dos outros para deduzir o seu, e instrumentar-se para tal.

Ao longo desse tempo, eu entendi também o papel (...) e o que eu queria era isso, tentar dar esse suporte (...) acho que tenho condições (...). Psicologia (...) um curso superior, né, foram cinco anos de dedicação (...) Especialização (...) Terapia Comunitária. (Zafir)

## Justiça

Os indicadores do sentido de justiça estão formulados em torno de três subtemas: Inclusão radical, Autonomia, e Incerteza.

- **Inclusão radical.** Inclusão radical diz respeito ao empenho em que ninguém esteja fora da relevância tópica, considerando que ninguém é existência irrelevante. Trata-se da recusa a que existam existências não admitidas, e o esforço em possibilitar mudança, quando for o caso. A inclusão radical implica que a diferença, o diferente não afasta. E quando o faz, não o faz em definitivo.

Por que esse preconceito com criança? Essa coisa de criança abandonada? Criança, o velho, o HIV? (Hortênsia).

Problemas gravíssimos, que já mataram, que fizeram coisas absurdas, só que alguém tem que dá acolhimento para esse ser humano, alguém tem que mostrar uma vida diferente pra ele. (Zafir)



Eu tive afinidade com os excepcionais, eu tive, mas chegou num ponto em que eu não conseguia mais aprofundar a minha relação com eles (...). Quando a Jade (...) aquela menina tão cheia de vida perdeu os movimentos (...) isso foi muito marcante pra mim (...). Talvez tenha sido essa uma dificuldade que eu tenha tido lá no passado, com os excepcionais (...). E aí, eu vi na Jade, de repente, a oportunidade de eu estar de novo exercitando isso. (Heitor)

- **Autonomia.** Autonomia diz respeito à busca de promover a emancipação do outro a partir do seu (do outro) próprio desejo, da crença em si, conforme as citações, a seguir, com destaque, em negrito, dado por nós.

Eu tinha um trabalho com os meninos de rua (...) e ia incentivando eles numa profissão (...) **eles foram levando a sério.** (Hortênsia)

Uma vida não que eu desejo, né, mas **uma vida melhor pra eles,** né, porque a gente deseja sempre muita coisa, mas e **o que eles desejam** realmente? (Zafir)

(...) estão ganhando um salariozinho, estão estudando, eu acho que é uma coisa boa, **se você também quiser** isso, eu vou te incentivar como eu estou incentivando eles, entendeu? Mas, **se você não quiser, eu vou gostar de você do mesmo jeito, a escolha é sua.** E, assim, você dando a oportunidade pras pessoas fazerem escolhas, elas não se sentem obrigadas a escolher (...)

**Eles viram uma possibilidade** (...). Primeiro é você ‘**enxergar**’ uma coisa boa, segundo é você achar ‘**eu posso**’, e terceiro é falar ‘**eu quero**’ (Heitor).

- **Incerteza.** A incerteza está relacionada à inquietude, à dúvida quanto a se tudo o que deveria ter sido feito foi feito, quanto a se o que foi feito o foi de modo justo e quanto ao que poderá ser feito.

Até que ponto a gente colaborou ou poderia ter colaborado melhor?  
(...) O quê que eu posso fazer a partir de agora? (Heitor)

Quando não dava para todo mundo, eu dava para as crianças. Eu era tão criança que nem essas coisas não chegavam na minha percepção (...) se realmente eu tava sendo justa com todo mundo ou não tava. (Luisa)

### **Valores morais cultivados**

Os valores morais cultivados estão apresentados em torno dos três subtemas: Complexificação na avaliação, Superação dos próprios limites e Cautela nos pontos de tensão.

- **Complexificação na avaliação.** A complexificação na avaliação diz respeito à ramificação das dimensões da mensuração ao fazer escolhas, ao tomar decisões, ao julgar.

Uma consciência mais ampla, né, de você, até de você ter um julgamento diferente das coisas, que você para pra pensar de outras formas (...) Começa ver as coisas dentro de outra perspectiva, você começa avaliar (...) Traz um novo olhar pro mundo, traz, às vezes, pra sua própria vida, também (...) você vai dar um outro julgamento (...) Você tem uma diferença, assim, de julgamento, de colocação sua no mundo, também, e de olhar (...) Eu vou tentar colocar outros pesos, outras medidas e olhar as coisas com mais calma. (Luisa)

- **Superação dos próprios limites.** A superação dos próprios limites refere-se à sua identificação, e colocação da sua superação como meta. Os limites estão associados a orgulho, vaidade, preconceitos, desconhecimentos e falta de flexibilidade.

“Nossos erros são fruto de uma ignorância”. (Zafir). “Desentendimentos são frutos de desconhecimentos”. (Paulo)

Onde é que a gente pode se melhorar? Trabalhar o meu orgulho, trabalhar a vaidade (...) preconceitos (Heitor).

Devagar eu tô quebrando isso, os próprios preconceitos (...) Enxergar os meus defeitos né, as minhas limitações, e aí quero, e é aí onde entra a dificuldade, eu acho que um passo tá dado, por tá inquieto né, já um tempo, já inquieto por algumas coisas. (Zafir)

- **Cautela nos pontos de tensão.** A cautela nos pontos de tensão é indicada pela preocupação com a ambivalência do ato moral nos limites entre disponibilidade e invasão, tolerância e indiferença, cuidado e dominação. Refere-se à insegurança entre as linhas tênues que separam disponibilidade de invasão, tolerância de indiferença, cuidado de dominação.

Pode manter uma relação de dominação, relação de dominação que deixa o voluntário numa posição confortável, de quem tem e pode, e, sutilmente, oprime quem precisa disso que o voluntário tem. (Bruno)

No meu trabalho (...) um problema lá familiar, de âmbito familiar da pessoa, tá com uma situação, tô vendo lá, tem dois filhos lá de uma amiga minha (...) e eu só vendo essa colega só adoecendo, só se prejudicando. E aí lá já tô eu inquieto: eu vou conversar com esses rapazes? Eu vou lá? Eu vou dar uma conversada? (...) Aí eu até conversei com uma amiga minha, ela:

“Zafir pelo amor de deus, não mexe com isso não, você vai e daqui a pouco essa colega vai chegar e vai falar pra você não se meter na vida dela”. Que ela desabafa muita coisa comigo, ela conversa muita coisa. E assim, e aí isso, às vezes eu vejo, tô no meio de um grupo, e vejo a pessoa com problema, tá passando por dificuldade, às vezes até pessoa distante de mim, eu já me disponibilizo. (Zafir)

Cautela nos pontos de tensão evidencia que a disposição para o convívio acolhedor não o torna, por isso, sempre tranquilo, pois não implica evitar conflitos a qualquer custo, apenas colocar outros pesos, outras medidas. Mas, cautela não implica omissão ou negligência no questionamento dos limites do outro.

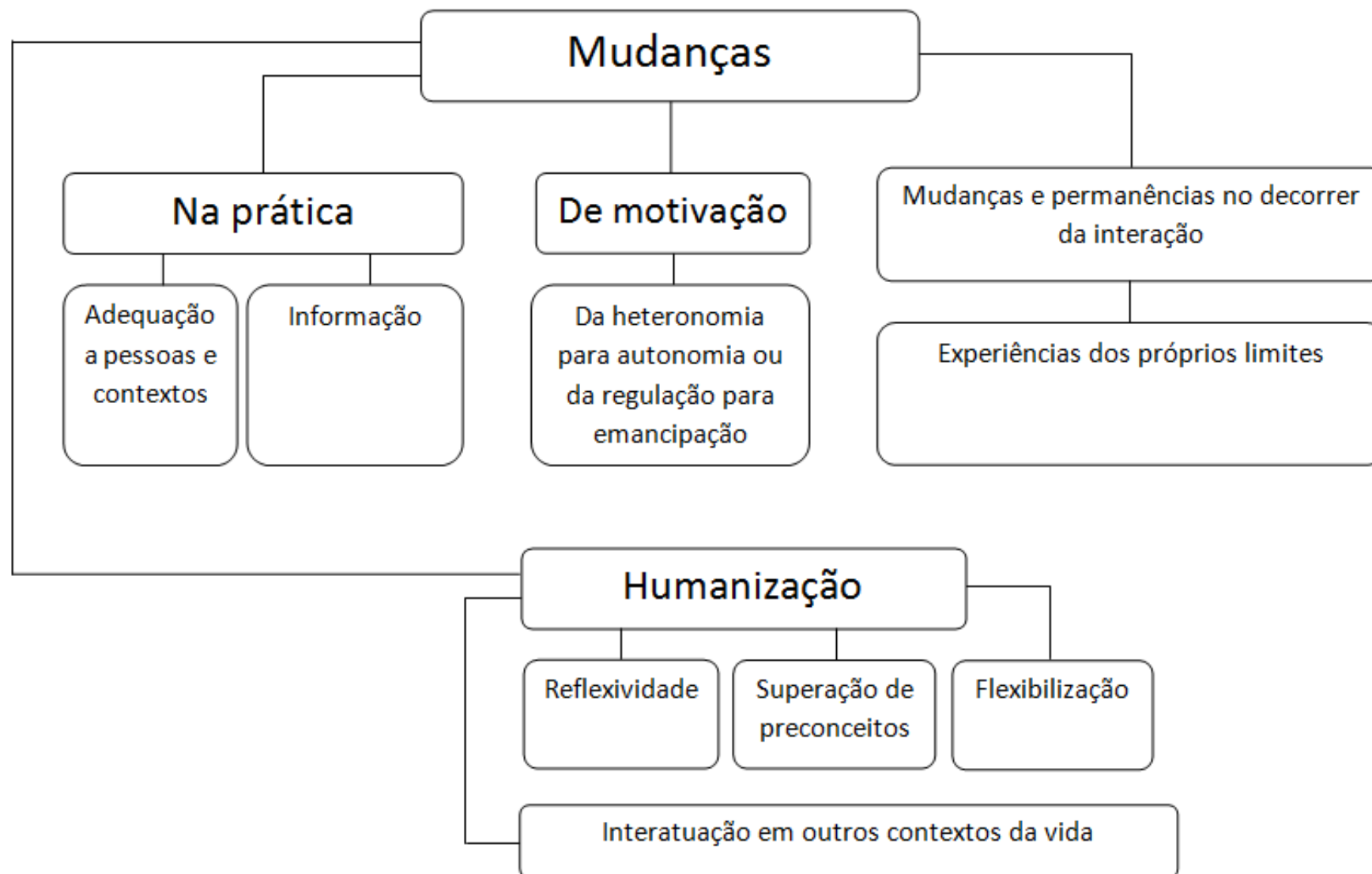
Eu não tenho uma política de ser, como é que se diz, excessivamente benevolente: tem que perdoar tudo porque tem uma condição mínima, não é bem assim, entendeu? Mas, eu vou tentar colocar outros pesos, outras medidas, e olhar as coisas com mais calma. (Luiza)

Às vezes, eu aperto o calo dele, né, eu chamo a atenção, coisa que ele nunca gostou. (Zafir).

Às vezes, você tem que tomar atitudes que não bate, que eles não aceitam. (Safira)

A seguir, apresentamos o terceiro e último mapa semântico, o qual enfatiza as mudanças de posicionamentos referidas pelos entrevistados em suas narrativas relacionando-as à atuação voluntária.

**1.3. Mapa 3: Mudanças a partir da atuação voluntária**



## Mudanças

As mudanças são transformações, no momento da interação ou no decorrer do tempo, relacionadas à atuação voluntária pelos entrevistados. Elas são apresentadas a partir de quatro temas: Mudanças na prática, Mudanças de motivação, Mudanças e permanências no decorrer da interação e Humanização.

### Mudanças na prática

As mudanças ocorridas na prática da atuação voluntária estão relacionadas a adaptações a pessoas e contextos, e à informação buscada na formação acadêmica, pelo entrevistado, visando a instrumentar-se para a atuação naquela instituição, Girassóis. As mudanças na prática da atuação voluntária serão apresentadas, a seguir, conforme o mapa, a partir dos dois subtemas: Adequação a pessoas e contextos e Informação.

- **Adequação a pessoas e contextos.** A primeira, adequação a pessoas, refere-se à evolução de dinâmicas e didáticas, e adaptações específicas a partir do conhecimento do outro. A segunda, adaptação a contextos, refere-se à mudança de local de trabalho voluntário, considerando as próprias limitações; e mudança de atividade, considerando as limitações do contexto.

Dentro do próprio trabalho houve evoluções (...) as dinâmicas e didáticas que você usava antes, você começa a modificar depois, você começa a sentir aquelas que funcionam mais, e que funcionam menos, é, você começa, com a própria criança, conhecendo cada criança, o quê que contribui mais para aquela criança, o que contribui menos, né? Você vai tendo uma experiência até de sala de aula, de repente, até que possa aplicar em outros contextos depois. (Luisa)

Iniciei fazendo o apoio simplesmente da presença física, né, um apoio, às vezes, psicológico, verbal, de estar lá, de conversar com as pessoas. Depois achei que era necessário fazer algo material (...) doações e essas coisas todas. Depois (...) achei que eu podia ajudar Girassóis com aquilo que eu entendia (...) pra que esses jovens pudessem (...), através desse instrumento, se integrar à sociedade (...). Nós percebemos que isso, para a pessoa que tá naquela condição, tem dia que ele acorda bem, tem dia que ele não acorda bem, tem dia que ele quer estudar, mas tem dia que ele nem, se quer, quer falar. (...) Eu não poderia cobrar das pessoas ali (...). Hoje, eu, fazer elos entre pessoas que estão predispostas, então, acho que isso pra mim basta. (Paulo)

Eu não conseguia mais aprofundar a minha relação com eles, e aí eu senti que não era ali o meu local de trabalho, mas que alguma coisa eu poderia fazer em um outro local. (Heitor)

- **Informação.** Informação refere-se ao estudo, à formação acadêmica com vistas a instrumentar-se para a atuação na comunidade de Girassóis.

“Psicologia (...) um curso superior (...). Especialização (...). Terapia Comunitária, algumas visões da terapia me ajudava bastante” (Zafir).

### **Mudanças de Motivação**

Neste item são citadas narrativas de motivação inicial e para continuidade da atuação voluntária, evidenciando a mudança a partir da prática do voluntariado. Os relatos do que motivou o início da atuação voluntária e do que motiva a continuidade, atualmente, indicam um movimento da heteronomia para a autonomia, isto é, da regulação externa (família, religião, outra pessoa, dever moral) para uma regulação interna (questão

pessoal). Em outras palavras, a mudança de motivação vai da regulação para a emancipação.

No início (...) por questão religiosa (...). Com o passar do tempo (...) fui me tornando uma pessoa mais humanitária. (Paulo)

O que me motivou (...) foram as reflexões que o espiritismo me colocou (...). Hoje, eu consigo, é, me completar como homem que eu imagino que seja, quando estou voluntariando. (Heitor)

Eu **era** religiosa (...). **Sou** muito motivada em termos de mundo, perspectiva de um mundo melhor (...). Eu queria que o mundo fosse para um lugar melhor, ainda. (Luisa)

Era muito mais por uma obrigação moral (...). Aí fui apaixonando pela coisa, aos poucos fui mudando (...) Foi sendo substituído por um, pelo desejo de ajudar realmente as pessoas, fui criando laços, né, com as pessoas. (...) Hoje, o que mais me move é tá ali com as crianças, tá com a comunidade, fazer parte da vida deles, né, e, quem sabe, até vê-los construir uma vida diferente (...). Hoje (...) uma relação de amor (...) é o que me movimenta (...) comprometimento mais maduro. (Zafir)

(...) Pra conquistar ela (...). Já não é mais, é de mim (...). Se tornou parte de mim. (Safira)

A mudança no sentido da autonomia também constitui um desejo em relação à comunidade, como um todo, associando-a à sustentabilidade:

Mobilização social sustentável, para que haja, então, uma transformação, a partir dessa ação coletiva da comunidade, de dependência à sustentabilidade, para a autonomia. (Bruno)



## Mudanças e permanências no decorrer da interação

As **mudanças** no decorrer da interação referem-se a eventos de crise, nos quais o entrevistado vivenciou limites relacionados à compreensão de que seus posicionamentos eram inadequados para lidar com a situação. Também apresentamos neste item uma mudança de concepção, do inatismo ao sócioculturalismo, no decorrer da entrevista deste estudo, ilustrada pelo percurso biográfico do entrevistado.

As **permanências** se referem a um tempo entre tempos, compreendido entre a percepção da limitação e a mudança da atuação, isto é, refere-se à continuidade da ação, mesmo depois do entendimento contrário a ela.

- Eventos de crise – vivência dos limites

Ele era um homossexual, e eu não tinha tido ainda a convivência com homossexual, muito menos homossexual que fosse soropositivo, muito menos homossexual soropositivo que morasse dentro de uma instituição que era a instituição que eu ia como voluntário (...) Aí eu me questioneei: pô, tem uma coisa errada dentro de mim (...) eu estou errado. (Heitor)

Uma mãe que agredia as filhas, e as filhas eram muito birrentas, muito nervosas, e um dia eu conversando com a mãe, a mãe foi explicar toda a história de vida dela, que ela tinha ficado órfã, ido pra FEBEM, tinha sido adotada várias vezes, e na fase que ela era adotada era maltratada porque não sabia trabalhar, ela era pega, na verdade, para trabalhar nessas casas e aí, e ela tava contando que ela ia na FEBEM, ia nas casas, que ela apanhava porque não sabia fazer as coisas, e outras vezes ela foi assediada. Então, ela acabou fugindo das casas, da FEBEM e ela acabou ficando na rua. Então

ela tinha toda uma história muito, que não pode comparar com a nossa, os nossos valores e as nossas crenças. E hoje ela diz que ela bate nas crianças pra que as crianças aprendam a fazer as coisas delas dentro de casa, lavar o tênis, arrumar as coisas delas tudo, porque ela diz 'eu sou positiva, ninguém vai ficar com essas crianças se elas não souberem fazer as coisas, se elas não souberem cuidar delas mesmas. Isso para sobreviver, porque a vida é assim, eu sou soropositivo, eu não vou tá aqui amanhã'. Então, assim, ela batia quando as crianças não queriam fazer os trabalhos dentro de casa. E aí, eu lembro que a pessoa que é mais ortodoxa do grupo, até ela ficou calada na hora, e eu fiquei olhando pra ela porque eu fiquei emudecida, eu pensei será que ela vai ter o que dizer? Porque é certo que a gente não concorda que bata numa criança, isso é óbvio (...). Mas, também, começa ver as coisas dentro de outra perspectiva, você começa avaliar que muitos daqueles indivíduos não têm a formação, é, que a gente tem (...). Então, como é que ela passa isso, essas crenças, esses valores, essas preocupações? Então, por mais que a gente possa conversar com ela e dizer que não precisa ser bem assim, que há outros recursos, dentro da realidade dela, daquilo que ela aprendeu, daquilo que ela conviveu, essa é uma linguagem, é uma linguagem válida. Aí você fica sem saber, como é que eu vou mudar, né? Aí você começa, traz um novo olhar pro mundo, (...) Tem muitas situações sim, que eles se acomodam e tal. Mas tem outras coisas por trás, que enquanto você não conhece o indivíduo, e conversa com o indivíduo, você não pode generalizar ele pela massa. Porque acho que tem muitos pais que batem pela simples agressividade, que batem sem motivo, que batem sem entender o que tá acontecendo. No caso dela, ela tinha um motivo, uma crença, um valor, e era para o bem dos meninos, entre aspas, no sentido dela, que ela entendia como sendo para o bem das meninas. Então, você tem uma diferença assim de julgamento. (Luisa)

Uma vez eu vi (...) Ela, um dia, recebeu uma doação de um tênis novinho né, de criança, perfeito, novinho, na caixa, e eu presenciei de longe ela receber isso e ela, na hora, chamou a mãe da criança que tinha recebido aquele tênis e falou “cadê seu filho? traz seu filho aqui”, e mandou o menino calçar o tênis e entrar na lama e sujar o tênis. Na hora eu não entendi isso, fiquei meio chocado (...) Ela: “não, eu faço isso porque se eu entrego aquela coisa perfeita e nova pra mãe, nada me garante que ela vá passar isso pro filho, ela pode trocar isso por drogas, ela pode fazer outro tipo de barganha”. Então isso me chocou um pouco, assim. Na sabedoria daquela mulher, uma sabedoria simples que talvez com a minha racionalidade não tivesse intuído isso. (...). Então, essa dicotomia, isso pra mim foi muito interessante (...). Eu tava com a idéia infantilizada (...) as coisas não são bem assim. (Paulo)

Uma casa (...) faziam um almoço lá pra nós, e eu nunca comia, nunca comia (...) E era puro preconceito (...) E aí, uns dois anos atrás, um ano e meio mais ou menos, eu fui, (...) rapaz, tá na hora de quebrar isso, e sempre me incomodando, né, tá na hora de quebrar isso né, eu não tava ainda integralmente, aí eu comecei, aceitei a comida. E estou lá todo, a cada dois meses, eu sempre almoço com eles lá, e foi muito bom vencer isso. (Zafir)

- Mudança de concepção do inatismo ao sócio culturalismo no decorrer da entrevista, justificado pela biografia da entrevistada

Eu acho que o voluntário ele nasce, né, com essa tendência de voluntário, de querer fazer alguma coisa (...). Desde que eu me conheço por gente (...) meus pais, meus irmãos (...). Parece que você acaba criando, levando isso. Faz parte da sua vida. (Hortênsia)

**As permanências** referem-se à continuidade da ação mesmo depois da compreensão da sua inadequação. Trata-se do tempo entre a percepção do “defeito”, a intenção de mudança e a sua efetivação. A primeira citação fecha este ciclo, nas demais, ele está em aberto.

Tá na hora de quebrar isso, e sempre me incomodando, né, tá na hora de quebrar isso (...) foi muito bom vencer isso. (Zafir)

... é melhor do que eu como voluntária (...) eu imponho (...) eu sou muito autoritária. (Hortênsia)

Às vezes o defeito ainda é tão grande que a gente reage da mesma forma há anos (...), igualzinho: vem o evento, a gente reage daquela forma (...) Enxergar os meus defeitos né, as minhas limitações (...) um passo ta dado, por tá inquieto né, já um tempo já inquieto... (Zafir)

## **Humanização**

Humanização refere-se a uma sensibilidade maior para o outro.

“Você fica mais humano, você começa ver as dores a sentir a dor do próximo, né. Eu acho que a parte humana, a gente muda muito, né, os valores da gente muda muito” (Hortênsia).

O sentido de humanização é expresso na prática pela superação de limites diversos por meio da reflexão e extensão dessa tendência para todas as dimensões da vida. As mudanças associadas à humanização pelos entrevistados são relacionadas aos

subtemas: Reflexividade, Superação de preconceitos, Flexibilização e Interatuação em outros contextos da vida.

- **Reflexividade.** A reflexividade diz respeito à avaliação como parte da escolha, a uma consciência maior, a partir do aprendizado no processo; em oposição à ação só pelo hábito. Trata-se de um potencial desenvolvido pelos entrevistados, associado por eles à experiência de voluntariado.

Uma consciência mais ampla (...) você para pra pensar de outras formas (...) Começa ver as coisas dentro de outra perspectiva, você começa avaliar (...) Traz um novo olhar pro mundo, traz, às vezes, pra sua própria vida, também (...) você vai dar um outro julgamento (...) colocar outros pesos, outras medidas, e olhar as coisas com mais calma. (Luisa)

Já consigo enxergar situações hoje na minha vida onde surgiram eventos que há dez anos atrás eu teria uma outra forma, e eu já dou um destino diferente pra ele, pro evento (...). Eu sou uma pessoa que, é, eu não aceito injustiça, mas eu procuro sempre colocar numa maneira que não quebre as relações (...). Uma resposta mal dada (...) daqui a pouco eu já tô pensando nela: (...) eu preciso combater isso. (Zafir)

(...) Qual é a tela que eu quero ver? Qual é o filme que vai passar na minha vida? (Paulo).

O que eu faço? (...) Eu tinha condições melhores do que muitas outras pessoas. (...) E aí, o que é que você está fazendo com isso? É olhar pro seu umbigo? É só querer crescer, é só ter um bom emprego, cuidar da sua família, e será que só isso basta? (...) Até que ponto a gente colaborou ou poderia ter colaborado melhor para que as coisas não acontecessem? (...) Como é que fica a lição? (...) O serviço voluntário me deu também essa oportunidade: de reflexão. (Heitor)

- **Superação de preconceito.** Superação de preconceitos refere-se à superação de paradigmas, mudança de compreensão e sentimento, em relação ao outro e a situações, a partir do questionamento da sua (in)adequação.

...eu me questionei (...) eu estou errado (...) Eu não digo que eu não tenha preconceitos, eu os tenho sim (...) mas, com certeza, eles são bem menores. (Heitor)

- **Flexibilização.** A flexibilização refere-se à mudança de posicionamento, à mobilidade no trato da diferença, ampliando, assim, as possibilidades de aproximação do outro, do diferente.

Sair um pouco desse lugar de quem tem e passa a compartilhar experiências de quem é, de quem somos. Isso ajuda a construir novas identidades, novos pertencimentos, novos vínculos. (Bruno)

Porque a gente se torna mais flexível, eu tive que me tornar mais flexível. (...) Humano, carinhoso (...) expressar melhor meus sentimentos (...) ter menos receio do contato, é, descobri a importância do contato (...). A gente tem que aceitar as diferenças, eu não posso impor o meu jeito às pessoas (...) Eu tive que me tornar mais flexível (...) isso é uma das coisas que eu tenho como ganho pessoal pelo serviço de voluntariado (...) A importância da gente aprender a conviver com as diferenças. (Heitor)

O exemplo dele, a vida dele traz, ele atinge a minha vida, né, num todo, a situação dele eu trago, eu tô sempre trazendo pra minha vida. (Zafir)

- **Interatuação em outros contextos da vida.** A interatuação em outros contextos da vida refere-se à coerência da postura voluntária com a postura em outros contextos da vida do entrevistado.

“não tem como dissociar uma coisa da outra” (Heitor).

“Imagine, eu pregar uma coisa e ser diferente daquilo que eu prego (...) eu falar de amor e não ser amor, né, falar de amizade e não ser amizade, teorizar as coisas. Então, eu acho que a pessoa tem que ser aquilo que ousou querer ser, e acha que tem que ser, se não, não é válido”. (Paulo)

“Girassóis me ajudou a lidar em todos os setores” (Safira).

“Eu tive uma oportunidade de me tornar mais humano (...) isso afeta todos os lados, o familiar, o profissional, o afetivo” (Heitor).

“Traz um novo olhar pro mundo”. (Luisa)

“Não é só em Girassóis, não é só lá em Anápolis, é desde a hora que eu acordo. Não significa que eu não cometa erros (...) tem dia que eu dou um passinho pra frente e volto quatro, cinco (...) É uma preocupação com o todo, sabe, uma preocupação com o todo. (...) Uma modificação em questão da família (...) o próprio ambiente de trabalho (...) no próprio dia-a-dia, também, no âmbito do trânsito, em qualquer canto (...) já consegui mudar a minha forma de reagir pra muita coisa. (Zafir)

Concluída a apresentação dos mapas semânticos dos temas centrais do estudo - voluntariado, ética e sustentabilidade - enfatizando os enunciados sobre voluntariado, os indicadores relacionados aos conceitos de ética e sustentabilidade e as mudanças e

permanências de posicionamentos a partir da atuação voluntária, passaremos, na próxima seção, à discussão desses resultados tecendo nossas conclusões.



## **2 – Discussão e conclusões**

### **2.1. Introdução**

O objetivo geral deste estudo foi construir um novo marco de conhecimento sobre o voluntariado, situado na interface com a ética e a sustentabilidade. Os objetivos específicos foram: (a) analisar os sentidos, posicionamentos e mudanças de posicionamentos na prática voluntária; e (b) identificar esquemas intencionais possíveis de se constituírem no contexto do voluntariado e que são congruentes com uma sociedade tendencialmente sustentável.

As perguntas que nortearam a pesquisa foram: (1) o que caracteriza as interações no contexto do voluntariado? (2) Essas características interatuam em outros contextos da vida do voluntário? (3) Que eventos colocaram os voluntários em situação de crise e em transição? (4) Que mudanças proporcionadas no contexto do voluntariado integram as possibilidades de sustentabilidade?

A discussão a seguir constitui um esforço no sentido de perpassar essas perguntas - respondidas nos Resultados, embora não de forma categórica uma a uma - ao mesmo tempo em que enfatizamos os critérios éticos de interação no contexto do voluntariado indicados nos sentidos, posicionamentos e mudanças de posicionamentos na prática voluntária; e apresentamos esquemas intencionais da subjetividade emergente no contexto do voluntariado congruentes com uma sociedade tendencialmente sustentável.

Para tanto, inicialmente, consideramos sentidos do voluntariado para discutir posicionamentos passíveis de serem assumidos nesse contexto (do voluntariado) e que são subjacentes de uma subjetividade congruente com a sustentabilidade, isto é, a possibilidade de reduzir desigualdades intrageracionais evitando uma degradação que provoque desigualdades intergeracionais (Bursztyn, 2001). Considerando-se: a complexidade e a fluidez da sociedade atual, potencializadas, de modo nunca antes experimentado, pela ciência e tecnologia; e que a sustentabilidade é um conceito global: ou se realiza para todos e em todas as dimensões da vida, ou não se realiza para ninguém.

Em seguida, partimos da biografia dos entrevistados, apresentada nos Resultados, antes dos mapas, para evidenciar o contexto da construção do *self* voluntário, isto é, a história constituinte da postura voluntária dos entrevistados. Depois apontamos critérios éticos e valores morais cultivados, destacamos aspectos da subjetividade emergente no contexto do voluntariado e suas relações com a sustentabilidade, e propomos esquemas intencionais da subjetividade emergente congruentes com a sustentabilidade.

Neste item, trechos de narrativas de mais de um entrevistado são intertextualizados, indistintamente, sem identificação de autoria, apenas indicados com aspas, e sem deslocamento, mesmo quando mais extensos, considerando a nossa participação na edição dos trechos citados.

## 2.2. Sentidos de voluntariado

O sentido do voluntariado de que falam os participantes deste estudo consiste, a princípio, em “um olhar mais atento para o outro, estar junto e tentar apoiar as pessoas a descobrir quem elas são e aonde elas pretendem chegar e estar dentro da sociedade”. Este olhar está orientado pelo desejo de ajudar o outro a “transitar de modo diferente na face da Terra, sabendo poder, e sabendo usar esse poder”, o que significa dizer: de forma cuidadosa com o outro, ajudando-o a experimentar a vida da melhor forma que juntos, voluntários e beneficiários, possam compreender e realizar (Mapa 1). Esse sentido integra noções de solidariedade, justiça e responsabilidade, do modo como definidas neste estudo (pp. 29-33), particularmente o modo de relação de poder possibilitador de igualdades (p. 31).

O interesse inicial de ajudar o outro se amplia, dialeticamente, para o interesse de, nesse processo, transformar-se, a si mesmo, de modo a, também, ele, voluntário, passar a transitar pela vida de forma diferente, “responder aos eventos” de forma diferente, “**ser, não a perfeição, mas, a cada dia conquistar um pouco**”, reconhecendo-se como o maior beneficiário, pelas mudanças, e decorrentes satisfações, proporcionadas a si e ao outro (Mapa 1).

Nesse sentido, lembramos, com Blasi (2005), que fazer-se responsável é operar na subjetividade, pela criação de uma espécie de necessidade permanente, para si mesmo, um desejo acerca de si mesmo, manifestado em ação, na qual se atualiza a ética.

Com a citação negritada, acima, assinalamos que, para esses voluntários, ser humano perfeito não é perspectiva viável. Esse posicionamento é relevante para que ajustemos o foco no movimento: tendência para. Mas, mais importante ainda, e para o que chamamos a atenção neste estudo, é que essa interpretação funda o movimento no sentido da tolerância à ambivalência. Não para submeter-se a ela, mas para vivê-la como experiência própria da condição humana, individual e coletiva. Buscando compreender a complexidade a ser considerada nas escolhas cotidianas, em vez de tentar evitá-la a qualquer preço - inclusive o da dignidade humana – simplesmente para facilitar o controle de linhas abissais (Sousa Santos, 2007b), individuais, locais ou globais. Atitude que, neste estudo, corresponde ao movimento no sentido oposto à ética possibilitadora da sustentabilidade, a qual tem a solidariedade, a justiça e a responsabilidade como elementos de base, conforme definido neste estudo.

A tolerância à ambivalência abre a possibilidade de existência, de viabilidade, de inclusão do que está além dos próprios limites, ao mesmo tempo em que eles mesmos, os limites, vão sendo transformados por essa subjetividade de fronteira, conforme definimos neste estudo (p. 48), corroborando a noção de que a compreensão pessoal pode levar a esforços para mudar aspectos da cultura coletiva, começando por contextos da vida própria imediata (Rosa, 2000b; Valsiner, 1998).

O olhar atento do voluntário para o outro, para o diferente é, dialeticamente, voltado para si e para a relação com o outro. De modo que, é a partir da sua (do voluntário) agencialidade que o outro o chama para fora da esfera dele, voluntário, e para colocar-se na posição dele, do outro. Esse movimento nos posicionamentos de si e do outro favorece a colocação do outro, de si e suas interações, como objeto de um cuidado fundamental: o de querer (e querer instrumentar-se para) mudar a si, ao outro e o mundo, para melhor, conforme ilustração, abaixo, editada a partir dos Mapas 1 e 2:

“O exemplo dele, a vida dele traz, ele atinge a minha vida num todo. A situação dele eu trago, eu estou sempre trazendo para a minha vida. A partir deles eu me veja crescer, eu me veja melhor como profissional e como pessoa, estabelecer relações de confiança e de troca, sair um pouco desse lugar de quem tem e passa a compartilhar

experiências de quem é, de quem somos. Isso ajuda a construir novas identidades, novos pertencimentos, novos vínculos”.

O olhar para si remete à noção de que fazer-se responsável é operar na subjetividade (Blasi, 2005), no estruturamento da vontade, na medida em que a pessoa se importa com uma especial ordem dos seus desejos, que quer continuar a ser guiada por eles no futuro (“uma filosofia pra vida toda”), resultando em um comprometimento tal que esses desejos modelam a integridade da pessoa (Blasi, 2005; Frankfurt, 1988).

Essa dinâmica pode ser observada na diferenciação de motivo e de prática, antes e depois da experiência voluntária, bem como na extensão de posturas de voluntariado a outras dimensões da vida. Na medida em que “traz um novo olhar pro mundo e pra própria vida, um direcionamento da vida toda; você começa a modificar, fui me tornando uma pessoa mais humanitária, eu **era** (...) eu **sou** muito motivada em termos de mundo, perspectiva de um mundo melhor (...) Imagine, eu pregar uma coisa e ser diferente daquilo que eu prego! A pessoa tem que ser aquilo que ousou querer ser, e acha que tem que ser, se não, não é válido” (Mapa 3).

O que alimenta essa dinâmica, dentre outros fatores (por exemplo, o princípio estético-expressivo, ao qual nos reportaremos adiante) é a vontade moral, a força de vontade e a integridade, construtos implicados no caráter moral, definido neste estudo como a tendência relativamente geral do sujeito a comportar-se da maneira que ele considera moral. Lembrando que as bases psicológicas para a integridade repousam na capacidade humana de construir o senso do *self* apropriando-se dos próprios desejos e ações, refletindo sobre esses processos, interessando-se pelos objetos de desejo e, também, pelo *self* desejante e atuante (Blasi, 2005), conforme ilustra a citação: “não só pelo prazer de ajudar (...) também, de ver as minhas limitações (...) tentar combater” (Mapa 1).

### 2.3. A construção do *self* voluntário

Conforme vimos na apresentação dos entrevistados por meio dos relatos de suas primeiras aproximações do fenômeno do voluntariado, independentemente de quando, ou por que motivo, o participante experimentou a prática do voluntariado, esta passou a fazer parte da vida dos voluntários entrevistados, tendendo a estender-se a todas as dimensões da vida, pelo menos como busca, nas esferas da atuação e da reflexão. A oportunidade de voluntariar, inicialmente ofertada pelo contexto, depois é buscada. Voluntariar transforma-se em oportunidade, em si, de desenvolvimento e satisfação pessoais, integrando-se como um sentido para a vida (congruente com os estudos de Elshaug e Metzger, 2001): “um direcionamento da vida toda, já faz parte, dá sentido à existência”. (Mapa 1, Benefícios).

A citação acima aponta para o que consideramos, com Blasi (2005) e Frankfurt (1988), o exemplo mais radical de estruturamento da vontade, quando a pessoa se importa tão profundamente com certos desejos, e sobre uma especial ordem do seu desejo, que quer ser guiada por eles também no futuro. Esse comprometimento pode ser tão decisivo que eles modelam a integridade da pessoa. De modo que se torna impensável (“Imagina ... a pessoa tem que ser aquilo que ousou querer ser” - Mapa 3) para ela o engajamento ou afastamento de ações e projetos que contradigam sua vontade.

A partir da experiência (conforme definida neste estudo, p. 22) de voluntariado, o sujeito entra em um *motu* de desenvolvimento com progressiva autonomia no processo, marcado pela fluidez: uma sequência de convencionalizações constituídas de um tornando-se, um em-sendo. Observa-se nos resultados apresentados nos três mapas semânticos um dialogismo nos processos em simbolização, ou seja, em convencionalização (Bartlett, 1997), por meio de uma atuação mediada pela reflexão.

O modo como a subjetividade organiza o *self* dialógico pode ser ilustrado com expressões marcadoras desse processo, nos mapas um, dois e três: “o afetivo, aceitar, compreensão mais profunda, outros pesos, outras medidas, mais calma, novas identidades, novos pertencimentos, novos vínculos (Mapa 1, Crescimento pessoal); “julgamento diferente, pensar de outras formas, quebrando os próprios preconceitos, inquieto” (Mapa 2, Valores morais cultivados); “dou um destino diferente pro evento, eu

preciso combater isso, consciência mais ampla, ver as coisas dentro de uma outra perspectiva, os preconceitos são menores, expressar melhor meus sentimentos” (Mapa 3, Humanização).

O diferencial da experiência no contexto do voluntariado, potencializador do *motu* da postura voluntária, situa-se: (a) na vontade, no desejo, na busca de atuar no sentido do próprio desenvolvimento, do desenvolvimento do outro e do mundo; e (b) no fato de que os sentidos de responsabilidade, justiça e solidariedade implicados nesse processo estão imbricados no prazer, o qual faz desta busca, e sua concretização, uma experiência estética, proporcionada de forma sempre renovada, a cada superação de limite, a cada resultado, e mesmo sem este. Porque o processo, a busca em si, transforma-se no objeto da vontade: “o mais importante é a busca, o processo, eu sou um buscador” (Mapa 1, Voluntário ideal).

Desse modo, voluntariar passa a ser uma postura, um estado de alerta, uma atenção especial às possibilidades de mudar, de aprender e de ensinar, orientando a configuração de esquemas intencionais cujas realizações bem sucedidas são definidas como ganho pessoal, “obviamente subjetivo” (Mapa 1, Benefícios). Isso se dá de forma especial no contexto do voluntariado porque “você tá ali porque você quer, por uma necessidade sua”, por isso “você consegue trabalhar esses ganhos de uma maneira mais real, mais tranquila, e eles são de todas as ordens, não dá para perceber, nem quantificar, nem dizer onde se atinge esse ganho” (Mapa 1, Benefícios).

Depois que a pessoa experimenta o prazer da autoria na construção do *self*, na superação dos seus limites; depois que ela experimenta o prazer de ajudar o outro a também superar seus limites e a “trilhar pela vida de forma diferente” daquela que o aprisionava, às vezes literalmente; e depois de ter experimentado a esperança, fundamentada nos resultados da sua prática, de transformação do outro, de si, e do mundo, ou pelo menos do grupo onde atua, ela quer outras vezes, mais ampla e profundamente, experimentar essa satisfação, descrita como “êxtase, sensações de prazer, de paz; felicidade que as palavras não vão conseguir descrever, satisfação que não tem preço” (Mapa 1). É o que chamamos neste estudo de experiência estética.

A experiência estética integra também as transições em andamento na prática do voluntariado: mudanças de posicionamentos, de práticas e de motivações com base em informações, conhecimentos e habilidades que estão em processo de convencionalização na vivência do voluntariado. Quando, simultaneamente, outros níveis de perspicácia ética

e moral estão sendo conquistados e expressos em novas práticas e conhecimentos, em um *motu*, potencialmente, *perpetuum*, na medida do empenho na implementação do impulso moral (Mapa 2), atualizador da ética na ação, e da força da experiência estética do voluntariado (referenciada ao princípio estético-expressivo, Sousa Santos, 2007a), associada às ideias de prazer, de autoria e de artefactualidade.

Os resultados deste estudo corroboram a ideia de Sousa Santos (2007a) de que construir um mundo novo, inventar novas formas de sociabilidade, superar limites variáveis constituem experiências de artefactualidade mais fortes que podemos imaginar. Ainda mais, a autoria na artefactualidade no processo de mudança de si, do outro e do mundo. As experiências estéticas na prática do voluntariado integram o processo de definição de posicionamentos do *self* no sentido da agencialidade no enfrentamento de competições paradigmáticas com vistas às mudanças congruentes com uma sociedade potencialmente sustentável, em dialogismo com critérios éticos e os valores morais cultivados nesse processo.

#### **2.4. Critérios éticos e valores morais cultivados**

A experiência no contexto do voluntariado favorece o desenvolvimento da perspicácia ética, conforme definida neste estudo, na medida em que o outro é posicionado no primeiro plano da ação; quando há disponibilidade para esperar quem quer que seja; e para construir com ele/ela novas possibilidades humanas e novas formas de vontade (Mapa 1). Esse sentido do voluntariado cria uma predisposição para o desenvolvimento da aptidão para novas formas de sociabilidade. Uma sociabilidade com base na solidariedade assente em uma intersubjetividade cuidadosa com o outro e sua relação com ele; na responsabilidade que considera poder um dever implicando proporcional compromisso de fazer; e na justiça tendente para a inclusão radical, a autonomia e a incerteza quanto a ter feito tudo que poderia fazer (Mapa 2).

Conforme assinalamos no referencial teórico, a responsabilidade consigo mesmo, além da responsabilidade com o outro, refere-se a uma relação especial que a pessoa

tem com a própria subjetividade, quando o desejo de bem moral da pessoa se estende para além de decisões situacionais, quando ela faz a si mesma responsável por comportar-se moralmente, dentro dos limites do seu entendimento (Blasi, 2005).

Os resultados deste estudo indicam que o desenvolvimento da perspicácia ética é potencializado por esse senso de responsabilidade com o *self*, o qual é transformado em desejo de mudar a si mesmo no processo de ajudar o outro, “não só pelo prazer de ajudar, também de ver as minhas limitações, conseguir percebê-las e, o principal, tentar combater” (Mapa 1, Benefícios).

A aptidão para relações emancipatórias do outro e do *self* inclui o cultivo de valores morais como instrumentos para tal, dentre os quais assinalamos: (1) a complexificação das dimensões da avaliação, ramificando-as em direções cada vez mais distantes entre si; (2) a superação de limites, definidos pela desinformação, rigidez (em oposição à flexibilidade nos posicionamentos), preconceitos, vaidade, orgulho; e (3) cautela nos pontos de tensão, em que as ambivalências são experiências de incerteza diante do relativismo do ato moral, sem garantia de resultados previsíveis. Todos potencializando a ética da justiça, da responsabilidade e da solidariedade (Mapa 2). Todos requerendo cuidado na implicação e na reserva, e também no acompanhamento, de perto, das consequências das escolhas (Sousa Santos, 2007a).

A inquietude gerada pelos posicionamentos e agencialidades no contexto do voluntariado é ponto de partida, não apenas dos desejos e anseios, mas também do pensar e julgar, do querer e agir, fazendo emergir formas alternativas de conhecimento com critérios éticos, o qual gera práticas sociais alternativas, e vice-versa (Sousa Santos, 2007a), conforme observamos nos Mapas 1, 2 e 3.

O potencial de desenvolvimento do *self* (Josephs, Valsiner & Sugar, 1999), na perspectiva ética, a partir de relações dialógicas no contexto do voluntariado, está em que o outro, a outra cultura, é face de exigência, mas, também, de oportunidade de desenvolvimento, de satisfação, de prazer, incluindo o prazer na superação dos próprios limites, por meio da reflexão, favorecedora da flexibilização e da superação de limites diversos. Assim, o desenvolvimento na perspectiva ética, definida neste estudo como liberdade e utopia assente na solidariedade, justiça e responsabilidade (pp. 131-134 ), constitui o diferencial da experiência voluntária, exatamente por favorecer a superação de limites diversos, na medida em que o voluntário deseja e está atento às possibilidades de mudança para melhor.



Com base no exposto, afirmamos que as relações dialógicas no contexto do voluntariado possibilitam um processo de estruturação de pensamentos, sentimentos e comportamentos sobre si mesmo, os outros e o mundo em geral (Noam, 1993), configurando esquemas intencionais (González, 1997) da subjetividade congruente com a sustentabilidade. Uma subjetividade emergente (Sousa Santos, 2007a) apta e disposta a enfrentar competições paradigmáticas tendendo para a sustentabilidade, isto é, a reduzir desigualdades intrageracionais e, ao mesmo tempo, evitar uma degradação que provoque desigualdades intergeracionais (Bursztyn, 2001), reconhecendo a fluidez e infinitude desta tarefa exclusiva e verdadeiramente humana.

## **2.5. A subjetividade emergente**

A subjetividade emergente no contexto do voluntariado é potencialmente predisposta a novas formas de sociabilidades, à reflexibilidade no seu fazer social e profissional, e a propor e realizar intervenções adequadas em seu entorno sociocultural, com conhecimento e habilidade para o exercício da cidadania em contextos diversos, complexos e fluidos. Observamos que a reflexividade dos voluntários entrevistados se efetiva na disposição para revisar os próprios pressupostos, e no abrir mão de afirmações dogmáticas em favor da dialogicidade. Assinalamos que cada entrevistado é seu próprio ponto de referência, a linha de base para a comparação: antes e depois da atuação voluntária. E enfatizamos que a capacidade dos voluntários entrevistados se concretiza no descolamento, no pôr-se a favor de outra coisa e de outro lugar, de uma *u-topia*, desafiando, com uma prática, o que parece impossível, inviável, excluído, considerando-se particularmente a comunidade onde atuam.

Essa subjetividade constrói a predisposição, isto é, a vontade e aptidão, para o reconhecimento das possibilidades de atravessar as próprias linhas abissais (Sousa Santos, 2007b), no processo que identifica como de humanização, o qual associa à reflexividade, à flexibilização, à superação de preconceitos, e à extensão destas competências a todas as dimensões da vida.

Essa predisposição faz com que, diante dos limites, a subjetividade emergente tenda a não responder de forma automática, ou em definitivo, à compreensão inicial de impossibilidade de existência (ou sua incapacidade para lidar com) aquilo que está para além das suas linhas abissais (Sousa Santos, 2007b). Até porque estão atentas, ou melhor, à procura, das possibilidades de superar limites pessoais e responder à demanda do outro e aos eventos da melhor forma possível.

A situação de fronteira (Sousa Santos, 2007a) experimentada pelo voluntário, na vivência dos limites e sua superação, faz com que ele lance mão de todos os seus recursos, aproveite as oportunidades e se lance à criação, escolhendo do passado o que quer manter, abandonar ou modificar. Levando-o a converter o mundo em uma questão pessoal, e à sensação de estar participando da criação de um novo eu e de um novo mundo (Mapa 1, Experiência estética), no qual a criação de obrigações horizontais sobrepõe-se à criação de obrigações verticais (Mapa 3 - Mudanças), de modo que a participação é orientada pelo princípio da comunidade, subjacente à criação de um novo senso comum participativo, inerente às relações emancipatórias (Sousa Santos, 2007a).

A subjetividade emergente está consciente da importância das relações dialógicas (Hermans, 2001) para a travessia de linhas abissais e para a construção do novo, daí o cuidado essencial com a preservação das relações: “procuro agir de uma maneira que não quebre as relações, de uma maneira que construa” (Mapa 3, Reflexividade). E, mais importante, quando observam que a relação foi abalada, procuram recuperá-la “... uma resposta mal dada... eu preciso combater isso” (Mapa 3, Reflexividade).

Essa subjetividade emergente, encarnada em um sujeito concreto, empenhada em descobrir os potenciais inesperados do novo e superar a dormência das velhas formas, reflete em busca de respostas adequadas às novas situações e respostas novas, mais adequadas, não percebidas até então, para situações antigas. Dessa reflexão aberta para novas possibilidades de resposta pode resultar: “eu estou errado, tem uma coisa errada comigo; tá na hora de quebrar isso; o que eu posso fazer?”. Indicando não só a disposição para revisar os próprios pressupostos, como também um movimento para intervir na vida, para transformá-la, no sentido da emancipação de si e do outro (Mapa 3).

Para a subjetividade emergente no contexto do voluntariado, a responsabilidade imediata é, antes e acima de tudo, dela (Bauman, 1997; Lévinas, 1997). Ela não a transfere, por princípio, ao outro, ao Estado, à sociedade civil, ou a Deus, mesmo reconhecendo os papéis, deveres e poderes destes. Mesmo quando acreditam que a vida

é monitorada pela providência divina, eles fazem sua parte, conforme a citação editada: “a gente confia muito que existe uma proteção; logicamente que nós temos que ter todos os cuidados, fazer a nossa parte, quando a gente trabalha com uma doença ou uma coisa mais séria, contagiosa” (Mapa 1, Experiência estética)

A responsabilidade de longo prazo que orienta teórica e metodologicamente a gestão e a prática dos voluntários entrevistados pode ser evidenciada especialmente considerando as interpretações de risco para voluntários e beneficiários, e as definições de voluntário ideal (Mapa 1); os valores morais cultivados (Mapa 2); e as mudanças e permanências no sentido da humanização: reflexividade, flexibilização, superação de preconceitos e extensão desses elementos a todas as dimensões da vida (Mapa 3).

## **2.6. Convergências da subjetividade emergente no contexto do voluntariado com a sustentabilidade**

As convergências essenciais dessa subjetividade emergente descrita a partir do contexto do voluntariado com a sustentabilidade são: (1) a interpretação de que o mundo, sua retórica e seus feitos, são plurais, não se prestam a uma conclusão, mas sim a uma abertura; (2) essa abertura está orientada para a inclusão do outro, por meio de processos emancipatórios, conforme definido neste estudo, mediados pela reflexão com critérios éticos.

Pelo seu potencial transformador de teorias e práticas no sentido da emancipação e do desenvolvimento da sensibilidade ética, e de valores morais para sua experimentação no cotidiano, em todas as dimensões da vida, o voluntariado pode promover mudanças culturais, as quais nos desafiam, em âmbito global, como condição de base para a sustentabilidade. Trata-se de mudanças epistemológicas e sociais, que envolvem a redefinição dos conceitos e prática de solidariedade, justiça e responsabilidade conforme definidas neste estudo (pp. 30-33).

As possibilidades de sustentabilidade encontram materialidade no padrão da experiência dos voluntários entrevistados, em que os sentidos de solidariedade, justiça e

responsabilidade constituem um imbricado em profundidade e amplitude proporcionais à sua inextrincabilidade. Em termos de amplitude, ninguém está fora da relevância tópica, ninguém é existência irrelevante. Em termos de profundidade, esta tem a ver com a avaliação como parte das escolhas, especialmente com a ramificação das dimensões da mensuração, e seu crescimento em direções cada vez mais distantes entre si (Mapas 2 e 3), na medida das dissemelhanças entre as subjetividades e as culturas em interação.

As atitudes características do contexto do voluntariado encarnadas nos sujeitos entrevistados ilustram um imbricado de solidariedade, justiça e responsabilidade expressas no caráter moral (Blasi, 2005) requerido na atuação potencializadora da sustentabilidade, na medida em que este imbricado está relacionado à vontade moral, à força de vontade e à integridade, e está expresso pela reflexividade, com vistas à decisão moral no contexto (Mapa 3); pelo esforço na implementação do impulso moral (Mapa 2); e pelo empenho na coerência entre discurso e atuação em todos os contextos da vida cotidiana (Mapa 3).

A decisão moral consiste, inicialmente, em colocar o poder como dever: “se eu tenho condições de mudar, por que não mudar?” (Mapa 2). Depois, em questionar o que pode ser feito diante da demanda do outro, da sua própria demanda, das situações e da sociedade: “como é que eu vou mudar? Onde é que a gente pode se melhorar? O que eu faço? Será que só isso basta? Qual é a tela que eu quero ver? Qual é o filme que vai passar na minha vida?” (Mapas 2 e 3).

As respostas a essas perguntas mobilizam a vontade moral em torno do compromisso assumido com o outro e consigo mesmo, resultando em força de vontade mobilizadora do empenho para concretização da vontade moral e manutenção da integridade. A vontade moral, dialeticamente, encerra e recomeça o ciclo perguntando se tudo o que deveria fazer foi feito, e do modo que deveria ser feito. “Até que ponto a gente colaborou ou poderia ter colaborado melhor? Realmente eu tava sendo justa com todo mundo ou não tava? Como fica a lição?” (Mapas 1 e 2).

O ponto de partida para este voluntariado é “estar lá, de forma integral”. Este local, “lá”, é o local da interação com o outro, e, por isso, a fronteira entre o que o indivíduo e, por implicação, a sociedade são e o que poderão vir a ser. A forma, o modo, a dinâmica desse processo de interação envolve olhar para si, para o outro e para o mundo, procurando, simultânea e coletivamente, ver o que deve ser mantido e o que deve ser mudado; o que dificulta ou impede as mudanças de si, do outro e do mundo; o que tem

limitado ou promovido o ser humano e a sociedade (Sousa Santos, 2007a). E, a partir daí, desafiar, com uma prática, o que parece, aos paradigmas e à moral vigentes, impossível, excluído, indesejável.

Na dinâmica da subjetividade congruente com uma sociedade sustentável, a flexibilidade consiste em uma mudança de retórica da conclusão para a abertura, em não se propor um sentido definitivo ou único das coisas, mas, no empenho em manter-se a caminho, e mostrar sua fecundidade, ampliando as possibilidades de inclusão, e de novas sociabilidades no seu percurso. Trata-se de uma flexibilização que, ao mesmo tempo, requer, e pode resultar, em novos valores, afetos, interpretações, crenças, prazeres e vontades congruentes com a sustentabilidade.

## **2.7. Esquemas intencionais congruentes com a sustentabilidade**

Os esquemas intencionais dessa subjetividade emergente e construtora de uma cultura sustentável situam-se nos modos de perceber os demais existentes, isto é, aquilo e aqueles que estão além da sua linha abissal (Sousa Santos, 2007b), pessoal e coletiva. Mais precisamente, a possibilidade de sustentabilidade está no questionamento de esquemas intencionais regulados pela moral excludente, mostrada repetidamente pelas histórias humanas.

A possibilidade de sustentabilidade está em favorecer esquemas intencionais novos, em que a percepção dos demais seja a de um “tu” pessoal digno de compaixão, amor e respeito” (González, 1997, p. 131). Esse esquema intencional da subjetividade emergente é orientado pelo desejo de, na fronteira, na travessia da linha abissal, construir com o outro novas formas de sociabilidade, novos critérios de interação e novas formas de conhecimentos, e de produção deste, para fazer frente à complexidade do desafio de mudar, para melhor, a si, o outro e o mundo.

No nível local, do voluntariado, e no nível global, da sustentabilidade, os esquemas intencionais passíveis de serem construídos na experiência voluntária orientam novas ações de responsabilidade pelo outro, considerado como uma prioridade

inquestionavelmente oposta ao colonialismo. O que significa dizer que a intenção é doar e compartilhar, em vez de pilhar. No cotidiano, essa intenção em ambos os níveis, local e global, é expressa na tendência a acolher o outro, continuar esse direcionamento para a vida toda e estendê-lo a todos, próximos e distantes no tempo e no espaço.

## Considerações finais

O significado de voluntariado, neste estudo, orientou-se para o engajamento em um processo de tomada de decisão refletida, para além de uma ação “gratuita” e de um posicionamento de boa vontade. Ele é expresso em uma disposição interacional de respeito ao outro, possibilitando o reconhecimento do outro como um indivíduo ativo e responsivo. Trata-se de uma forma de solidariedade que direciona atuações diferenciadas do indivíduo no coletivo, implicando justiça e responsabilidade com o desenvolvimento do outro, da sociedade e com o próprio desenvolvimento nesse processo.

A pessoa voluntária é definida em sua radicalidade como aquela que questiona, com uma prática, aquilo que faz com que uma dada linha de ação (que na sua interpretação mudaria a si, o outro e o mundo para melhor) pareça impossível, impensável, excluída etc. Portanto, são pessoas que se lançam em situações em que têm de exercitar a ética em condições de relativismo moral. O contexto do voluntariado é potencialmente favorável ao desenvolvimento de tais atitudes, particularmente se direcionado teórica e metodologicamente na sua gestão e prática.

A atitude voluntária é especialmente favorável à formulação de imagens da realidade cada vez mais complexas, afetando o saber sobre o mundo, e, especialmente, o modo de produção desse saber. Pois, há no contexto fronteiriço do voluntariado abundância de possibilidades de experiências afetivas e artefatuais, cujos produtos e gosto pelo próprio processo alimentam a convicção de que desenvolver-se é uma habilidade que pode ser adquirida, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática. Este estudo apontou o que muda e o que permanece a partir dessa prática, enfatizando a perspectiva ética.

A mudança essencial a partir da experiência de voluntariado é da fixidez para o fluxo. As mudanças são permanentes: os voluntários estão em transição o tempo todo. No contexto do voluntariado estudado, as subjetividades se concretizam na crise e na vontade de se transformar, por meio de uma atuação mediada pelo processo de reflexão. A permanência observada foi a vontade de continuar esse processo no futuro, com vistas, não à perfeição, mas a ser cada vez melhor, e propiciar ao outro o mesmo.

Na perspectiva ética, as mudanças e as permanências convergem na busca do estabelecimento e continuidade de relações construtivas, capacitantes, abridoras de novas possibilidades de desenvolvimento emancipatório de si e do outro. Os critérios éticos da interação nesse processo estão assentes na solidariedade, na justiça, na responsabilidade, e no cultivo de valores morais para sua materialização.

A solidariedade regula o impulso inicial da atuação voluntária: colocar o outro no primeiro plano da ação. A responsabilidade regula a percepção da extensão do poder, e decorrente compromisso de usá-lo para mudar a si mesmo, o outro e o mundo; bem como o empenho na implementação do compromisso assumido, antes de tudo, consigo e em relação a si mesmo. A justiça regula a tendência a favorecer a inclusão do maior número e diversidade de outros na condição de poder, e saber usar esse poder de mudar a si mesmo, os outros e o mundo.

Os valores morais cultivados, congruentes com os critérios éticos de solidariedade, justiça e responsabilidade, incluem a complexificação da avaliação nos processos de tomada de decisão; o empenho na superação de limites gerados pela emoção e pelos referentes culturais que determinam ações julgadas, pelo próprio voluntário, inadequadas; e cautela nos pontos de tensão, onde a ambivalência do ato moral ameaça com a insegurança quando são tênues as linhas que separam cuidado de dominação, tolerância de indiferença, disponibilidade de invasão.

A convergência de esquemas intencionais da subjetividade emergente, descrita a partir da experiência humana no contexto do voluntariado, com uma sociedade tendencialmente sustentável, acontece na compreensão de que o mundo, sua retórica e seus feitos, são plurais, não se prestam a uma conclusão, mas sim a uma abertura.

O contexto do voluntariado favorece as transformações em contingências de relações humanas dialógicas, propiciando a adoção de formas de construção de conhecimento baseado em uma retórica dialógica, constituída como local de novos sentidos comuns emancipatórios, onde a noção de dignidade humana, também, em aberto, é, tácita e explicitamente, construída cotidianamente, a cada encontro.

Esse exercício favorece a construção de sentidos e significados possibilitadores da configuração do *self* tendente a posicionar a si e o outro com critérios de solidariedade, justiça e responsabilidade, configurando esquemas intencionais pertinentes em uma sociedade tendencialmente sustentável. Em outras palavras, o contexto do voluntariado é



potencialmente favorável ao desenvolvimento da subjetividade apta e disposta a enfrentar competições paradigmáticas e explorar possibilidades emancipatórias por ela abertas, efetivando vontades e convencionalizando novas formas de vontade.

A atuação no contexto do voluntariado potencializa a construção de subjetividades diferenciadas na forma de ser, fazer, compreender, desejar e atuar na complexa civilização tecnológica e globalizada contemporânea, atentas ao outro e a si, reconhecendo nas diferenças e na interação com o diferente as possibilidades de enriquecimento mútuo.

Os resultados deste estudo indicaram que o contexto de voluntariado é potencialmente favorecedor do estabelecimento de novas formas de sociabilidades; do desenvolvimento de um ser humano mais reflexivo no seu fazer social e profissional, e de cidadãos com mais capacidade para propor e realizar intervenções adequadas em seu entorno sociocultural, com conhecimento e habilidade para o exercício da cidadania em contextos diversos, complexos e fluidos. Observamos que: (1) a reflexividade se efetiva na disposição para revisar os próprios pressupostos, e no abrir mão de afirmações dogmáticas em favor da dialogicidade; (2) cada entrevistado é seu próprio ponto de referência, a linha de base para a comparação: “mais reflexivos”, “mais capacidade”; e (3) a capacidade se concretiza no descolamento, no pôr-se a favor de outra coisa e de outro lugar, de uma *u-topia*.

Esperamos contribuir para a teorização sobre contextos potencializadores de novas formas de produção de conhecimento e de desenvolvimento humano implicando ética, conforme definida neste estudo, favorecendo a emergência de subjetividades mais reflexivas e com mais capacidade de atuar em um mundo complexo, fluido, instável, frágil e globalmente interdependente.

Esperamos, também, que o conhecimento apresentado nesta Tese contribua para a fundamentação teórica e metodológica de projetos educativos, cuja gestão e prática estejam orientadas para a emancipação, isto é, para o desenvolvimento da subjetividade emergente, com habilidade e vontade de atuar com vistas à transformação do outro, do mundo e de si mesma nesse processo, encarnando os riscos, ansiedades e alegrias de viver junto.

## REFERÊNCIAS

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational behavior and human decisions process*, 50, 179-211.
- Alexander, R. (2005). Culture, dialogue and learning: Notes on an emerging pedagogy. *10a. Conference of the International Association for Cognitive Education and Psychology (IACEP)*, Durham, UK. Acessado em 14 de fevereiro de 2011, de: [http://einstein.pslc.cs.cmu.edu/research/wiki/images/c/cf/Robinalexander\\_IACEP\\_2005.pdf](http://einstein.pslc.cs.cmu.edu/research/wiki/images/c/cf/Robinalexander_IACEP_2005.pdf)
- Arendt, H. (2010). *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária. (Originalmente publicado em 1958).
- Aristóteles. (1992). *Ética a Nicomaco*. Tradução do grego, introdução e notas de Mario Gama Kury. Brasília: UnB.
- Bachelard, G. (2009). *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (1995). *Toward a philosophy of the act*. Texas: University of Texas Press.
- Bakker, A. B., Van Der Zee, K. I., Lewig, K. A. & Dollard, M. F. (2006). The relationship between the Big Five personality factors and burnout: a study among volunteer counselors. *The journal of Social Psychology*, 146, 31-50
- Barbato, S. (2011). *A construção de conhecimento mediada por novas tecnologias em sala de aula: significados e fazeres nos processos de ensino-aprendizagem de ciências no Ensino Fundamental II*. Brasília: UnB, projeto submetido ao edital PROUCA, CNPq.
- Barreto, A. (1997). *Manual do Terapeuta Comunitário*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Departamento de Saúde Comunitária.
- Bartholo Jr. R. (2001). A mais moderna das esfinges: notas sobre ética e desenvolvimento. Em M. Burzstyn (org.) *A difícil sustentabilidade* (pp.13-26). Rio de Janeiro: Garamound.

- Bartlett, F. (1997). *Remembering: A study in experimental and social psychology*. London: Cambridge University Press.
- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bauman, Z. (1997). *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus.
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed
- Bauman, Z. (2008). *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bergman, R. (2004). Identity as motivation: Toward a theory of the moral self. Em D. K. Lapsley & D. Narvaez (org.), *Moral development, self and identity* (pp. 21-45). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Bhabha, H. K. (2007). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2007). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Blasi, A. (1983). Moral cognition and moral action: A theoretical perspective. *Development Review*, 3, 178-210.
- Blasi, A. (1999). Emotions and moral motivation. *Journal for the theory of Social Behavior*, 29, 1-19.
- Blasi, A. (2004a). Neither personality nor cognition: An alternative approach to the nature of the self. Em C. Lighfoot, C. Calond & M. Chandler (orgs.), *Changing conceptions of psychological life* (pp. 3-25). New Jersey: Erlbaun.

Blasi, A. (2004b). Moral functioning: Moral understanding and personality. Em D. K. Lapsley & D. Narvaez (orgs.), *Moral development, self and identity* (pp. 189-212). New Jersey: Erlbaum.

Blasi, A. (2005). Moral character, a psychological approach. Em D. K. Lapsley & F. C. Power (orgs.), *Character Psychology and character education* (pp. 67-100). Notre Dame Press.

Blasi, A. & Oresick, R. J. (1986.) Emotions and cognitions in self-inconsistency. Em D. J. Bearison & H. Zimiles (org.), *Thought and emotion: Development of cognition, affect and social relations* (pp. 147-65). New Jersey: Laurence Erlbaum Associates.

Bock, A. M. B. & Liebesny, B. (2003). Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. Em S. Ozella (Org.), *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica* (pp. 203-221). São Paulo: Cortez.

Boff, L. (2003). *Ética e Moral. A busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes.

Branco, A. (1999). Social development in cultural context: Cooperative and competitive interaction patterns in peer relations. Em J. Valsiner & K. J. Connolly (orgs.), *Handbook of Developmental Psychology* (pp. 238-256). London: Sage Publications.

BRASIL. Lei 9.698, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Lei do Voluntariado. Diário Oficial da União, Brasília/DF, 19 de fevereiro de 1998, Seção 1.

Brockmeier, J. & Harre, R. (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 525-535.

Bruner, J. S. (1986). *Actual minds, possible worlds*. Cambridge: Harvard University Press.

Bruner, J. S. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press.

Bursztyn, M. (2001). Políticas públicas para o desenvolvimento (sustentável). Em M. Bursztyn (org.), *A difícil sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais* (pp. 59-76). Rio de Janeiro: Garamound.

Caixeta, J. E. (2006). *Guardiões da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.

Caixeta, J. E. & Barbato, S. (2004). Identidade feminina: um conceito complexo. *Paidéia*, 14, 211-220.

Carlucci, A. P. (2008). *A relação trabalho-escola na narrativa de jovens: um estudo sobre significados e posicionamentos na transição para a vida adulta*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, 190 pp.

Carson, R. (1994). *Silent Spring*. New York: Houghton and Mifflin.

Castro, J., Jiménez, B., Morgade M. & Blanco, F. (2001). La función de los mitos fundacionales en la promoción de una identidad disciplinar para la psicología. *Revista de Historia de La Psicología*, 22, 297-309.

Clary, E. G., Snyder, M. Ridge, R. D., Copeland, J., Stukas, A., A., Haugen, J. & Miene, P. (1998). Understanding and assessing the motivations of volunteers: A functional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1516-1530.

Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - CMMAD (1988). *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Acesso em 27 de março de 2011,de:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Comiss%A3o\\_Mundial\\_sobre\\_Meio\\_Ambiente\\_e\\_Developim ento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Comiss%A3o_Mundial_sobre_Meio_Ambiente_e_Developim ento).

Cnaan, R. A. & Goldberg-Glen, R. S. (2002) Measuring motivation to volunteer in human services. *The Journal of Applied Behavioral Science*, 27, 269 - 284.

Cole, M., Engeström Y. & Vasquez, O. (1997). *Mind, culture and activity*. New York: Cambridge University Press.

Cresswell, J.W. (1998). *Qualitative inquiry and research design. Choosing among five traditions*. Thousand Oaks: Sage.

Cronon, W.; Miles, G. & Gitlin, J. (orgs.). (1992). *Under an open sky: Rethinking American's Western Past*. New York: W.W. Norton & Co.

Cruvinel, F. (2001). Programa de Apoio às Tecnologias Apropriadas - PTA: avaliação de um programa de desenvolvimento tecnológico induzido pelo CNPq. Dissertação de Mestrado não publicada. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, 171 páginas.

Davies, B. & Harré, R. (2001). Positioning: The discursive production of selves. Em M.Wetherell; S. Taylor & S.Yates (orgs), *Discourse Theory and Practice* (pp. 261-271). London: Sage Publications.

Day, S. & Goddard, V. (2010). New beginnings between public and private: Arendt and Ethnographies of Activism. *Cultural Dynamics*. Acessado em 20 de março de 2011, de:

<http://cdy.sagepub.com>.

Denzin, N.K. & Lincoln, Y. (Orgs.). (1998). *Collecting and interpreting qualitative materials*. Thousand Oaks: Sage.

Dussel, E. (2000). *Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes

Elshaug, C., & Metzger, J. (2001). Personality variables of volunteers and paid workers engaged in similar occupational tasks. *The Journal of Social Psychology*, 141, 752–763.

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais.

Ferrari, R. (2010). *Voluntariado: uma dimensão ética*. São Paulo: Escuta.

Figueiredo, L. C. (2009). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Flick, U. (1998). *An introduction to qualitative research*. London: Sage.

Fracchia, J. (1991). Dialectical itineraries. *History and Theory*, 30, 153-179.

Frankfurt, H. (1988). *The importance of what we care about*. New York: Cambridge University Press.

Fraser, N. (2001). Da distribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista. Em J. Sousa (org.), *Democracia hoje: novos desafios para teoria democrática contemporânea*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Fraser, N. (2008). *Escalas de justicia*. Madrid: Ediciones Morata.

Fraser, N. & Honneth, A. (2006) *¿Redistribución o reconocimiento? Un debate político-filosófico*. Madrid: Ediciones Morata,. Colección “Educación crítica”.

Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

González, A. (1997). *Estructuras de La práxis: ensayo de una filosofía primera*. Madrid: Fundación Xavier Zubiri.

Greenslade, J. H & White, K. M. (2005). The prediction of above-average participation in volunteerism: A Test of the theory of planned behavior and the volunteers functions inventory in older Australian adults. *The Journal of Social Psychology*, 145, 155-172.

Guimarães, R. (2001). La sostenibilidad del desarrollo entre Rio-92 y Johaneburgo 2002: eramos felices y no sabemos. *Ambiente e Sociedade*. Campinas: Nepam, 9. p. 5-24.

Heller, A. (1992). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.

Halliday, M. A. K & Hasan, R. (1987). *Language, context and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.

Hardy, S. A. & Carlo, G. (2005) Identity as a source of moral motivation. *Human development*, 48, 232-256.

Heidegger, M. (1982). *Basic problems of phenomenology*. Indianapolis: Indiana University Press.

Hermans, H. J. M. (2001) The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Cultury & Psychology*, 7, 243-281. London: SAGE Publications.

- Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press.
- Jacobi, P. (1997). Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão. Em Cavalcanti, C. (org.), *Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Jonas, H. (2006). *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Josephs, I. E.; Valsiner, J. & Surgan, S. E. (1999). The process of meaning construction. Em J. Brandtstädter & R. M. Lerner (orgs.), *Action and self-development* (pp. 257 – 282). Thousand Oaks: Sage.
- Junqueira, C. (2006). *Ética e consciência moral na psicanálise*. São Paulo: Via Lettera, Fapesp.
- Kohlberg, L. (1981). *Essays on moral development*. S. Francisco: Harper & Row.
- Ladrière, J. (2001) *Ética e pensamento científico: abordagem filosófica da problemática bioética*. São Paulo: Letras & Letras/SEAF.
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.
- Leff, E. (2007). *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez.
- Leontiev, A. N. (1978). *Activity, consciousness and personality*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Leontiev, A. N. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro Editora.
- Lévinas, E. (1985). *Otherwise than being, or beyond essence*. Haia: Martinus Nijhoff.
- Lévinas, E. (1997). *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes.
- Linell, P. (1995). Dialogical analysis. Em J. Vershuerem, J-O. Östman, & J. Blommaert. *Handbook of pragmatics* (p. 575-577). Amsterdam: John Benjamins.



Linell, P. (1999). *Approaching Dialogue: Talk, interaction and contexts in Dialogical Perspectives*. Amsterdam: John Benjamins.

Madureira, A. F. A. & Branco, A. M. C. U. (2005). Construindo com o outro: uma perspectiva sociocultural construtivista do desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Org.). *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 90-112). Porto Alegre: Artmed.

Marina, J. A. (1995). *Ética para náufragos*. Barcelona: Anagrama.

Marina, J. A. (2004). *El misterio de la voluntad perdida*. Barcelona: Anagrama.

Martinet, M. (1981). Teoria das emoções: introdução à obra de Henri Wallon. Lisboa: Moraes Editores.

Maturana, R. H. & Varela, G. (1995). *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Editorial Psy II.

Matusov, E.; Smith, M.; Candela, M. A. & Liliu, K. (2007). Culture has no internal territory: culture as dialogue. Em J. Valsiner & A. Rosa (Orgs.), *Cambridge handbook of sociocultural psychology* (pp. 460-483). Cambridge: Cambridge University Press.

Midlarsky, E. (1991). Helping as coping. Em S. M. Clark (Org), *Prosocial behavior*. Califórnia: Sage Publications.

Mieto, G.S. M. (2010). *Virtuosidade em professores de inclusão escolar de crianças com deficiência intelectual*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília.

Moniz, A. L. F.(2002). Atuação voluntária nas áreas de oncologia e HIV/AIDS e a percepção dos profissionais da equipe de saúde. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília.

Moniz, A. L. F. & Araujo, T. C. C. F. (2006). Trabalho voluntário em saúde: auto-percepção, estresse e burnout. *Interação em Psicologia*. Curitiba, 10, pp. 225-243.

Moran, D. (2000). *Introduction to phenomenology*. New York: Taylor & Francis Book Ltda.

Morin, E. (1996). Epistemologia da complexidade. Em D. F. Schnitman (org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, pp. 274-289. Porto Alegre: Artes Médicas.

Morin, E. (2005). *O método 6:Ética*. Porto Alegre: Sulina.

Nesbitt, W. H., Ross, M. W., Sunderland, R. H. & Shelp, E. (1996). Prediction of grief and HIV/AIDS: Related burnout in Volunteers. *AIDS Care*, 137-143.

Noam, G. (1993). Normative vulnerabilities of self and their transformation in moral action. Em G. Noam & T. Wren (orgs), *The moral self* (pp. 209-238). Cambridge: MIT Press.

Novaes, M. E. (1972). *Psicologia da criatividade*. Petrópolis: Vozes.

ONU. (2011). *Voluntariado*. [http://www.voluntarios.com.br/oque\\_e\\_voluntariado.htm](http://www.voluntarios.com.br/oque_e_voluntariado.htm)

Peirce, P. (1990). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.

Pérez, R. G. (1989). *Introducción a la Etica Social*. Madrid: Rialp.

Piaget, J. (1992). *Le Jugement moral chez l'enfant*. Paris: PUC.

Ratner, C. (2002). *Cultural Psychology: Theory and method*. New York: Plenum Publishers.

Ribeiro, J. C. C. (2006). *Significações na escola inclusiva: um estudo sobre as concepções e práticas de professores envolvidos com a inclusão escolar*. Tese de Doutorado, não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília.

Ricoeur, P. (1995). *O justo ou a essência da justiça*. Lisboa: Instituto Piaget.

Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP.

Riesman, C. K. (1993). *Narrative analysis*. Newbury Park, CA: Sage.

Ríos, R. (2004). Universityos y voluntariado: Análisis del involucramiento en acciones filantrópicas de alumnos de la PUC. *PSYKHE*, 13, 99-155.

Roca, G. J. (1994). *Solidaridad y voluntariado*. Maliaño (Cantabria): Sal Terrae.

Rodrigues da Silva, A. (2011). *A contribuição da extensão na formação do estudante universitário*. Dissertação de mestrado não-publicada. Programa de Pós-Graduação em Educação. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 97 páginas.

Rosa, A. (1993). Hacia la normalización desde la heterogeneidad: desarrollo psicológico y educación en el niño con parálisis cerebral. Em A. Rosa; I. Montero & M. C. Lorente (orgs.), *El niño con parálisis cerebral: enculturación, desarrollo e intervención* (pp. 87-163). Madrid: CIDE.

Rosa, A. (2000a). Entre la explicación del comportamiento y el esfuerzo por el significado: una mirada al desarrollo de las relaciones entre el comportamiento individual y la cultura. *Revista de História de la Psicología*, 21, 77-114.

Rosa, A. (2000b). ¿Que añade a la psicología el adjetivo *cultura*? *Anuario de Psicología*, 31, 27-57. Barcelona: Facultat de Psicologia, Universitat de Barcelona.

Rosa, A. (2006). Recordar, describir y explicar el pasado, qué, cómo y para el futuro de quién? Em M. Carretero; A. Rosa & M.F. Gonzalez (Orgs.), *Enseñanza de la historia y memoria colectiva*. (pp. 41-52). Buenos Aires: Paidós.

Rosa, A. (2007a). Acts of Psyche: actuations as synteses of semioses and action. Em J. Valsiner & A. Rosa (orgs.), *The Cambridge handbook of Sociocultural Psychology* (pp. 205 –237). New York: Cambridge University Press.

Rosa, A. (2007b). Dramaturgical actuations and simbolic communication, or how believes make up reality. Em J. Valsiner & A. Rosa (orgs.), *The Cambridge handbook of Sociocultural Psychology* (pp. 293 – 317). New York: Cambridge University Press.

Rosa, A. & González, M. F. (2010). *Citizenship, virtues and self in multicultural societies: A view of the embodiment of values in the developing self*. A ser publicado.

Sachs, I. (1993). *Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente*. São Paulo: Stúdio Nobel/Fundação do Desenvolvimento Administrativo.

Sampaio, J. H. & Freitas, M. H. (2010). *A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: és tu a universidade que estava por vir ou esperaremos por outra?* A ser publicado.

Segato, R. L. (2005). *Raça é signo*. Série Antropologia, 372.

Selli, L. (2002). *Bioética, solidariedade crítica e voluntariado orgânico*. Tese de doutorado não-publicada, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília.

Silva, E. W. (2003). *Extensão Universitária no Rio Grande do Sul: concepções e práticas*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Simonato, A. C. (2003). Direitos universais e multiculturalismo, a posição de Boaventura de Sousa Santos. Em Santos, J. V. T., Barreira, C. & Baumgarten, M. (org.), *Crise Social e multiculturalismo, estudos de sociologia para o século XXI* (p.67-75). São Paulo: Sociedade Brasileira de Sociologia, Editora HUCITEC.

Síveres, L. (2001). *A Dimensão Humana no Processo Educacional*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável- CDS. Brasília: Universidade de Brasília.

Sousa, M. A. (1997). *As emoções e as comunicações interpessoais no cotidiano da escola pública de qualidade*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, 273páginas.

Sousa Santos, B. (2004). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Em B. Sousa Santos (org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisado*, (pp. 777-821). São Paulo: Cortez.

Sousa Santos, B. (2006). *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez.

Sousa Santos, B. (2007a). *A crítica da razão indolente, contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.

Sousa Santos, B. (2007b). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 3-46.

Stanfield, R. B. (2002). *The workshop book: From individual creativity to group action*. Toronto: Canadian Institute of Cultural Affairs.

Taylor, P. (2004). A reconstrução da complexidade ecológica sem regras: ciência, interpretação e prática reflexiva crítica. Em B. de Sousa Santos (org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisado* (pp. 559-583). São Paulo: Cortez.

Taylor, P. & García-Barrios, R. (1995). The social analysis of ecological change: From systems to intersecting processes. *Social Science Information*, 34, 5-30.

Todorov, T. (1973). *Teoria Poética*. São Paulo: Cultrix.

Umaña, I. A. (2008). *La utopía posible: Los Derechos Humanos como construcción racional del sueño*. Islas Canarias: Ediciones Baile del Sol.

Valsiner, J. (1987). *Culture and the development of children's actions*. New York: John Wiley & Sons.

Valsiner, J. (1989). *Human development and culture: The social nature of personality and its study*. Lexington, MA: Lexington Books.

Valsiner, J. (1998a). *The guided mind: A sociogenetic approach to personality*. Cambridge: Harvard University Press.

Valsiner, J. (1998b). Indeterminação restrita nos processos de discurso. Em C. Coll & D. Edwards (Orgs.). *Ensino, aprendizagem e discurso na sala de aula* (pp. 29-46). Porto Alegre: Artmed

Valsiner, J. & Rosa, A. (2007). The myth and beyond: Ontology of psyche and epistemology of psychology. Em J. Valsiner & A. Rosa (orgs), *The Cambridge handbook of Sociocultural Psychology* (pp. 23 – 39). New York: Cambridge University Press.

Vaz, H. C. L. (1986). *Escritos de filosofia*. São Paulo: Loyola.

Veiga, J. E. (2010). *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond.

Vigotski, L. S. (1989). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Vigotski, L. S. (1991). Sobre los sistemas psicológicos. *Obras escogidas* (vol. I). Madrid: Aprendizaje/Visor.

Vigotski, L. S. (1995). Historia del desarrollo de las Funciones Psíquicas Superiores. *Obras escogidas* (vol. III). Madrid: Aprendizaje/Visor.

Wallon, H. (1979). *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Vega.

Wertsch, J. V. (1998). *Mind as action*. New York: Oxford University Press.

Wiener, N. (1954). *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix.

Wiredu, K. (1997). African Philosophy and inter-cultural dialogue. *Quest*, 11, 29-41.

Young, I. M. (1999). *Justice and the politics of difference*. Princeton: Princeton University Press.